



LITERATURA DE CORDEL E REALISMO MÁGICO

ORALIDADE

POÉTICA

CULTURA

GUILHERME SILVA TRUCCO

1. Realismo mágico, Animista e a literatura de cordel

Seja na corrente conhecida como Realismo Mágico, de origem latina, ou em seu paralelo africano, o Realismo Animista, existe entre estes movimentos uma característica fortíssima de *decolonização*, intrínseca a estes eixos. Se Gabriel Garcia Márquez já dizia que não inventou nenhuma das histórias fantásticas que ocorrem na Macondo de *Cem anos de Solidão*, apenas lembrou dos causos que sua avó contava, temos, na corrente literária africana do realismo animista, uma extensa produção acadêmica que codifica esta produção literária como forma de resgate de conhecimento ancestral: Cosmologia e visão de mundo das diversas e intrincadas culturas do continente africano, que foram violenta e sistematicamente anuladas, com a catequização e imposição de uma religião e cultura que negava o conhecimento daqueles povos.

Os valores religiosos e culturais africanos foram demonizados. Isto é, caso o homem africano se recusasse a aceitar os valores coloniais do cristianismo, ele passava a não ter alma, e por consequência, tinha o mesmo valor de um animal, deixando de ser homem. Ironicamente, os valores e a religiosidade ancestrais que estes homens deveriam negar, a fim de sobreviver, versavam uma fé animista (do latim anima, alma), visão que atribuía alma para todas as coisas, sejam pedras, rios, montanhas e claro, animais.

O mesmo processo de negação e aniquilamento cultural ocorreu com os povos nativos indígenas que habitavam as terras da América Latina e do Brasil. Também as culturas ancestrais que apontavam para uma cosmologia mais ampla, que entendia o mundo ao seu redor de maneira mais próxima e viva, foram violentamente substituídas pela visão higiênica e asséptica do cristianismo europeu colonizador.

Quando temos, depois de processos de independência também conturbados e violentos em várias partes da África e da América Latina, pouco a pouco, o surgimento de uma literatura que resgata estes valores ancestrais originais dentro de uma poética, novamente a visão estrutural colonizadora se propõe a classificar esta poética como “mágica”, ou “fantástica”, termos que remetem ao exótico, simplistas, que intrinsecamente negam estas culturas como válidas, como visão de mundo, jogando-as, quando muito, para o campo dos mitos e do sobrenatural exótico.

O Brasil, neste ponto, é de singular peculiaridade, dado que é permeado pelas resistências culturais de matriz africana, bem como indígena, próprios do país da América Latina que mais se miscigenou durante o processo colonizador. Desta feita, surge o sincretismo, presente não só em religiões como a Umbanda e o Candomblé, bem como em atos cotidianos do brasileiro, que quase não percebe a síntese que faz.

É comum dizer que o Brasil não bebeu do boom do Realismo Mágico quando explodiu no restante da América Latina, sendo geralmente citado Murilo Rubião como o único representante deste filo literário. Entretanto, entendendo o “mágico” como algo intrínseco à cultura, é possível encontrar as características estéticas permeando grande parte da produção literária brasileira.

A literatura de cordel é uma documentação histórica de todo este processo de absorção da cultura colonizadora, das culturas de diferentes matrizes, digestão, e ressurgimento em uma cultura popular ditada pela oralidade, e permeada por magia. Este livro se propõe a fazer uma análise da produção da primeira geração de cordelistas, que iniciaram a tradição em terras brasileiras, e por isso mesmo, apresentam uma primeira leitura interessante sobre como as múltiplas camadas culturais iniciaram a se sobrepor, em meados do século XIX.

Serão analisados aqui textos de Silvino Pirauá de Lima (primeiro cordelista do Brasil), Leandro Gomes de Barros (primeiro disseminador do cordel de forma ampla), João Melchíades Ferreira (o cantor da Borborema), Francisco Chagas Batista (lutou na Guerra de Canutos), e Firmino Teixeira do Amaral (criador do trava-língua).

2. Breve história da literatura de Cordel

Não existe um consenso exato para o surgimento da literatura de cordel no Brasil. É correto afirmar que a literatura popular sempre foi marcada pela poesia, voltada para a oralidade de menestréis e trovadores, que perambulavam entre cidades, declamando notícias, ou mesmo histórias ficcionadas de fatos importantes. Em diversos países a poesia oral em algum momento tomou forma impressa de folhetos, em Portugal eram denominados Volantes, na Espanha pliegos sueltos, que na América de língua espanhola passaram a ser conhecidos como Compuestos ou Corridos. Desta forma, o consenso é que a literatura de cordel brasileira teve forte influência nos volantes portugueses, tanto na forma de folhetos, como na estética e poética inicial.

De modo prático, o etnólogo Câmara Cascudo considera Silvino Pirauá de Lima o primeiro poeta a publicar poesia em formato de cordel em terras brasileiras, sendo o romance Zezinho e Mariquinha considerado como marco do primeiro cordel impresso. Posteriormente, surge Leandro Gomes de Barros, que tem a data de seu nascimento (19 de Novembro) comemorada como o dia do cordelista. Leandro foi quem deu início à impressão maciça e criação de um sistema de distribuição e massificação do cordel.

Já de uma outra geração (era contemporâneo da primeira geração, mas não pertenceu ao grupo que frequentava a Popular Editora), João Martins do Atahyde foi quem deu novo fôlego à literatura de cordel. João percebeu o potencial popular dos folhetos, e tinha grande admiração por Leandro Gomes de Barros. Admiração essa que não era recíproca, dado que Atahyde é citado de forma não amistosa em alguns cordéis de Leandro. Em 1921 Atahyde compra os direitos de todas as obras de Leandro, falecido em 1918. De posse deste extenso catálogo, Atahyde funda sua própria editora, e republica todos os cordéis de Leandro, inicialmente assinalando como editor, mas posteriormente omitindo a autoria de Leandro.

Atahyde introduziu inovações e profundas mudanças na forma de se comercializar o cordel, desde a impressão, capas em xilogravura, padronização de uma quantidade de páginas menor do que a usual pela primeira geração (8 a 16), até a relação dos poetas com a editora, em contratos de direitos autorais, além de incluir pequenos anúncios eleitorais, orações e outros assuntos na quarta capa dos cordéis. Foi com Atahyde que se deu o auge do cordel brasileiro, durante as décadas de 1930 a 1950.

3. Os ciclos temáticos do cordel, e a primeira geração de cordelistas

A história da literatura de cordel pode ser identificada, grosso modo, por pelo menos 3 períodos bem característicos: no primeiro período, a maior parte da produção se concentrava nos romances de cavalaria, ou de contexto histórico europeu (herança dos volantes portugueses na temática), num segundo momento, nota-se o aumento da produção de textos com a inserção do herói popular nordestino, de caráter rural, e que se utiliza de engenho para vencer os percalços da história (seja em uma peleja de versos, uma discussão com o diabo, um caso do cangaço, ou a pobreza do sertão), e no período mais recente temos o predomínio de folhetos considerados de acontecimentos.

Entretanto, a classificação e tipificação da literatura de cordel através do tempo é um assunto de extrema complexidade. Não obstante as questões técnicas, como forma poética, métricas, ritmo já são de extensa singularidade, ainda há a questão da temática, que é de ampla pluralidade, não podendo ser definida de forma rígida através do tempo.

Muitos foram os críticos, estudiosos e autores que se debruçaram sobre a tarefa, alcançando bons resultados, porém sempre com lacunas. Ariano Suassuna (1997) propõe a classificação por Ciclo Temáticos, e tipologia de poetas populares, a saber:

Ciclos Temáticos

- a) Heroico, trágico, épico
- b) Fantástico, e maravilhoso
- c) Religioso e de moralidades
- d) Cômico, satírico e picaresco
- e) Histórico e circunstancial
- f) Amor e fidelidade
- g) Erótico e obsceno
- h) Político e social
- i) Pelejas e desafios

Tipologia de poetas populares

- a) Poeta de loas e folhetos
- b) Cantador de repente
- c) Poeta de estro, cavalgadação e reinação
- d) Poeta de sangue
- e) Poeta de ciência
- f) Poeta de pacto e estrada
- g) Poeta de memória
- h) poeta de planeta

Porém, o próprio Suassuna reconhece a complexidade da classificação: “Às vezes, porém, no ciclo heróico, no meio de um romance épico – ou em que se misturam o épico e o maravilhoso – como em *A chegada de Lampeão no inferno*, aparece um cangaceiro heróico, como se fosse um sansão sertanejo, armado com uma caveira de boi...”

De qualquer maneira, neste livro, faremos um recorte se baseando inicialmente nos ciclos temáticos propostos por Suassuna, buscando nos aprofundar portanto, dentro da produção dos autores da primeira geração de cordelistas, no ciclo Fantástico e Maravilhoso, embora, como é de se esperar, invariavelmente usarei exemplos de textos destes autores que estariam classificados dentro de um ou outro ciclo, como *Pelejas e Desafios* por exemplo, mas que ainda assim, possuem aspectos do mágico, ou animista, que gostaria de ressaltar e debater.

Já quanto a classificação por métrica, a título de conhecimento, é necessário saber que a produção de cordel contém medidas e tradições próprias. Inicialmente, por surgir da tradição oral, não existia uma preocupação tão estrutural com a métrica, nem com a quantidade de versos que compõem uma estrofe. A preocupação maior estava na rapidez e dificuldade da rima. Neste ponto, principalmente em situações de embates orais entre repentistas, quanto mais curto o verso, melhor, pois se dá menos tempo para o oponente pensar na resposta. Desta forma, nesta primeira geração de cordelistas estudada neste livro, o leitor poderá perceber que não existia ainda uma estrutura fixa de métrica, porém já havia uma preocupação inicial com a quantidade de versos por estrofe.

As métricas usuais:

- Parcela, ou verso de quatro sílabas
- Verso de cinco sílabas
- Sextilhas (estrofes compostas de seis versos)
- Setilhas (estrofes compostas de sete versos)
- Oito pés de quadrão, ou Oitavas (estrofes de oito versos de sete sílabas)
- Décimas (dez versos de sete sílabas)
- Martelo Agalopado (dez versos de dez sílabas)
- Galope a beira mar (dez versos de onze sílabas)
- Meia quadra (versos de quinze sílabas)

4. Silvino Pirauá de Lima

Nascido em 1848, em Patos, município da Paraíba, veio a falecer em 1913 na cidade de Bezerros, no Pernambuco. Segundo Câmara Cascudo, é considerado o primeiro cordelista brasileiro, com o romance História de Zezinho e Mariquinha sendo citada como o marco inicial.

Exímio violeiro, foi discípulo de Francisco Romano Caluete, com quem percorria cidades fazendo desafios de repente. Recriou em cordel o desafio ocorrido entre Caluete e Ignácio da Catingueira, embate que, reza a lenda, teria durado cerca de oito dias.

Silvino, além de violeiro, era conhecido por sua erudição. Sua preferência de produção, dessa forma, deu-se na produção dos romances em versos, composição geralmente longa, utilizando-se pra tal da estrutura de estrofes em sextilhas, embora sem métrica silábica definida.

Apesar de ter um enfoque para a reconstituição dos grandes temas ibéricos, já pode-se notar, em alguns temas na literatura de cordel de Silvino, uma primeira aproximação da imersão e mescla com a cultura de outras matrizes. Vale ressaltar que a intenção aqui não é identificar um “projeto” previamente estruturado pela primeira geração de cordelistas. Como já foi dito, a produção é plural e complexa. Entretanto, a ideia é encontrar evidências intrínsecas de um processo de aculturação antropofágica, que se deu de maneira orgânica, e não projetada.

No cordel *O Capitão do Navio* temos a história de um homem que perde todas as suas posses financeiras, têm sua mulher raptada por um capitão, com a conseqüente desestruturação do lar e separação dos dois filhos que o homem tinha com a mulher. Posteriormente, pelas forças do destino, o homem reencontra mulher e filhos, em um final feliz. O enredo básico, estaria conectado com as histórias e contos de menestréis ibéricos, entretanto, alguns detalhes nos permitem perceber desvios importantes.

Já na segunda estrofe, temos a presença do sobrenatural:

2

Num dia de sexta-feira
ouviu uma voz perguntar:
queres passar bem em moço
ou quando velho ficar?
quando foi no outro dia
a voz tornou-lhe a falar

3

Ele chamou a mulher
pegou então a contar:
há três noites desta parte
ouço uma voz perguntar
se quero ser pobre em moço
ou quando velho ficar

Uma voz visita o homem em sonho, por diversas vezes, e propõe um trato: ser rico na juventude e pobre na velhice, ou pelo contrário, pobre na juventude e rico na velhice. Embora a temática de *pacto com o diabo* seja um tema notadamente europeu/cristão advindo da lenda alemã de Fausto, e adotada na tradicional crença cristã, aqui existe uma diferença, ou desvio cultural, importante. No pacto com o diabo cristão, o personagem que obtém algum tipo de ganho do demônio (geralmente ligados à juventude, conhecimento, riqueza ou poder), deve dar em troca a sua alma. Entretanto, neste cordel de Silvino, veremos que o homem que escuta e faz um trato com a voz que lhe aparece em sonho, ao final da história, não é demonizado, pelo contrário, é tido como honrado. Em outras palavras, a circulação pelo *mágico* e *fantástico* não é penalizada com a perda de sua alma, aquilo que te permite ser considerado como homem.

Mais adiante, vemos que como parte do trato com a voz, o homem, que tinha boas posses, começa a perder tudo que tinha. Depois de perder todo seu dinheiro, terras e animais, sua mulher é raptada por um capitão de navio que atraca no porto:

26

Aí veio o capitão
fazendo muita gracinha
- Venha a meus braços, mimosa
quero dar-te uma buquinha
meu coração, minha vida
agora és toda minha

27

A mulher triste chorosa
lhe respondeu com franqueza:
seu capitão do navio
reconheço que estou presa
porém guardo até a morte
ao meu marido, firmeza

Poderíamos identificar o capitão do navio como o colonizador cristão. Aquele que aporta nas terras desconhecidas, e se aproveitando da ingenuidade do povo nativo, escraviza-o de forma violenta. De fato, ser um capitão de navio não deixa de ser uma figura bem significativa. O homem, voltando para casa, e não encontrando a mulher, sai com os filhos em busca da amada. No percurso, se depara com um rio de nado (rio grande, caudaloso), o qual tem que atravessar em duas partes. Primeiro atravessa com o filho mais velho, e o deixa em uma margem, quando volta para buscar o filho mais novo que ficara aguardando, este desapareceu. Finalmente quando retorna à margem em que deixara o filho mais velho, este também sumiu. O rio é um signo importante de limiar. O exemplo clássico aqui (embora surgiria muito tempo depois do cordel escrito por Silvino) é o conto A terceira margem do rio, de Guimarães Rosa. No contexto do poema de Silvino, pode ser lido como a travessia entre a vida e a morte (entendido em uma cosmologia cristã), ou apenas a travessia para o encantamento, entendido em uma visão de mundo de matriz indígena ou africana.

33

Com dois dias de viagem
encontrou um rio de nado
pegou o filho mais velho
foi botar no outro lado
deixando o outro mais novo
em um cantinho sentado

34

Chegou sentou o filho
voltou de cabeça baixa
chegando não acha o outro
para o outro lado da marcha
chegou lá no outro lado
procura o outro não acha

35

Ai disse o pobre homem:
ai meu deus, fiquei sozinho
já fiquei sem a mulher
agora sem meus filhinhos!
só quero que deus me seja
protetor, pai e padrinho

Depois da travessia, embora de coração partido com a perda de tudo que tinha, o homem começa a prosperar. Encontra um reino onde consegue trabalho, e o rei o tem em boa conta, acabando por se tornar conselheiro. Doze anos depois, o rei ao falecer, tem tanto apreço pelo homem, que deixa todo seu reino para o homem. Cumpria-se assim o trato com a voz do sonho. Agora que já estava ficando velho, sua riqueza começava a aparecer.

Já sendo o rei do povoado, aporta no cais um navio, além de dois soldados. Evidentemente que o navio é, sem que o capitão saiba, o que tem como escrava a mulher raptada do homem, e os soldados, os filhos desaparecidos. Depois de algumas idas e vindas, o nó é desfeito, a mulher se casa novamente com seu amado, e seus filhos são reconhecidos. O homem e a mulher são louvados, por sua integridade e honradez.

Por ser Silvino considerado o primeiro cordelista brasileiro de fato, e que tinha sua produção reconhecida como erudita, e voltada para as histórias ibéricas, gosto de pensar este *O capitão do navio* como o primeiro aparecimento dos desvios “mágicos” e encruzadas que a miscigenação cultural aporta à produção literária brasileira.

Texto completo:

O Capitão do Navio

1

Vou narrar uma história
do tempo da inocência
de um homem que sofreu
uma horrenda inclemência
sem se maldizer da sorte
sem faltar-lhe a paciência

2

Num dia de sexta-feira
ouviu uma voz perguntar:
queres passar bem em moço
ou quando velho ficar?
quando foi no outro dia
a voz tornou-lhe a falar

3

Ele chamou a mulher
pegou então a contar:
há três noites desta parte
ouço uma voz perguntar
se quero ser pobre em moço
ou quando velho ficar

4

Então lhe disse a mulher
tenho um conselho pra dar
queira padecer em moço
antes de velho ficar
você enquanto for moço
tem força pra trabalhar

5

Quando foi no outro dia
a mesma voz lhe falou
ele então lhe respondeu
como a mulher lhe ensinou
no outro dia seguinte
a desgraça começou

6

Animais que possuía
morreram e se sumiram
morreu a escravatura
os que ficaram, fugiram
vendeu a propriedade
e os bens se consumiram

7

Se acabou a riqueza
ficou ele pobrezinho
foi trabalhar de alugado
pra sustentar seus filhinhos
só não morreu na miséria
por Jesus ser seu padrinho

8

Ganhava no seu alugado
de conhecido e estranho
a sua mulher no rio
lavava roupa de ganho
as injúrias para eles
eram de todo tamanho

9

Foi um dia pro serviço
cumprir assim seu mister
às nove horas do mesmo
saiu de casa a mulher
para o rio lavar a roupa
lá em um porto qualquer

10

Nessa mesma ocasião
chegou um navio no porto
o capitão do navio
viu a mulher, ficou morto
fez logo um mau juízo
para fazer mal ao outro

11

Chamou logo os empregados
botaram nágua o escaler
o capitão do navio
saltou na barra de pé
mandou uma meretriz
pra iludir a mulher

12

A meretriz chamou ela:
mulher, conversa comigo
é tua felicidade
se fizeres o que te digo
que d'agora por diante
eu terei gosto contigo

13

Então a mulher disse:
pois diz para eu te ouvir;
a meretriz respondeu:
o que me traz por aqui
é só trazer um recado
de muito bem para ti

14

- O capitão do navio
é um homem de posição
ficou muito apaixonado
por tua linda feição
e te manda oferecer
alma, vida e coração

15

Aí a mulher zangou-se
tratou de a repelir:
mudamos esta conversa
pois eu não a quero ouvir
tu sabes que eu sou casada
para que vens me iludir?

16

- Não sejas tola, mulher
eu iludo para o bem
porque teu marido é pobre
não possui um só vintém
o capitão do navio
nada falta, tudo tem

17

- Mulher, saia-se daqui
não quero conselho teu
meu marido já foi rico
tudo que tinha perdeu
hoje me vejo em pobreza;
louvado seja, meu Deus

18

- Você com o capitão
vive limpa e asseada
anda de meia e sapato
de ouro e pedra esmeralda
pra lhe servir toda vida
nunca lhe falta criada

19

- Vaidosa iludieira
tudo isso eu tenho tido
hoje me acho em pobreza
que só possuo um vestido
honrarei até a morte
a barba do meu marido

20

O que fez a meretriz
iludindo a pobrezinha:
eu não estou iludindo
isto é caçoada minha
se fosse para iludi-la
por dinheiro eu cá não vinha

21

Depois disse a meretriz:
mulher, me faça um favor
meu marido neste instante
lá de dentro me chamou
você vai junto comigo
que eu sozinha não vou

22

A mulher lhe perguntou:
você também é casada?
disse a meretriz: eu sou
a outra ficou calada
até que se levantou
e seguiu de camarada

23

A meretriz conversava
com respeito e educação
a fim de botar a outra
na vala da perdição
até que pôde chegar
na porta da embarcação

24

A meretriz entrou logo
e a outra ficou fora
disse ela, a traiçoeira:
tarde pouco, vamos embora;
diz baixinho a meretriz:
seu capitão, é agora

25

A meretriz chamou ela
com muita delicadeza:
senhora, entre sem medo
venha ver que boniteza!
afinal tanto iludiu
que pôde deixa-la presa

26

Aí veio o capitão
fazendo muita gracinha
- Venha a meus braços, mimosa
quero dar-te uma buquinha
meu coração, minha vida
agora és toda minha

27

A mulher triste chorosa
lhe respondeu com franqueza:
seu capitão do navio
reconheço que estou presa
porém guardo até a morte
ao meu marido, firmeza

28

- Reconheço que estou presa
nas ondas do mar, perdida
já hoje me considero
uma infeliz desvalida
a barba do meu marido
hei de honrar toda vida

29

Vamos tratar sobre o homem
quando da roça voltou
diziam os filhos chorando
mamãe aqui não chegou!
podem bem imaginar
como esse homem ficou

30

Assim que ele foi chegando
estavam os filhos dando ai
disse: quedê a tua mãe?
- Nós não sabemos, papai
foi ao rio lavar roupa
até aqui não voltou mais

31

Saiu ele à procura
vagando como judeu
perguntando a todo mundo
ninguém notícia lhe deu
- Ninguém sabe, ninguém viu
aqui não apareceu

32

Voltou o homem tristonho
sem ter nenhuma demora
percorreu a vizinhança
no espaço duma hora
botou os filhos na frente
seguiu por ali afora

33

Com dois dias de viagem
encontrou um rio de nado
pegou o filho mais velho
foi botar no outro lado
deixando o outro mais novo
em um cantinho sentado

34

Chegou sentou o filho
voltou de cabeça baixa
chegando não acha o outro
para o outro lado da marcha
chegou lá no outro lado
procura o outro não acha

35

Ai disse o pobre homem:
ai meu deus, fiquei sozinho
já fiquei sem a mulher
agora sem meus filhinhos!
só quero que deus me seja
protetor, pai e padrinho

36

Saiu por ali afora
em um reinado chegou
ai falou com o rei
pra ser seu trabalhador
ficou o homem tratando
de uma horta de flor

37

Estando ele há 4 anos
nesse serviço grosseiro
como era muito sabido
certo, fiel, verdadeiro
foi tirado pelo rei
para ser seu conselheiro

38

Passando mais 4 anos
esse rei caiu doente
por não ter outra pessoa
nem no reinado um parente
chamou esse cujo homem
da coroa fez presente

39

- Senhor me acho doente
não acho quem se condoa
passo-lhe um testamento
dou de presente a coroa
tome conta do reinado
para não ficar à toa

40

Passou-lhe um testamento
pegou a coroa e lhe deu
esse rei quando fez isso
no outro dia morreu
ficou ele como dono
e o reinado como seu

41

Quando foi no outro dia
viu dois rapazes chegar
pedindo pra sentar praça
na guarda nacional;
chegando um navio no porto
fez ponto na beira-mar

42

O capitão do navio
pediu ao rei dois soldados
pra guarnecer o navio
com medo de ser roubado
foram os dois soldados novos
que tinham praça sentado

43

Um soldado disse ao outro:
homem, não sei o que faça
vivo no mundo sozinho
chorando a minha desgraça
se eu tivesse pai e mãe
não tinha sentado praça

44

Quando ele disse isto
o outro disse entre ais:
então você é como eu
que também perdi meus pais
os tormentos meus são tantos
que quase não falo mais

45

- Meu pai era um homem rico
e depois empobreceu
animais, terras e gado
tudo que tinha perdeu
ficou com a minha mãe
comigo e um irmão meu

46

- Foi um dia pro serviço
o seu dinheiro ganhar
minha mãe foi lavar roupa
em um porto à beira-mar
deu a tarde o sol se pôs
e nada dela chegar

47

- Meu pai saiu à procura
mamãe não apareceu
ele a todos perguntava
ninguém notícia lhe deu
talvez ela caiu nágua
e o peixe grande comeu

48

- Voltou meu pai para casa
consigo mesmo dizia:
não posso mais suportar
essa horrenda tirania!
ele com esse desgosto
mudou-se da freguesia

49

- Com dois dias de viagem
encontrou um rio de nado
me deixou em uma margem
em um cantinho sentado
pegou meu irmão mais velho
foi deixar no outro lado

50

- Esperei muito por ele
até que não pude mais
nada dele vir me ver
eu só, fiquei dando ai
sem parente nem aderente
sem irmão, sem lar, nem pai

51

A mulher de dentro ouvindo
quando a história acabou-se
veio olhar para os soldados
rindo com maneira doce
aí eles imaginaram
que com mau sentimento fosse

52

A mulher voltou ligeira
falou para o capitão:
doze anos desta parte
que vivo nesta prisão
se me levas no palácio
te darei meu coração

53

Respondeu o capitão:
eu pra lograr teus carinhos
te levo em qualquer lugar
meu coração, meu benzinho
só não te levo no céu
porque não sei do caminho

54

A mulher seguiu pensando
o que tinha no sentido
o capitão do navio
foi muito bem recebido
quando a mulher foi chegando
foi conhecendo o marido

55

Antes dela se sentar
disse para o rei primeiro:
mande chamar os soldados
que o navio guarneceram
para contar uma história
perante seus conselheiros

56

Levantou-se o capitão
falando de um certo jeito:
soldados não vêm à corte
porque nenhum tem respeito
não é possível, senhora
o seu pedido ser aceito

57

Aí responde a mulher:
senhor capitão, eu sei
soldado não tem respeito
falo em presença do rei
se não houvesse soldado
também não havia lei

58

Disseram os conselheiros:
está muito bem apoiado;
mandaram um portador
para chamar os soldados
o capitão ficou logo
um pouco desconfiado

59

Quando os soldados chegaram
ficaram ambos defronte
foi a mulher e lhes disse:
soldados, quero que contem
aquela história passada
que vocês contaram ontem

60

- Senhora, nós conversamos
relativo a criação
até que depois sabemos
que nós dois somos irmãos
foi essa a nossa conversa
outra não contamos, não

61

Lhes respondeu a mulher:
foi essa que eu bem sei
eu quero ela contada
é na presença do rei
para ele escutá-la
pelo artigo da lei

62

Um soldado disse ao outro:
sei que estamos enrascados
só relato esse segredo
porque me vejo obrigado;
ele aí contou o caso
do jeito que foi passado

63

- Meu pai era homem rico
e depois empobreceu
animais, terra e gado
tudo que tinha perdeu
ficou com a minha mãe
comigo e um irmão meu

64

- Um dia foi pro serviço
o seu dinheiro ganhar
minha mãe foi lavar roupa
em um porto à beira-mar
deu a tarde o sol se pôs
e nada dela voltar

65

- Meu pai saiu à procura
mamãe não apareceu
ele a todos perguntava
ninguém notícia lhe deu
talvez ela caiu n'água
e o peixe grande comeu

66

- Voltou meu pai para casa
consigo mesmo dizia:
não posso mais suportar
essa horrenda tirania!
ele com esse desgosto
mudou-se da freguesia

67

- Com dois dias de viagem
encontrou um rio de nado
me deixou em uma margem
em um cantinho sentado
pegou meu irmão mais velho
foi botá-lo no outro lado

68

- Esperei muito por ele
até que não pude mais
nada dele vir me ver
fiquei sozinho dando ai
sem parente nem aderente
sem irmão, sem lar, nem pai

69

O rei conheceu os filhos
pegou ele pela mão
mandou trajá-los de príncipes
na mesma ocasião
a mulher sempre com medo
que não tivesse o perdão

70

A mulher triste e chorosa
dando suspiro e gemido
contou logo ao esposo
tudo que tinha sofrido
por todos foi apoiada
teve o perdão do marido

71

Disse o rei ao capitão
com toda força que tinha:
consigo eu logo converso
esta mulher é minha;
deu-lhe honra competente
trajou-a como rainha

72

- Doze anos que andaste
dentro do mar degradada
levando descomposturas
sendo muito maltratada
sem ser falsa a seu marido
merece ser perdoada

73

Os filhos foram exaltados
foi perdoada a mulher
o capitão morreu logo
tentado por Lúcifer
fiquem todos na certeza
Deus protege a quem quer

74

Pegaram o capitão
não quiseram matar
fizeram uma fogueira
vivo o mandaram queimar
pegaram a cinza dele
voaram dentro do mar

75

Hoje os filhos são príncipes
ele é rei majestade
sua mulher é rainha
de alta dignidade;
deus dê a quem contou esta
saúde e felicidade

4. João Melchíades Ferreira da Silva

João Melchíades nasceu na cidade de Bananeiras, na Paraíba, em 1869. Entrou para o Exército aos 19 anos de idade, ainda na Monarquia, e foi promovido a sargento em setembro de 1893. Combateu nas campanhas de Canudos em 1897 e do Acre em 1903. Retornou de Canudos com perda de audição e do Acre com beribéri, da qual se tratou em Recife, no Rio e em Minas Gerais, onde quase morreu. Também foi regente da banda de corneteiros do 28º batalhão em S. João da Barra, no Estado de Minas Gerais. Deixou o Exército em 1904.

Sabe-se que a maior parte dos folhetos de João Melchíades foi publicada pela Popular Editora, tipografia do amigo e cordelista paraibano Francisco das Chagas Batista. Não é conhecida a data do seu primeiro folheto, mas em 1914 passou a publicá-los regularmente. O poeta lia História, Geografia, Mitologia, Romances e a Bíblia; era muito religioso e amigo de alguns frades.

Viajava anualmente para vender folhetos pelo interior, sobretudo nos sertões da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará, participando também de cantorias. Essas viagens eram feitas em época de safra. As viagens eram sempre a cavalo, levando um alforje com folhetos seus e de Chagas Batista e também terços e livros de missa.

Seu cordel mais famoso, e muito provavelmente o cordel mais famoso do Brasil, é o *Pavão Misterioso*. Como homem erudito, educado por sua avó ex-seminarista, a obra de Melchíades teve forte influência ibérica no tocante a temática. Entretanto, assim como na obra de Silvino Pirauá, não é difícil encontrar já propostas inerentes da magia e do caldo cultural de outras matrizes com o qual Melchíades convivia no Brasil.

O *Pavão Misterioso*, além de ser simbólico pela fama e popularidade que atingiu, possui uma metalinguagem bastante importante em todo o seu processo. É famosa e conturbada a discussão sobre a autoria do cordel. Muitos historiadores, como Átila Augusto F. de Almeida, afirmam que o cordel é de autoria de José Camelo de Melo Rezende, e que foi na realidade plagiado por Melchíades. Afirma-se que José Camelo era um poeta mais voltado para o cancionero, e demorou à publicar de forma impressa sua obra, o que teria dado a oportunidade de Melchíades publicar primeiro, reivindicando a autoria.

Outros pesquisadores, como Jerusa Pires Ferreira, aponta diversas semelhanças do enredo de *Pavão Misterioso*, com outro cordel de Melchíades, o *Roldão no Leão de Ouro*. Este último, de autoria incontestada de João, e publicado anteriormente ao Pavão. Em *Roldão*, aparecem já a estrutura de: a) uma donzela é aprisionada pelo próprio pai em uma torre; b) um nobre estrangeiro se apaixona por um retrato da donzela, e viaja em busca dela; c) o estrangeiro pede para um homem habilidoso construir uma máquina que permita chegar à donzela (o leão de ouro, ou o Pavão); d) o estrangeiro consegue casar-se com a donzela. Estrutura essa que é baseada na história de um episódio de Carlos Magno e os doze pares da França, além de possuir certas semelhanças também com a passagem do Cavalo de Tróia, na *Iliada* de Homero. Esta comparação permitira afirmar que o cordel seria de autoria do erudito Melchíades, ou pelo menos, ele teria reescrito o texto do *Pavão Misterioso* dentro de sua própria poética, e não meramente plagiado.

É importante notar que toda esta polêmica da autoria, em si mesma, dialoga com a temática do texto. O *Pavão Misterioso*, que trata da astúcia para um roubo poético da mulher amada, também surgiu ele mesmo em uma história de roubo de poesia. A questão principal, entretanto, é a simbologia comum a todas as histórias: o homem precisa habitar dentro de um animal (seja leão, pavão, ou cavalo), para ser encantado, e enganar a autoridade. Claro que, em todas as versões, este animal habitado pelo homem, é um animal de ouro, ou de alumínio, ou de madeira, construído por outro homem. Entretanto, a questão simbólica ainda permanece, e é importante. Na história base de Carlos Magno e os Doze pares da França, apresenta-se Rolando e Carlos Magno como os grandes campeões na luta da cristandade contra a ameaça islâmica. A religiosidade está intrínseca à história, porém foi influenciando e tomando outros tons quando em terras brasileiras.

54

Tinha cauda como leque
As asas como pavão
Pescoço, cabeça e bico
Alavanca, chave e botão
Voava igualmente ao vento
Para qualquer direção.

e mais adiante

74

Creuza disse: – Meu pai
Pois eu vi neste momento
Um jovem rico e elegante
Me falando em casamento
Não vi quando ele encantou-se
Porque me deu um passamento.

No Brasil, a obra intitulada *Segunda parte da História do Imperador Carlos-Magno e dos doze pares de França*, atribuída a Nicolás de Piamonte, que narra de forma mais fiél a passagem, também fez grande sucesso. Segundo Luís da Câmara Cascudo, foi um dos livros mais populares no país ao longo do século XIX e até o início do século XX, sendo lida em voz alta para grandes audiências, de modo que "nenhum sertanejo ignorava as façanhas dos Pares ou a imponência do Imperador da barba florida.

O episódio é inclusive retratado e recriado em celebrações do Tambor de Mina, uma importante religião e fonte cultural de matriz africana, principalmente difundida no Maranhão, Piauí e Amazônia. No Maranhão também temos a festa do Bumba meu Boi, ou Boi Bumbá, onde se acredita que o Rei Sebastião I de Portugal, que desapareceu em batalha nas cruzadas no deserto de Alcácer-Quibir, reencarnou no boi dançante. Em outras palavras, São Sebastião, representante divino do cristianismo na terra, habita hoje dentro de um boi.

Portanto, a história que permeia o sucesso popular do *Pavão Misterioso*, é um tema de base ainda de forte influência colonizadora, entretanto, aqui no Brasil, ganhou força popular por sua simbologia, e foi sendo miscigenada, adaptada, abasileirada, justamente pelo fato sincrético do homem se encantar dentro de um animal.

Texto Completo:

O Pavão Misterioso

1

Eu vou contar uma história
De um pavão misterioso
Que levantou voo na Grécia
Com um rapaz corajoso
Raptando uma condessa
Filha de um conde orgulhoso.

2

Residia na Turquia
Um viúvo capitalista
Pai de dois filhos solteiros
O mais velho João Batista
Então o filho mais novo
Se chamava Evangelista.

3

O velho turco era dono
Duma fábrica de tecidos
Com largas propriedades
Dinheiro e bens possuídos
Deu de herança a seus filhos
Porque eram bem unidos.

4

Depois que o velho morreu
Fizeram combinação
Porque o tal João Batista
Concordou com o seu irmão
E foram negociar
Na mais perfeita união.

5

Um dia João Batista
Pensou pela vaidade
E disse a Evangelista:
- Meu mano eu tenho vontade
de visitar o estrangeiro
se não te deixar saudade.

6

- Olha que nossa riqueza
se acha muito aumentada
e dessa nossa fortuna
ainda não gozei nada
portanto convém qu'eu passe
um ano em terra afastada.

7

Respondeu Evangelista:
- Vai que eu ficarei
regendo os negócios
como sempre eu trabalhei
garanto que nossos bens
com cuidado zelarei.

8

- Quero te fazer um pedido:
procure no estrangeiro
um objeto bonito
só para rapaz solteiro;
traz para mim de presente
embora custe dinheiro.

9

João Batista prometeu
Com muito boa intenção
De comprar um objeto
De gosto de seu irmão
Então tomou um pacote
E seguiu para o Japão.

10

João Batista no Japão
Esteve seis meses somente
Gozando daquele império
Percorreu o Oriente
Depois voltou para a Grécia
Outro país diferente.

11

João Batista entrou na Grécia
Divertiu-se em passear
Comprou passagem de bordo
E quando ia embarcar
Ouviu um grego dizer
Acho bom se demorar.

12

João Batista interrogou:
- Amigo fale a verdade
por qual motivo o senhor
manda eu ficar na cidade?
Disse o grego: - Vai haver
Uma grande novidade.

13

- Mora aqui nesta cidade
um conde muito valente
mais soberbo do que Nero
pai de uma filha somente
é a moça mais bonita
que há no tempo presente

14

- É a moça em que eu falo
Filha do tal potentado
O pai tem ela escondida
Em um quarto de sobrado
Chama-se Creuza e criou-se
Sem nunca ter passeado.

15

- De ano em ano essa moça
bota a cabeça de fora
para o povo adorá-la
no espaço de uma hora
para ser vista outra vez
tem um ano de demora.

16

O conde não consentiu
Outro homem educá-la
Só ele como pai dela
Teve o poder de ensiná-la
E será morto o criado
Que dela ouvir a fala.

17

Os estrangeiros têm vindo
Tomarem conhecimento
Amanhã quando ela aparece
No grande ajuntamento
É proibido pedir-se
A mão dela em casamento.

18

Então disse João Batista
- Agora vou me demorar
pra ver essa condessa
estrela desse lugar
quando eu chegar à Turquia
tenho muito o que contar.

19

Logo no segundo dia
Creuza saiu na janela
Os fotógrafos se vexaram
Tirando o retrato dela
Quando inteirou uma hora
Desapareceu a donzela.

20

João Batista viu depois
Um retratista vendendo
Alguns retratos de Creuza
Vexou-se e foi dizendo:
- Quanto quer pelo retrato
porque comprá-lo pretendo.

21

O fotógrafo respondeu:
- Lhe custa um conto de réis
João Batista ainda disse:
- Eu compro até por dez
se o dinheiro não der
empenharei os anéis.

22

João Batista voltou
Da Grécia para a Turquia
E quando chegou em Meca
Cidade em que residia
Seu mano Evangelista
Banqueteou o seu dia.

23

Então disse Evangelista:
- Meu mano vá me contando
se viste coisas bonitas
onde andaste passeando
o que me traz de presente
vá logo entregando.

24

Respondeu João Batista:

- Para ti trouxe um retrato
de uma condessa da Grécia
moça que tem fino trato
custou-me um conto de réis
ainda achei muito barato.

25

Respondeu Evangelista

Depois duma gargalhada:

- Neste caso meu irmão
pra mim não trouxe nada
pois retrato de mulher
é coisa bastante usada.

26

- Sei que tem muitos retratos
mas como o que eu trouxe não
vais agora examiná-lo
entrego em tua mão
quando vires a beleza
mudará de opinião.

27

João Batista retirou

O retrato de uma mala

Entregou ao rapaz

Que estava de pé na sala

Quando ele viu o retrato

Quis falar tremeu a fala.

28

Evangelista voltou

Com o retrato na mão

Tremendo quase assustado

Perguntou ao seu irmão

Se a moça do retrato

Tinha aquela perfeição.

29

Respondeu João Batista

- Creuza é muito mais formosa
do que o retrato dela
em beleza é preciosa
tem o corpo desenhado
por uma mão milagrosa.

30

João Batista perguntou

Fazendo ar de riso:

- Que é isso, meu irmão
queres perder o juízo?

Já vi que este retrato

Vai te causar prejuízo.

31

Respondeu Evangelista

- Pois meu irmão eu te digo
vou sair do país

não posso ficar contigo

pois a moça do retrato

deixou-me a vida em perigo.

32

João Batista falou sério:

- Precipício não convém
de que te serve ir embora

por este mundo além

em procura de uma moça

que não casa com ninguém.

33

- Teu conselho não me serve

estou impressionado

rapaz sem moça bonita

é um desafortunado

se eu não me casar com Creuza

findo meus dias enforcado.

34

- Vamos partir a riqueza

que tenho a necessidade

dá balanço no dinheiro

porque eu quero a metade

o que não posso levar

dou-te de boa vontade.

35

Deram o balanço no dinheiro

Só três milhões encontraram

Tocou dois a Evangelista

Conforme se combinaram

Com relação ao negócio

Da firma se desligaram.

36

Despediu-se Evangelista
Abraçou o seu irmão
Chorando um pelo outro
Em triste separação
Seguindo um para a Grécia
Em uma embarcação.

37

Logo que chegou na Grécia
Hospedou-se Evangelista
Em um hotel dos mais pobres
Negando assim sua pista
Só para ninguém saber
Que era um capitalista.

38

Ali passou oito meses
Sem se dar a conhecer
Sempre andando disfarçado
Só para ninguém saber
Até que chegou o dia
Da donzela aparecer.

39

Os hotéis já se achavam
Repletos de passageiros
Passeavam pelas praças
Os grupos de cavalheiros
Havia muito fidalgos
Chegado dos estrangeiros.

40

As duas horas da tarde
Creuza saiu à janela
Mostrando a sua beleza
Entre o conde e a mãe dela
Todos tiraram o chapéu
Em continência à donzela.

41

Quando Evangelista viu
O brilho da boniteza
Disse: - Vejo que meu mano
Quis me falar com franqueza
Pois esta gentil donzela
É rainha de beleza.

42

Evangelista voltou
Aonde estava hospedado
Como não falou com a moça
Estava contrariado
Foi inventar uma ideia
Que lhe desse resultado.

43

No outro dia saiu
Passeando Evangelista
Encontrou-se na cidade
Com um moço jornalista
Perguntou se não havia
Naquela praça um artista.

44

Respondeu o jornalista:
- Tem o doutor Edmundo
na rua dos Operários
é engenheiro profundo
para inventar maquinismo
é ele o maior do mundo.

45

Evangelista entrou
Na casa do engenheiro
Falando em língua grega
Negando ser estrangeiro
Lhe propôs um bom negócio
Lhe oferecendo dinheiro.

46

Assim disse Evangelista:
- Meu engenheiro famoso
primeiro vá me dizendo
se não é homem medroso
porque eu quero custar
um negócio vantajoso

47

Respondeu-lhe Edmundo
- Na arte não tenho medo
mas vejo que o amigo
quer um negócio em segredo
como precisa de mim
conte-me lá o enredo.

48

- Eu amo a filha do conde
a mais formosa mulher
se o doutor inventar
um aparelho qualquer
que eu possa falar com ela
pago o que o senhor quiser.

49

- Eu aceito o seu contrato
mas preciso lhe avisar
que eu vou trabalhar seis meses
o senhor vai esperar
é obra desconhecida
que agora vou inventar.

50

- Quer o dinheiro adiantado?
Eu pago neste momento
- Não senhor, ainda é cedo
quando terminar o invento
é que eu digo o preço
quanto custa o pagamento.

51

Enquanto Evangelista
Impaciente esperava
O engenheiro Edmundo
Toda noite trabalhava
Oculto em sua oficina
E ninguém adivinhava.

52

O grande artista Edmundo
Desenhou nova invenção
Fazendo um aeroplano
De pequena dimensão
Fabricado de alumínio
Com importante armação.

53

Movido a motor elétrico
Depósito de gasolina
Com locomoção macia
Que não fazia buzina
A obra mais importante
Que fez em sua oficina.

54

Tinha cauda como leque
As asas como pavão
Pescoço, cabeça e bico
Alavanca, chave e botão
Voava igualmente ao vento
Para qualquer direção.

55

Quando Edmundo findou
Disse a Evangelista:
- Sua obra está perfeita
ficou com bonita vista
o senhor tem que saber
que Edmundo é artista.

56

- Eu fiz o aeroplano
da forma de um pavão
que arma e se desarma
comprimindo em um botão
e carrega doze arroba
três léguas acima do chão.

57

Foram experimentar
Se tinha jeito o pavão
Abriram a alavanca e chave
Encarcaram num botão
O monstro girou suspenso
Maneiro como balão.

58

O pavão de asas abertas
Partiu com velocidade
Coroando todo o espaço
Muito acima da cidade
Como era meia noite
Voaram mesmo à vontade.

59

Então disse o engenheiro:
- Já provei minha invenção
fizemos a experiência
tome conta do pavão
agora o senhor me paga
sem promover discussão.

60

Perguntou Evangelista:

- Quanto custa o seu invento?

- Dê me cem contos de réis

acha caro o pagamento?

o rapaz lhe respondeu:

Acho pouco, dou duzentos.

61

Edmundo ainda deu-lhe

Mais uma serra azougada

Que serrava caibro e ripa

E não fazia zuada

Tinha os dentes igual navalha

De lâmina bem afiada.

62

Então disse o jovem turco:

- Muito obrigado fiquei

do pavão e dos presentes

para lutar me arrei

amanhã a meia-noite

com Creuza conversarei.

63

À meia-noite o pavão

Do muro se levantou

Com as lâmpadas apagadas

Como uma flecha voou

Bem no sobrado do conde

Na cumeeira pousou.

64

Evangelista em silêncio

Cinco telhas arredou

Um buraco de dois palmos

Caibros e ripas serrou

E pendurado numa corda

Por ela escorregou.

65

Chegou no quarto de Creuza

Onde a donzela dormia

Debaixo do cortinado

Feito de seda amarela

E ele para acordá-la

Pôs a mão na testa dela.

66

A donzela estremeceu
Acordou no mesmo instante
E viu um rapaz estranho
De rosto muito elegante
Que sorria para ela
Com um olhar fascinante.

67

Então Creuza deu um grito:
– Papai um desconhecido
entrou aqui no meu quarto
sujeito muito atrevido
venha depressa papai
pode ser algum bandido.

68

O rapaz lhe disse: – Moça
Entre nós não há perigo
Estou pronto a defendê-la
Como um verdadeiro amigo
Venho é saber da senhora
Se quer casar-se comigo.

69

De um lenço enigmático
Que quando Creuza gritava
Chamando o pai dela
Então o moço passava
Ele no nariz da moça
Com isso ela desmaiava.

70

O jovem puxou o lenço
Ao nariz da moça encostou
Deu uma vertigem na moça
De repente desmaiou
E ele subiu na corda
Chegando em cima tirou.

71

Ajeitou os caibros e ripas
E consertou o telhado
E montando em seu pavão
Voou bastante vexado
Foi esconder o aparelho
Aonde foi fabricado.

72

O conde acordou aflito
Quando ouviu essa zuada
Entrou no quarto da filha
Desembainhou a espada
Encontrou-a sem sentido
Dez minutos desmaiada.

73

Percorreu todos os cantos
Com a espada na mão
Berrando e soltando pragas
Colérico como um leão
Dizendo: – Aonde encontrá-lo
Eu mato esse ladrão.

74

Creuza disse: – Meu pai
Pois eu vi neste momento
Um jovem rico e elegante
Me falando em casamento
Não vi quando ele encantou-se
Porque me deu um passamento.

75

Disse o conde: - Nesse caso
Tu já estás a sonhar
Moça de dezoito anos
Já pensando em se casar
Se aparecer casamento
Eu saberei desmanchar.

76

Evangelista voltou
Às duas da madrugada
Assentou seu pavão
Sem que fizesse zuada
Desceu pela mesma trilha
Na corda dependurada.

77

E Creuza estava deitada
Dormindo o sono inocente
Seus cabelos como um véu
Que enfeitava puramente
Como um anjo de terreal
Que tem lábios sorridentes.

78

O rapaz muito sutil
Foi pegando na mão dela
Então a moça assustou-se
Ele garantiu a ela
Que não eram malfazejos:
- Não tenha medo donzela.

79

A moça interrogou-o
Disse: - Quem é o senhor
Diz ele: - Sou estrangeiro
Lhe consagrei grande amor
Se não fores minha esposa
A vida não tem valor.

80

Mas Creuza achou impossível
O moço entrar no sobrado
Então perguntou a ele
De que jeito tinha entrado
E disse: - Vai me dizendo
Se és vivo ou encantado.

81

Como eu lhe tenho amizade
Me arrisco fora de hora
Moça não me negue o sim
A quem tanto lhe adora!
Creuza aí gritou: - Papai
Venha ver o homem agora.

82

Ele passou-lhe o lenço
Ela caiu sem sentido
Então subiu na corda
Por onde tinha descido
Chegou em cima e disse:
- O conde será vencido.

83

Ouviu-se tocar a corneta
E o brado da sentinela
O conde se dirigiu
Para o quarto da donzela
Viu a filha desmaiada
Não pode falar com ela.

84

Até que a moça tornou
Disse o conde: - É um caso sério
Sou um fidalgo tão rico
Atentado em meu critério
Mas nós vamos descobrir
O autor do mistério.

85

- Minha filha, eu já pensei
em um plano bem sagaz
passa essa banha amarela
na cabeça desse audaz
só assim descobriremos
esse anjo ou satanás.

86

- Só sendo uma visão
que entra neste sobrado
só chega à meia-noite
entra e sai sem ser notado
se é gente desse mundo
usa feitiço encantado.

87

Evangelista também
Desarmou seu pavão
A cauda, a capota, o bico
Diminuiu a armação
Escondeu o seu motor
Em um pequeno caixão.

88

Depois de sessenta dias
Alta noite em nevoeiro
Evangelista chegou
No seu pavão bem maneiro
Desceu no quarto da moça
A seu modo traiçoeiro.

89

Já era a terceira vez
Que Evangelista entrava
No quarto que a condessa
À noite se agasalhava
Pela força do amor
O rapaz se arriscava.

90

Com um pouco a moça acordou
Foi logo dizendo assim:
- Tu tens dito que me amas
com um bem-querer sem fim
se me amas com respeito
te senta junto de mim.

91

Evangelista sentou-se
Pôs-se a conversar com ela
Trocando o riso esperava
A resposta da donzela
Ela pôs-lhe a mão na testa
Passou a banha amarela.

92

Depois Creuza levantou-se
Com vontade de gritar
O rapaz tocou-lhe o lenço
Sentiu ela desmaiar
Deixou-a com uma síncope
Tratou de se retirar.

93

E logo Evangelista
Voando da cumeeira
Foi esconder seu pavão
Nas folhas de uma palmeira
Disse: - Na quarta viagem
Levo essa estrangeira.

94

Creuza então passou o resto
Da noite mal sossegada
Acordou pela manhã
Meditava e cismada
Se o pai não perguntasse
Ela não dizia nada.

95

Disse o conde: - Minha filha
Parece que estás doente?
Sofreste algum acesso
Porque teu olhar não mente
O tal rapaz encantado
Te apareceu certamente.

96

E Creuza disse: - Papai
Eu cumpri o seu mandado
O rapaz apareceu-me
Mas achei-o delicado
Passei-lhe a banha amarela
E ele saiu marcado.

97

O conde disse aos soldados
Que a cidade patrulhassem
Tomassem os chapéus de
Quem nas ruas encontrassem
Um de cabelo amarelo
Ou rico ou pobre pegassem.

98

Evangelista trajou-se
Com roupa de alugado
Encontrou-se com a patrulha
O seu chapéu foi tirado
Viram o cabelo amarelo
Gritaram: - Esteja intimado!

99

Os soldados lhe disseram:
- Cidadão não estremeça
está preso a ordem do conde
e é bom que não se cresça
vai a presença do conde
se é homem não esmoreça.

100

- Você hoje vai provar
por sua vida responde
como é que tem falado
com a filha do nosso conde
quando ela lhe procura
onde é que se esconde.

101

Evangelista respondeu:
- Também me faça um favor
enquanto vou me vestir
minha roupa superior
na classe de homem rico
ninguém pisa meu valor.

102

Disseram: - Pode mudar
Sua roupa de nobreza
A moça bem que dizia
Que o rapaz tinha riqueza
Vamos ganhar umas luvas
E o conde uma surpresa.

103

Seguiu logo Evangelista
Conversando com o guarda
Até que se aproximaram
Duma palmeira copada
Então disse Evangelista:
- Minha roupa está trepada.

104

E os soldados olharam
Em cima tinha um caixão
Mandaram ele subir
E ficaram de prontidão
Pegaram a conversar
Prestando pouca atenção.

105

Evangelista subiu
Pôs um dedo no botão
Seu monstro de alumínio
Ergueu logo a armação
Dali foi se levantando
Seguiu voando o pavão.

106

E os soldados gritaram:
- Amigo, o senhor se desça
deixe de tanta demora
é bom que não aborreça
senão com pouco uma bala
visita sua cabeça.

107

Então mandaram subir
Um soldado de coragem
Disseram: - Pegue na perna
Arraste com a folhagem
Está passando na hora
De voltarmos da viagem.

108

Quando o soldado subiu
Gritou: - Perdemos a ação
Fugiu o moço voando
De longe vejo um pavão
Zombou de nossa patrulha
Aquele moço é o cão.

109

Voltaram e disseram ao conde
Que o rapaz tinham encontrado
Mas no olho de uma palmeira
O moço tinha voado
Disso o conde: - Pois é o cão
Que com Creuza tem falado.

110

Creuza sabendo da história
Chorava de arrependida
Por ter marcado o rapaz
Com banha desconhecida
Disse: - Nunca mais terei
Sossego na minha vida.

111

Disse Creuza: - Ora papai
Me prive da liberdade
Não consente que eu goze
A distração da cidade
Vivo como criminosa
Sem gozar a mocidade.

112

- Aqui não tenho direito
de falar com um criado
um rapaz para me ver
precisa ser encantado
mas talvez ainda eu fuja
deste maldito sobrado.

113

- O rapaz que me amou
só queria vê-lo agora
para cair nos seus pés
como uma infeliz que chora
embora que eu depois
morresse na mesma hora.

114

- Eu sei que para ele
não mereço confiança
quando ele vinha aqui
ainda eu tinha esperança
de sair desta prisão
onde estou desde de criança.

115

Às quatro da madrugada
Evangelista desceu
Creuza estava acordada
Nunca mais adormeceu
A moça estava chorando
O rapaz lhe apareceu.

116

O jovem cumprimentou-a
Deu-lhe um aperto de mão
A condessa ajoelhou-se
Para pedir-lhe perdão
Dizendo: - Meu pai mandou
Eu fazer-te uma traição.

117

O rapaz disse: - Menina
A mim não fizeste mal
Toda a moça é inocente
Tem seu papel virginal
Cerimônia de donzela
É uma coisa natural.

118

- Todo o seu sonho dourado
é fazer-te minha senhora
se quiseres casar comigo
te arrumas e vamos embora
senão o dia amanhece
e se perde a nossa hora.

119

- Se o senhor é homem sério
e comigo quer casar
pois tome conta de mim
aqui não quero ficar
se eu falar em casamento
meu pai manda me matar.

120

- Que importa que ele mande
tropas e navios pelos mares
minha viagem é aérea
meu cavalo anda nos ares
nós vamos sair daqui
casar em outros lugares.

121

Creuza estava empacotando
O vestido mais elegante
O conde entrou no quarto
E dando um berro vibrante
Gritando: - Filha maldita
Vais morrer com o seu amante.

122

O conde rangendo os dentes
Avançou com passo extenso
Deu um pontapé na filha
Dizendo: - Eu sou quem venço
Logo no nariz do conde
O rapaz passou o lenço.

123

Ouviu-se o baque do conde
Porque rolou desmaiado
A última cena do lenço
Deixou-o magnetizado
Disse o moço: -Tem dez minutos
Para sairmos do sobrado.

124

Creuza disse: - Eu estou pronta
Já podemos ir embora
E subiram pela corda
Até que saíram fora
Se aproximava a alvorada
Pela cortina da aurora.

125

Com pouco o conde acordou
Viu a corda pendurada
Na coberta do sobrado
Distinguiu uma zuada
E as lâmpadas do aparelho
Mostrando luz variada.

126

E a gaita do pavão
Tocando uma rouca voz
O monstro de olho de fogo
Projetando os seus faróis
O conde mandando pragas
Disse a moça: - É contra nós.

127

Os soldados da patrulha
Estavam de prontidão
Um disse: - Vem ver fulano
Aí vai passando um pavão
O monstro fez uma curva
Para tomar direção.

128

Então dizia um soldado
- Orgulho é uma ilusão
um pai governa uma filha
mas não manda no coração
pois agora a condessinha
vai fugindo no pavão.

129

O conde olhou para a corda
E o buraco do telhado
Como tinha sido vencido
Pelo rapaz atilado
Adoeceu só de raiva
Morreu por não ser vingado.

130

Logo que Evangelista
Foi chegando na Turquia
Com a condessa da Grécia
Fidalga da monarquia
Em casa do seu irmão
Casaram no mesmo dia.

131

Em casa de João Batista
Deu-se grande ajuntamento
Dando vivas ao noivado
Parabéns ao casamento
À noite teve retreta
Com visita e cumprimento.

132

Enquanto Evangelista
Gozava imensa alegria
Chegava um telegrama
Da Grécia para Turquia
Chamando a condessa urgente
Pelo motivo que havia.

133

Dizia o telegrama:
"Creuza vem com o teu marido
receber a tua herança
o conde é falecido
tua mãe deseja ver
o genro desconhecido."

134

A condessa estava lendo
Com o telegrama na mão
Entregou a Evangelista
Que mostrou ao seu irmão
Dizendo: - Vamos voltar
Por uma justa razão.

135

De manhã quando os noivos
Acabaram de almoçar
E Creuza em traje de noiva
Pronta para viajar
De palma, véu e capela
Pois só vieram casar.

136

Diziam os convidados:
- A condessa é tão mocinha
e vestida de noiva
torna-se mais bonitinha
está com um buquê de flor
séria como uma rainha.

137

Os noivos tomaram assento
No pavão de alumínio
E o monstro se levantou-se
Foi ficando pequenino
Continuou o seu voo
Ao rumo do seu destino.

138

Na cidade de Atenas
Estava a população
Esperando pela volta
Do aeroplano pavão
Ou o cavalo do espaço
Que imita um avião.

139

Na tarde do mesmo dia
Que o pavão foi chegadao
Em casa de Edmundo
Ficou o noivo hospedado
Seu amigo de confiança
Que foi bem recompensado.

140

E também a mãe de Creuza
Já esperava vexada
A filha mais tarde entrou
Muito bem acompanhada
De braço com o seu noivo
Disse: - Mamãe estou casada.

141

Disse a velha: - Minha filha
Saíste do cativoiro
Fizeste bem em fugir
E casar no estrangeiro
Tomem conta da herança
Meu genro é meu herdeiro.

Príncipe Roldão no Leão de Ouro

1

LEITORES, matai o tempo
que é boa distração
saber como uma princesa
estava numa prisão
e Roldão pode roubá-la
escondido num leão

2

Após que o rei Carlos Magno
venceu a grande campanha
fez a Igreja de Santiago
padroeiro da Espanha
e a de Nossa Senhora.
em Aquisgran, na Alemanha

3

Tomou 16 cidades
da guerra saiu feliz
deu muitas graças a Deus
por conquistar um país
foi visitar a Alemanha
daí tornou a Paris

4

Acompanhado dos pares
Reinaldo de Montalvão
Gui, duque de Borgonha
Oliveiros e Roldão
Guarim, duque de Lorenda
e o conde Galalão

5

De Lamberto de Bruxelas
Friza, rei de Guardenoa
Triete, duque de Dardanha
Geraldo e Urgel Danoa
Buzim, duque de Gênova
companhia franca e boa

6

O duque de Regner
Angelo de Almirante
Noeme de Baviera
Oel e Riol de Nante
Ronaldo e Jeif de Bordéus
Orlando, príncipe d'Anglante

7

Dai passou Carlos Magno
sete anos sem campanha
aquartelou os exércitos
da Itália, França, Alemanha
quando veio-lhe uma embaixada
nova guerra na Espanha

8

Regressando da Turquia
Gui, duque de Borgonha
com a irmã de Ferrabraz
rei de toda Babilônia
a França deu uma festa
com a maior cerimônia

9

Reuniu-se os doze pares
na grande festa pamosa
quando entrou 1 mensageiro
pela praça luxuosa
com um baú de retratos.
tudo de dama formosa

10

Roldão comprou um retrato
do mais formoso que havia
da princesa dona Angelica
filha do rei da Turquia
que reinava em Timorante
disse o mouro que vendia

11

Roldão achou no retrato
a rainha da formosura
contemplava em seu palácio
dia e noite a tal pintura
e foi lhe tomando amor
para ser sua futura

12

A festa continuava
entre pares e cortezão
de cavaleiros estrangeiros
divididos por nação
mas os pares estavam tristes
porque faltava Roldão

13

Carlos Magno na varanda
do seu palácio decente
perguntou porque Roldão
não se achava presente
responderam os cavalheiros
que Roldão estava doente

14

Ricarte da Normandia
foi ao palácio de Roldão
achou-o doente de amor
com um retrato na mão
aí contou-lhe o segredo
que tinha em seu coração

15

Disse Roldão a Ricarte:
comprei a um mensageiro
o retrato duma dama
filha dum rei estrangeiro
então perdi o sossego...
que goza 1 príncipe solteiro

16

Perguntei lhe de quem era
o retrato tão galante
disse: de dona Angélica
princesa de Timorante
ilha de Abderaman
o pagão mais arrogante

17

- Tomei amor à princesa
nas asas da formosura
aqui passo dia e noite
olhando a sua pintura
se não for a minha esposa
findarei numa loucura

18

— Porém eu acho custoso
a minha resolução
como é que pode ser
um cavalheiro cristão
genro de um inimigo
além disso um rei pagão?

19

Ricarte disse a Roldão:
deixa lá esta tristeza
que mais tarde ou mais cedo
casarás com a princesa
contra o rei de Timorante
estou pronto à tua defesa

20

Carlos Magno com o exército
numa segunda bem cedo
assim que findou a festa
com os 12 pares sem medo
foi ajudar na Espanha
a Galafre rei de Toledo

21

Carlos Magno deu licença
aos pares irem adiante
Chegaram no rio Letéu
mataram um grande gigante
atravessaram o caudaloso
das terras de Timorante

22

Os 12 pares encontraram
o general Almendrol
trazia vinte mil homens
tudo soldado espanhol
então travou-se um combate
tremendo aos raios do sol

23

O general Almendrol
enfrentou com Oliveiros
ofereceu fazer a paz
com o nobre cavaleiro
mas perdeu 12 mil homens:
foi logo prisioneiro

24

Prometeram de o soltar
porém com a condição
de contar de Timorante:
sua praça e guarnição
aí entraram com ele
debaixo de confissão

25

Aqui falou Aimendrol:
senhores, prestem atenção:
o reino de Timorante
e de grande guarnição
tem uma légua de muro
soldados, mais dum milhão

26

Os cavaleiros disseram:
já sabemos desde outrora
que o rei Abderaman
e seguro onde mora
diga-nos com quais soldados
e aonde ele marcha agora?

27

—O rei Abderaman
sem campo fez estadia
há oito dias partiu
com exército da Turquia
levou trezentos mil homens.
sem dizer pra onde ia

28

— Levou consigo a rainha
e os vassalos importantes
na frente de seu exército
vão 20 mil elefantes
que dando no inimigo
estrangula-o num instante

29

—E à mim deu suas ordens
me obrigando a seguir
com estes mil guerreiros
que acabais de destruir
que todo tempo de guerra
reforça o ponto dali

30

Aqui terminou os pares
sua interrogação
Almendrol fez uma pausa
e virou-se pra Roldão
que perguntou por Angélica
lhe pedindo informação

31

Continuou Almendrol:
cavalheiro, essa princesa
está na cova Tristeféa
uma enorme fortaleza
é por causa da madrasta
que a enteada vive presa

32

— A madrasta de Angélica
sonhou que um príncipe estrangeiro
se enamorava de Angélica
e vinha como um guerreiro
e ela havia de ser
a mulher deste guerreiro

33

— Que o rei de Timorante
reparasse o que fazia
meter aquela princesa
na fortaleza que havia
por ela 1 príncipe estrangeiro
um grande mal lhe trazia

34

—O rei prendeu a princesa
e botou-a na prisão
na cova da Tristeléa
que é um grande alçapão
e por causa da madrasta
vive a moça em aflição

35

—É a cova Tristeféa
espaçosa e adornada
de corredor, quarto e sala
tem galeria preparada
com 50 torres à roda
onde Angélica está trancada

36

—Todo homem que for lá
tem que morrer enforcado
somente o governador
é quem vai, sendo chamado
mas ouve fora da porta
de Angélica o recado

37

— Já completaram 3 anos
que ela foi sentenciada
os soldados mais valentes
são os que servem de guarda
está servida de damas
e da velha Zalabarda

38

— Angélica não tem crime
porém foi sentenciada
sua distração é chorar
por viver encarcerada
a rainha Fredegundes
com isto está consolada

39

—Daqui a 40 léguas
é a praça Timorante
o governador da praça
é um soberbo gigante
muito teimoso e valente
feroz e mui vigilante

40

Aqui findou Almendrol
com sua verbozidade
os seus interlocutores
o puseram em liberdade
fielmente agradeceram-lhe
por ter falado a verdade

41

Disse Roldão: companheiros
a minha resolução
é seguir pra Timorante
creio que é esta ocasião
ou eu perco a minha vida
ou Angélica sai da prisão!

42

—Eu vivo desconsolado
porque Angélica está presa
igual a um criminoso
na prisão de fortaleza
confio na minha espada
vou defender a princesa

43

Ricarte uniu-se a Roldão
pra viajar em segredo
partiram os cavalheiros
no outro dia bem cedo
os dois para Timorante
e os mais para Toledo

44

Apartados os cavalheiros
de Ricarte e de Roldão
encontraram Abderaman
com a grande expedição
marchando contra Galafre
com quem fazia questão

45

Seu exército se compunha
de trezentos mil soldados
com 20 mil elefantes
de 4 a 5 encangados no
por negros da Etiópia
eram os brutos comandados

46

Abderaman vestia
argolas finas e douradas
num cavalo roxo-pombo
com pratas ajuizadas
as suas roupas de rei
com pedras finas estreladas

47

A rainha Fredegundes
a princesa da Turquia
também marchando na guerra
de longe se conhecia
pelo ouro e brilhante
que na roupa resplandecia

48

Os cavaleiros pararam
e tiveram muita alegria
em medir as suas armas
com o poder da Turquia
desembainharam as espadas
a ver o que parecia

49

Abderaman quando viu
O grupo de cavalheiros
conheceu ser inimigos
pelas roupas de estrangeiros
mandou logo vinte homens
buscá-los prisioneiros

50

Os paladinos quando viram
08 turcos em tal proposta
já estavam preparados
uniram costa com costa
ali não deixaram vivo
quem lhe levasse a resposta

51

Abderaman zangou-se
mandou de um regimento
ir prender os cavalheiros
tirar-lhe o atrevimento
cem homens todos montados:
dar forte conhecimento

52

Os valentes paladinos
vendo todas lanças armadas
avançaram nos cem homens
com suas cortantes espadas
mataram então todos cem
logo em poucas cutiladas

53

Dissera Abderaman:
nossa luta está ruim
estes são os 12 pares
não dá outros iguais assim ?
em valor tão semelhantes
mas eu hoje dou-lhe fim

54

Abderaman soltou
mil e setenta animais
para devorar os pares
em lutas descomunais
os pares mataram tudo
ficaram pedindo mais

55

Abderaman mandou
todo exército se mover
formar uma meia-lua
com os lados a volver
ficando os pares no meio
nenhum podia correr

56

Resistiram os paladinos
como leões enraivados
se lançaram no exército
derrubando nos dois lados
45 mil turcos
deixaram mortos estirados

57

Então Abderaman
vendo o mal que lhe causou
em ter cercado os pares
arrependido ficou
por conselho de Fredegundes
à noite se retirou

58

Vamos falar em Roldão
e Ricarte, amigo constante
no quarto dia de viagem
avistaram Timorante
e Roldão só conversava
em liberar sua amante

59

Roldão encontrou uns turcos
na manhã do outro dia
matou-os e vestiu as roupas
mais Ricarte da Normandia
entraram como dois turcos
com linguagem da Turquia

60

Viram uma grande fumaça
o exalando dos fogões
cozinavam em seiscentos
e cinquenta caldeirões
comidas para os soldados
que ali faziam instruções

61

Viram mais o exército
que fez muito admirá-los
aos tigres e elefantes
ensinavam a matar cavalos
para atacar inimigos
precisavam exercitá-los

62

Viram trinta mil infantes
soldados dos batalhões
e uns dez mil cavaleiros
divididos os esquadrões
viram a cova Tristeféa
fechada em dois alçapões

63

Alugaram uma casa
mas perto da fortaleza
pois Roldão só trabalhava
pra libertar a princesa
mas achou muito custoso
dar começo a sua empresa

64

Ricarte de Normandia
conservou-se em lealdade
com o ourives mais rico
que havia na cidade
como lhe deu muito ouro
pede comprar-lhe amizade

65

Disse Ricarte ao ourives,
que era um mercador
das terras do Egito
onde era morador,
queria que lhe fizesse
uma obra de -valor

66

Por este meio, Ricarte
descobriu uma traição
e juntando muito ouro
mandou fazer um leão
do tamanho de um homem
como primeira invenção

67

Este leão tinha juntas
que andava e se movia
todo de barriga oca
nele um homem cabia
e tinha os olhos furados
que escondido tudo via

68

Disse Ricarte a ele
que somente pretendia
depois do leão feito
a Abderaman o vendia
o segredo do leão
a ninguém o descobria

69

Quando o leão estava pronto
Ricarte chamou Roldão
e mandou que ele entrasse
na barriga do leão
pois só assim ele via
dona Angélica na prisão

70

Ricarte disse a Roldão
que tinha plena certeza
de vender a Abderaman
o leão pela beleza
o qual seria comprado
pra divertir a princesa

71

Logo que Ricarte visse
sair de volta o leão
sabia que dentro dele
vinha Angélica ou Roldão
comprava-o por todo preço
e ficava de prontidão

72

Roldão entrou no leão
com todo seu armamento
desta cena o ourives
não teve conhecimento
que a amizade de Ricarte
era um grande fingimento

73

Ricarte saiu à rua
puxando o seu leão
juntou gente para ver
como uma procissão
Brutamonte quando viu
chamou com muita ambição

74

Foram a preço de negócio
comprou-o por um milhão
e mandou levar à Angélica
que estava na prisão
foi como entrou na Tristeféa
o cavaleiro Roldão

75

Angélica então recebeu
o grande leão de ouro
ela puxava, ele andava
achou que era um tesouro
foi guardado no seu quarto
pra dar alívio a seu choro

76

Quando foi à meia-noite
saiu pra fora Roldão
e quando Angélica viu
sair um homem do leão
foi atacada de medo
desmaiou, caiu no chão

77

Roldão levantou Angélica
sentou-a numa cadeira
achou-a inda mais formosa
mais linda e mais fagueira
do que o lindo retrato
qu'ele tinha na carteira

78

Quando Angélica tornou
Roldão lhe falou primeiro
dizendo: Angélica, não temas
que sou um príncipe estrangeiro
sobrinho do Carlos Magno
imperador mui guerreiro

79

—Eu comprei o teu retrato
que em meu peito repousa
para que fiques sabendo
não venho ver outra
o que me trouxe a Turquia
foi te fazer minha esposa

80

Disse Angélica: cavalheiro
eu só temo uma traição
que teu tio Carlos Magno
com meu pai vive em questão
se vens contra a minha sorte
tu voltas no teu leão

81

Disse Roldão: pois Angélica
me julgas contra tua sorte
me mata com esta espada
que tem o aço tão forte
eu morta por tua mão
de gosto perdoou a morte

82

Disse ela: nobre príncipe
se é este teu mister
se queres ser meu esposo
eu serei tua mulher
me roubas da Tristeféa
o mais breve que puder

83

—Se prometes respeitar
a minha honestidade
tu aqui na Tristeféa
guarda a minha virgindade
não tentes contra meu crédito
que te consagro amizade

84

Com esta doce resposta
que Angélica deu à Roldão
conheceu o cavalheiro
que ganhou seu coração
passaram os primeiros dias
fazendo combinação

85

Roldão junto com Angélica
davam palestra ociosa
o sair da Tristeféa
era coisa perigosa
Angélica se lastimava
ficava toda chorosa

86

Viu Roldão passando o tempo
de libertar a princesa
pois tinha vindo da França
tirá-la da fortaleza
se dispuseram a sofrer
a favor da sua empresa

87

Zalabarda viu Angélica
a seus pés banhada em pranto
pedindo com muitas lágrimas
como quem roga a um santo
dizendo: se não valer-me
dos teus pés não me levanto

88

Disse Angélica a Zalabarda:
eu te dou muito dinheiro
se deixares eu fugir
daqui com um cavalheiro
que entrou no leão de ouro
sendo 1 príncipe estrangeiro

89

Zalabarda refugou
dizendo: não pode ser
uma trama desta forma
nunca se ouviu dizer
eu devia descobrir
pro governador saber

90

Angélica empalideceu
da vileza de Zalabarda
privada da liberdade
numa trancada
seu desgosto foi tão grande
que ali ficou prostrada

91

Zalabarda condeou-se
que Angélica não merecia
como uma filha sem mãe
numa prisão padecia
disse quando ela tornou
que seu pedido fazia

92

Zalabarda, Angélica e Roldão
combinaram nesse dia
que dentro do leão
primeiro Angélica saía
e comprava por todo preço
o Ricarte da Normandia

93

Como não cabia os dois
na barriga do leão
era obrigado ficar
na Tristeféa, Roldão
aventurar a saída
que se deu em aflição

94

Na noite que se ouvisse
a sineta tocar chamada
obrigava a Brutamonte
levantar-se a madrugada
vir abrir a Tristeféa
pra ouvir a Zalabarda

95

Quando o turco abrisse a porta
com a velha conversava
Roldão nessa hora escura
ia ver se enganava
se o turco desse fé
então nas armas lutava

96

Roldão para conseguir
sua custosa jornada
deixou o amor em Angélica
o dinheiro em Zalabarda
e ela avisava a Ricarte
a noite precipitada

97

Angélica entrou no leão
e Zalabarda guiou
então tocou a sineta
o gigante se apresentou
a velha deu-lhe o recado
que Angélica lhe mandou

98

—Mandou dizer Angélica
visto ter se assombrado
com este leão de ouro
em sonho lhe viu mudado
vendessee, não o queria
temendo um mal resultado

99

E o leão saiu fora
Brutamonte pôs em leilão
Ricarte de Normandia
comprou-o por um milhão
dizendo: vou à Lepônia
vender ao rei meu leão

100

Ricarte chegou em casa
abriu depressa o leão
tirou Angélica pra fora
fez-lhe uma saudação
deu-se logo a conhecer
e perguntou por Roldão

101

Disse Angélica: se prepare
às duas da madrugada
vá á cova Tristeféa
prevenido com a espada
que é quando Roldão sai
da Tristeféa falada

102

Assim mesmo aconteceu
foi grande a revolução
quando a sineta tocou
despertou a guarnição
Brutamonte saiu fora
com seu alfanje na mão

103

Abriu logo a Tristeféa
temendo mau ocorrido
a sineta parou logo
o seu tocar sostenido
Zalabarda começou
dando um recado fingido

104

Roldão que ia passando
tinha subido a escada
mas o gigante dou fé
embaraçou-lhe a passada
botou-lhe o alfanje no peito
- Quem é você, camarada?

105

Roldão disse em língua turca:
sou um soldado da guarda
acordei pela sineta
está tocando chamada
venho aqui te ajudar
por causa desta zuada

106

Brutamonte então gritou
me prendam este soldado
e o levem para a forca
que vai morrer enforcado
Roldão puxou a espada
deu tudo por acabado

107

Então chegou a patrulha
a guarnição investia
uniu-se logo a Roldão
Ricarte de Normandia
eles só dois paladinos
lutando com a Turquia

108

Brutamonte já estava
vendo os mortos pelo chão
não esperou que 2 homens
brigassem com uma nação
parou a luta e a braços
se atracou com Roldão

109

Roldão pegou o gigante
como o mais enfurecido
rolaram de escada abaixo
com tal estrondo e ruído
quando findaram os degraus
ficaram sem os sentidos

110

Acudindo Zalabarda
com o bálsamo de prontidão
enganou-se no escuro
em vez de curar Roldão
deu no nariz do gigante
que se levantou do chão

111

Brutamonte foi covarde
porque nessa ocasião
pegando no seu alfange
deu 4 golpes em Roldão
e deixou-o ali por morto
quase sem respiração

112

Ricarte de Normandia
sustentava com a espada
à porta da Tristeféa
uma luta encarniçada
e corria sangue em bica
que parecia levada

113

Brutamonte então foi ver
o que havia na guarnição
e lastimou quando viu
os, mortos fazer montão
Ricarte de Normandia
matando como Sansão

114

Ricarte cansou na luta
de fazer tanta destreza
caiu de escada abaixo
procurando uma defesa
Zalabarda fechou logo
o portão da fortaleza

115

Zalabarda mais Ricarte
foram tratar de Roldão
curaram suas feridas
com o bálsamo ficou são
Roldão pensando em Angélica
não tinha consolação

116

A esse tempo o ourives
que tinha feito o leão
veio descobrir o segredo
temendo sofrer prisão
e disse que o cavaleiro
que o comprou era cristão

117

Brutamonte então correu
com praças de guarnição
cercou a casa de Ricarte
mandou abrir o leão
achou Angélica escondida
e deu-lhe voz de prisão

118

Angélica quando se viu
presa por ali uma guarda
como uma moça donzela
chorava injuriada
e pediu a, Brutamonte
que a matasse enforcada

119

Disse Brutamonte: senhora
venho tomar informação
examinar este caso
descobrir uma traição
não sabia que a senhora
fugia neste leão

120

-És um gigante atrevido
muito cheio de ousadia
pois prender uma princesa
com soldado, é covardia
porém no tempo futuro
talvez me pagues um dia!

121

—Pois já que foi descoberta
para a prisão não recua
deixe pela minha conta
falar o povo da rua
eu só digo que está presa
e vai pra torre da lua

122

Disse ela: Brutamonte
até quando é meu sofrer?
contra mim é tanto algoz
que não deixa eu viver
em vez de mãe é madrasta
a que me faz padecer!

123

Zalabarda quando viu
Angélica em direção
de ir pra torre da lua
onde era sua prisão
começou logo a explicar
o que fazia Roldão

124

Ensinou o subterrâneo
com um grande boqueirão
só Zalabarda sabia
deste cano pelo chão
e dava na torre da lua
com 1 restinho de escavação

125

Os pares entraram no cano
como 2 homens esforçados
até de cinquenta arrobas
via-se penhascos arrancados
a fim de livrar Angélica
das mãos de tantos malvados

126

Brutamonte então entrou
numa desesperação
caçou toda fortaleza
corredor, quarto e salão
sua vontade só era
matar Ricarte e Roldão

127

Como não achou os pares
com seu desejo tirano
quis matar a Zalabarda
que ocultava o engano
a velha temendo a morte
mostrou a boca do cano

128

Brutamonte então mandou
como mais feroz gigante:
matem estes dois soldados
de um modo extravagante
que se atreveram evadir
a praça de Timorante

129

Os soldados embocaram
no cano em direção
morreram como um tinguir
naquela situação
os pares mataram todos
com grande disposição

130

Brutamonte quando viu
a sua luta perdida
deixou a boca do cano
com barro e pedra entupida
ficando os dois paladinos
lá enterrados com vida

131

Os paladinos no cano
sofrendo a dor mais forte
não comiam e nem bebiam
lastimando a triste sorte
consolando um ao outro
esperando pela morte

132

Nesse dia em Timorante
chegaram dois presos amarrados
eram Urgel de Danoa
e Guarim, um dos falados
vieram presos da guerra
e ficaram encarcerados

133

Depois que Abderaman
chegou todo esfarrapado
vinha num cavalo manco
todo ele ensanguentado
por Carlos Magno e Galafre
tinha sido derrotado

134

Chegou o nobre Oliveiros
com muita disposição
e entrou em Timorante
disfarçado, no portão
só vinha a fim de livrar
os amigos da prisão

135

Na mesma noite Oliveiros
tomou logo a posição
e subiu na fortaleza
por cima do paredão
degolou os sentinelas
e penetrou na prisão

136

Guarim e Urgel de Danoa
quando viram Oliveiros
o seu colega de guerra
abraçaram o companheiro
que tinha vindo tirá-los
das garras do estrangeiro

137

Oliveiros quebrou os ferros
e com muita ligeireza
fez escadas das correntes
em cima da fortaleza
e desceu os companheiros
fez um ato de firmeza

138

Na mesma hora Oliveiros
caçou Ricarte e Roldão
nos canos da Tristeféa
corredor, quarto e salão
encontrou foi muito sangue
derramado pelo chão

139

Chegou à boca do cano
viu diversos espoliados
o cano estava entupido
com muitos argamassados
desconfiou que os pares
estavam ali sepultados

140

Abriram a boca do cano
limparam bem a batida
tiveram muita alegria
foi um gosto sem medida
porque Ricarte e Roldão
acharam ainda com vida

141

Num quarto da fortaleza
acharam muito alimento
comeram bem a vontade
cobraram novo talento
se apossaram da Tristeféa
pra lutar em seguimento

142

Ficaram 3 de sentinela
na porta da fortaleza
e dois entraram no cano
para findar a empresa
e dar na torre da lua
onde Angélica estava presa

143

Quando o dia amanheceu
aumentou mais a zua da
os presos tinham fugido
a prisão foi arrombada
vieram a Tristeféa
acharam a porta tomada

144

Conheceu Abderaman
com muita admiração
que já dois daqueles pares,
tinha visto na questão
mas achou desconhecido
o cavaleiro Roldão

145

Abderaman investiu
com batalha desusada
e perdeu muitos soldados,
na Tristeféa apertada
porém não pôde ganhar
um plano na sua estrada

146

Nesta hora foi o cano
arrombado com certeza
Ricarte roubou Angélica
e trouxe pra fortaleza
mas incendiou a torre
quando tirou a princesa

147

Abderaman ouviu gritar:
a praça está alarmada
incêndio na torre da lua
onde Angélica está trancada!
Abderaman correu
com todo povo da guarda

148

Quando chegaram na torre
já estava devorada
o telhado foi abaixo
ficou a porta tapada
lamentou Abderaman:
Oh! Angélica foi queimada!

149

Esta hora os paladinos
aproveitaram muito bem
porque foram ao comércio
arrombaram um armazém
preveniram a fortaleza
com comidas que convém

150

Mandou Abderaman
o seu poder que não erra
chamar todos os exércitos
das fronteiras de sua terra
600 mil homens vieram
com seus generais de guerra

151

Veio o general Talamarte
da Etiópia que não falha
Coronel da Mesopotâmia
o Francião de Natália
e Astaxus da Numidia
para vencer a batalha

152

Todos eles combinaram
que era muita fraqueza
Abderaman ter inimigos
numa sua fortaleza
além disso 5 homens
sem auxílio de defesa

153

Abderaman mandou
fazer um grande vulcão
na boca de Tristeféa
de breu, enxofre e alcatrão,
mas os pares se livraram
foi perdida a invenção

154

Inventou Abderaman
fazer forjos pelo chão
à roda de Tristeféa
que saísse no porão
assim cairia os pares
um por um na sua mão

155

Seria grande o perigo
a Tristeféa arrombada
que os pares não sabiam
se Angélica fosse achada
pelas mãos do próprio pai
havia de ser queimada

156

Na hora que Tristeféa
estava quase fechando
na praça tocou rebate
clarins, tambores rufando
era Carlos Magno e Galafre
com cem mil homens chegando

157

Carlos Magno mandou logo
embaixada de grandeza
que Abderaman se rendesse
que não contasse proeza
e lhe mandasse os 5 pares
que tinha na fortaleza

158

Abderaman alertou
as colunas desencerra
orgulhoso na melhor
das praças de sua terra
apresentou seus oitocentos
mil homens, pra fazer guerra

159

Os reis entraram em batalha
forçaram de parte a parte
Abderaman foi vencido
com 3 dias de combate
e fugiu para a Etiópia
junto com o Talamarte

160

Brutamonte quando viu
que a praça estava vencida
chamou 50 mil homens
fez uma boa fugida
a rainha Fredegundes
ficou nos campos perdida

161

Carlos Magno tomou posse
daquele país pagão
distribuiu os tesouros
com a sua expedição
as cidades obedeceram
ao imperador cristão

162

Tratou a princesa Angélica
com terna estimação
porque ia se casar
com seu sobrinho Roldão
Angélica contou-lhe tudo
quanto sofreu na prisão

163

Carlos Magno achou Fredegundes
mulher de seu inimigo
prendeu essa feiticeira
fazendo do bosque abrigo
quis levá-la pra Angélica
vingar-se e dar-lhe castigo

164

Fredegundes então pediu
pra não levá-la escoltada
à presença de Angélica
sua maior intrigada
como não foi atendida
morreu lá desesperada

165

Achou justo Carlos Magno
que uma rainha impura
que fez uma princesa órfã
sofrer a maior injúria
morresse de hidrofobia
não quis dar-lhe a sepultura

166

Galafre tinha uma filha
que de Toledo era a flor
justou logo casamento
com o grande imperador
tendo um general de Galafre
um ciúme abrasador

167

Esse general Brutamonte
ao rei Galatre engana
concordou com Salgueirão
uma conspiração profana
marcharam para Toledo
para roubar Galiana

168

Toledo ao vê-se cercada
resiste o cerco em defesa
Brutamonte com as forças
apertou o cerco em surpresa
Brutamonte e Salgueirão
foram roubar a princesa

169

Galiana quando viu
Brutamonte e Salgueirão
julgou Toledo vencida
com a sua guarnição
se dispôs heroicamente
falar na sua razão

170

Disse ela: Brutamonte
esta hora o que vem ver
contra mim no meu palácio
como quem vem me ofender?
te retira, se não mando
minha guarda te prender

171

Brutamonte fala atrevido:
senhora, não estremeça
se gritar por sua guarda
tal cousa não aconteça
porque eu com este alfange
hei de cortar-lhe a cabeça

172

—Ciúmo de Carlos Magno
contigo jurei casar
trouxe 50 mil homens
a Toledo mandei cercar
à força hás de ser minha
hoje hei de te levar

173

Galiana o desengana
inimigo de amor real
—Se deres um passo daí
mato-me com este punhal
Carlos Magno há de saber
que só a ele fui leal

174

E do cerco de Toledo
desertou algum soldado
fora avisar a Galafre
qu'estava em guerra ocupado
Carlos Magno quando soube
foi quem ficou mais vexado

175

Carlos Magno mandou
a volta de Timorante
mandou que os 12 pares
pra Toledo fossem adiante
que ele, Galafre e Angélica
iam em marcha triunfante

176

Partiram os cavalheiros
e chegaram justamente
no bosque que Fredegundes
morrera raivosamente
seu cadáver exposto ao sol
tinha virado serpente

177

Essa serpente atacou
com uma luta raivosa
para devorar os pares
como fera venenosa
mas os pares se livraram
desta batalha asquerosa

178

Chegaram eles em Toledo
nos cavalos galopando
deram uma encontrada
nos turcos e foram matando
mataram logo cinquenta
assim que foram chegando

179

Alarmou-se todo exército
Brutamonte com arrogância
montou um bravo cavalo
tomou uma grossa lança
queria tirar a fama
dos 12 pares de França

180

Oliveiros deu na testa
desse soberbo gigante
conheceu que na revolta
era ele o comandante
partiram um para o outro
o combate foi importante

181

Puseram as lanças no peito
deram grande encontrada
rebentaram os escudos
cada lança foi quebrada
Brutamonte puxou o alfange
Oliveiros puxou a espada

182

Trocaram um com o outro
grandes golpes reforçados
o alfange topou a espada
eram golpes tão pesados
que esbarraram se olhando
com os braços atormentados

183

Oliveiros nesta hora
tinha o escudo partido
o capacete do gigante
tinha desaparecido
falaram um para o outro
cada qual mais destemido

184

O gigante botou um golpe
em Oliveiros, com esforço
Oliveiros abriu-lhe a cabeça
com a espada até o pescoço
o exército esmoreceu
então tornou-se um destroço

185

Foram encontrar Brutamonte
junto com o Salgueirão
no palácio de Galiana
foram mortos no salão
Brutamonte por Oliveiros
e Salgueirão por Roldão

186

Então foram os cavalheiros
a Carlos Magno encontrar
deram parte que Toledo
estava em paz circular
e a princesa Galiana
em festa estava a esperar

187

Às duas horas da tarde
foi a chegada decente
de Carlos Magno e Galafre
com seu exército valente
foram cobertos de flores
tratados garbosamente

188

A princesa dona Angélica
bizarramente trajada
como noiva de Roldão
vinha bem acompanhada
Galiana de alegria
chorou com ela abraçada

189

Carlos Magno foi à Roma
venceu em guerra o sultão
defendeu a Inglaterra
dos combates de Olão
Abderaman voltou
com a grande expedição

190

E depois que Carlos Magno
terminou toda vingança
prendeu Abderaman
nos mouros fez a matança
casou igual com Roldão
tornaram feliz a França

5. Leandro Gomes de Barros

Câmara Cascudo descreveu Leandro Gomes de Barros como um caboclo entroncado, de bigode espesso, alegre e bom contador de anedotas. Nascido em 19 de Novembro de 1865 (data que hoje em dia é comemorativa como o dia do cordelista, dada a importância de Leandro), na fazenda de Melancia, em Pombal, Paraíba. Mais velho, mudou-se para a Vila do Teixeira, que se tornaria o berço da literatura popular nordestina. Foi lá onde conheceu diversos cantadores e poetas populares.

Leandro foi de extrema importância para a literatura de cordel, sendo chamado, já em seu tempo, de “o primeiro sem segundo”, foi o primeiro a fundar uma gráfica focada na produção e publicação de folhetos de cordel, além de dar os primeiros passos em uma logística de distribuição dos folhetos pelo sertão nordestino. Leandro ampliou o campo temático da literatura de cordel, soltando-se das amarras do ciclo influenciado por romances de cavalaria, e passando a explorar uma temática mais brasileira e nordestina de fato. A partir de Leandro, a poesia de cordel adquire tons irônicos e satíricos, e inicia-se um processo de conhecimento do herói popular nordestino, que se utiliza de engenho e astúcia para se desvencilhar de situações.

Autor de algumas das obras primas da literatura de cordel, que inspiraram autores como Ariano Suassuna. Notadamente, os cordéis *O cachorro dos mortos*, e o *O cavalo que defecava dinheiro* serviram de base para algumas passagens de o *Auto da Compadecida*.

Em *O cachorro dos mortos* pode-se notar a primeira grande contribuição de Leandro Gomes de Barros, no que tange o ciclo mágico ou fantástico, como enunciado por Suassuna. Neste cordel, o cachorro tem papel central na trama, sendo capaz de se comunicar com os mortos, chegando a ajudar a resolver o crime de assassinato de seus donos. Por ser tão leal e fiel, o padre da paróquia da região reza uma missa e enterra o cachorro, designando portanto, que o animal tem alma. Este cordel fez grande sucesso, e é de importância central para um passo importante no ciclo mágico do cordel, onde as crenças e a visão cosmológica cultural dos povos africanos, e também nativos indígenas, começa a se miscigenar com a produção estética colonial. A concepção de bichos e animais assumirem papéis centrais, terem alma, e dialogarem com entidades que pertencem ao campo religioso do cristianismo, traz não apenas este caráter “mágico” à narrativa, como traduz em metalinguagem o próprio processo cultural em si.

Já na primeira estrofe temos a inserção clara da visão dos povos ancestrais:

1

Os nossos antepassados
eram muito prevenidos
diziam: matos têm olhos
e paredes têm ouvidos
os crimes são descobertos
por mais que sejam escondidos

Mas não apenas os animais possuem vida e alma, como também as plantas e árvores ao redor. Angelita, ao ser apunhalada, e reconhecer o assassino de sua família, conclama a árvore da gameleira, próxima do mato onde ocorreu o crime, a ser testemunha:

33

Olhou para a gameleira
que tinha junto à estrada
dizendo: tu gameleira
viste essa cena passada?
és uma das testemunhas
quando a hora for chegada

Ainda outro ponto crucial na cosmologia cultural dos povos ancestrais, é a relação com o tempo. Dentro de sua visão de mundo, o tempo não é algo que corre em apenas uma direção, com presente, passado e futuro bem definidos. Ele é mutável, pode ir e voltar de qualquer forma, sendo uma relação muito mais complexa com o homem. Daí a produção literária decorrida destas culturas, seja na América Latina, seja africana, possuir uma estética de narrativa anacrônica, ou de tempo cíclico. No caso do cordel do cachorro, a narrativa até possui uma cronologia linear, entretanto, alguns fatos podem ser destacados com uma temporalidade “mágica”.

Na estrofe 33 citada acima, Angelita pede à árvore gameleira para que ela seja testemunha do assassinato. Mais tarde, descobrimos na trama, que antes do crime ocorrer, embriagado e raivoso, Valdivino redige uma carta confessando o assassinato, e a assina. Ao se esconder atrás da árvore, entocaiado, esperando para cometer o crime, Valdivino não percebe que a tal carta cai de seu bolso, e fica presa em um nó oco da gameleira. Depois do crime acontecido, Angelita pede para que a gameleira seja testemunha. O pedido é atendido pela gameleira, já que a carta será encontrada, porém, os fatos que atribuíram a condição de testemunha à árvore ocorreram antes do pedido de Angelita ser feito. É como se, ao fazer o pedido, um feitiço voltasse atrás no tempo, e fizesse com que Valdivino assinasse sua confissão e deixasse cair na gameleira, antes do crime ocorrer.

103

O leitor deve lembrar-se
dum verso que aqui já leu
veja na véspera do crime
o que Valdivino escreveu
que no tronco da gameleira
a carteira se perdeu

Finalmente, após todo o crime resolvido, e o assassino enforcado, o cachorro pode morrer em paz. Ele volta ao local onde ocorreu o crime, uma encruzilhada próxima da gameleira, deita-se e morre. Então o general manda rezar missa e enterrar o cachorro, como manda a fé dos homens.

169

As praças foram ao lugar
onde os crimes tinham havido
onde a família Oliveira
tinham toda sucumbido
bem no pé duma das cruzes
tinha o velho cão morrido

170

Tinha posto termo à vida
o maior dos lutadores
o que em sua existência
viu o horror dos horrores
que sem falar descobriu
quem matou os seus senhores

171

O general quando soube
da forma que o tinha achado
mandou fazer uma cova
e nela foi enterrado
um dos amigos mais firmes
que no mundo foi criado

e mais adiante

174

Deitou-se encostado as cruzes
que tinha edificado
tinha morrido há 3 dias
e nem sequer estava inchado
como quem diria: agora
posso morrer, estou vingado

Veja o texto completo:

O Cachorro dos mortos

1

Os nossos antepassados
eram muito prevenidos
diziam: matos têm olhos
e paredes têm ouvidos
os crimes são descobertos
por mais que sejam escondidos

2

Em oitocentos e seis
na província da Bahia
distante da capital
3 léguas ou menos seria
Sebastião de Oliveira
ali num canto vivia

3

Ele, a mulher e duas filhas
e um filho já homem feito
o rapaz era empregado
e estudava direito
o velho não era rico
mas vivia satisfeito

4

As duas filhas eram moças
honestas, e trabalhadoras
logravam na capital
o nome de encantadoras
chamavam atenção de todos
as grandes tranças tão louras

5

Esse velho era ferreiro
e ferreiro habilitado
vivia do seu ofício
plantando e criando gado
por 3 vezes enjeitou
o cargo de delegado

6

Havia um vizinho dele
Eliziário Amorim
esse tinha um filho único
da espécie de Caim
enquanto o espanhol velho
até não era ruim

7

O filho desse espanhol
uma fera carniceira
veio provocar namoro
com as filhas de Oliveira
uma delas disse a ele:
de nós não há quem o queira

8

Ele disse: tu não sabes
que meu pai possui dinheiro
em terras e criações
é o maior fazendeiro?
ela disse: o meu é pobre
planta, cria e é ferreiro

9

- Minha mãe tece de ganho
nós vivemos de costura
meu pai vive da sua arte
e da sua agricultura
meu irmão é empregado
para que maior ventura?

10

O sedutor conhecendo
seus planos serem debaldes
e só podia vencê-la
por meio da falsidade
que é a arma mais própria
onde existe a maldade

11

Saiu dali Valdivino
fedendo a chifre queimado
e Angelita ficou
com o coração descansado
nem disse aos outros de casa
o que tinha se passado

12

Ele pensou em força-la
mas pensou no resultado
devido o pai de Angelita
ser muito considerado
o filho pelo governo
era bem conceituado

13

Exclamava ele consigo:
Oh! Angelita, és tão bela!
eu não sossegarei mais
e nem me esquecerei dela
farei tudo pra vencê-la
porém não caso com ela

14

Mas Valdivino temia
o pai dela e o irmão
que o governo da província
tinha-lhe muita atenção
o rapaz era empregado
e tinha consideração

15

Valdivino inda pensou
que matando Floriano
podia calçar com ouro
todo governo baiano
ainda que entrasse em júri
não passava nem um ano

16

Ou poderia matá-lo
oculto numa emboscada
pois ninguém vendo o crime
ele não sofria nada
defunto não conta história
estava a questão acabada

17

Havia ali um engano
entre Vitória e Bahia
a divisão das províncias
ali ninguém conhecia
Sebastião de Oliveira
era o único que sabia

18

O governo da província
tendo aquela precisão
disse um dia: Floriano
você vã em comissão
chamar seu pai para vir
mostrar a demarcação

19

Valdivino de Amorim
viu Floriano passar
escolheu um lugar próprio
onde pudesse emboscar
dizendo dentro de si:
ele não pode escapar

20

A fera foi emboscada
onde havia uma capoeira
carregou um bacamarte
fez duma árvore trincheira
distante um quarto de légua
da fazenda de Oliveira

21

O rapaz chegou em casa
o velho tinha saído
ver se achava um jumento
que havia se sumido
um amigo lhe escreveu
que lá tinha aparecido

22

O Floriano chegou
depois que o velho saiu
nessa tarde não voltou
com a família dormiu
deu o recado a mãe dele
de madrugada seguiu

23

Calar um cachorro velho
que Sebastião criou
quando Floriano saiu
Calar o acompanhou
Floriano o quis voltar
porém Calar não voltou

24

Passava ali Floriano
a fera então enfrentou-o
disparou o bacamarte
sem vida em terra lançou-o
Calar partiu ao sicário
o assassino amarrou-o

25

As moças lá da fazenda
ouviram o estampido
Angelita se assustou
dizendo: o que terá sido?
o tiro foi para o lado
que seu irmão tinha ido

26

Angelita convidou
a sua irmã Esmeralda
dizendo: vamos ali
a passeio pela estrada?
aquele tiro que deram
deixou-me sobressaltada

27

No sertão naquele tempo
podia uma moça andar
passavam 2 ou 3 meses
sem nenhum homem passar
por isso foram elas duas
não tinham o que recear

28

Iam ali conversando
sobre a aragem matutina
disse Esmeralda à irmã:
olha para o céu, menina
estás vendo aquelas estrelas
como tem a luz tão fina?

29

Chegaram onde o irmão
estava morto na estrada
o criminoso do mato
atirou em Esmeralda
e enfrentou Angelita
dizendo: não diga nada

30

Angelita muito pálida
sem está esmorecida
vendo os 2 irmãos já mortos
por uma mão homicida
Ihe disse: monstro tirano
eu morro e não sou vencida

31

Ele disse: Angelita
com tudo isto sou teu;
foi dar-lhe um beijo nos lábios
e Angelita o mordeu
ele cravou-lhe o punhal
ela aí esmoreceu

32

Pondo a mão na punhalada
disse: monstro desgraçado
aquele velho cachorro
que está ali amarrado
descobrirá estes crimes
e tu serás enforcado

33

Olhou para a gameleira
que tinha junto à estrada
dizendo: tu gameleira
viste essa cena passada?
és uma das testemunhas
quando a hora for chegada

34

Já na última agonia
exclamou: monstro assassino
tiraste agora 3 vidas
e não sacias o destino?
isto hei de te lembrar
perante o Juiz Divino

35

- Não julgue que fique impune
este crime no deserto
tu não vês 3 testemunhas
que estão aqui muito perto?
estas, perante ao público
irão depor muito certo!

36

Disse Valdivino: és louca
quem viu o que foi passado?
disse Angelita: esse cão
que está ali amarrado
a gameleira e as flores
dirão no dia marcado!

37

Olhou para o cão e disse:
olha, meu velho Calar
tu dirá tudo ao juiz
sem ele te perguntar
essa velha gameleira
fica para te ajudar!

38

- E essa flor que por ela
há festa aqui todo ano
há de tirar a justiça
duma suspeita ou engano
dirá ao juiz: venha ver
quem matou a Floriano!

39

- As 3 vidas que roubaste
pagarás com tua vida
tu hás de te arrepender
depois da causa perdida
uma lágrima de dor
será por teu pai vertida

40

Contudo, monstro, perdoo-te!
porque fui e sou cristã
a morte do meu irmão
a minha e da minha irmã
tu hoje matas a mim
outro te mata amanhã!

41

E pondo a mão sobre uma
das punhaladas que tinha
disse a Calar: se fugires
consola a minha mãezinha
e diga que abençoe
os pobres filhos que tinha!

42

- Embora que tu não fales
pois não te foi concedido
mas um olhar bem olhado
dá ideia dum sentido
um uivo e um olhar
pode ser compreendido!

43

E ali cerrando os olhos
quase sorrindo expirou
o assassino olhando
chorando se retirou
depois pensou: isso é nada!
com toda calma voltou

44

Já estava frio o cadáver
porém nas feições mimosas
via-se perfeitamente
desenho de duas rosas
como se fossem pintadas
por mãos das mais curiosas

45

Em esmeralda se via
o sangue inda saindo
vestígio de zombaria
como quem morre sorrindo
como criança que brinca
finge que está dormindo

46

O rapaz banhado em sangue
bem no meio da estrada
à esquerda de Angelita
à direita de Esmeralda
com uma mão na ferida
e a outra mão estirada

47

Valdivino tinha à noite
escrito numa carteira:
“eu hoje hei de matar
Floriano de Oliveira
se não mata-lo me mato
será minha derradeira”

48

Datou e assinou o nome
pegou a arma e saiu
se encostou na gameleira
a carteira escapuliu
havia um oco na árvore
nele a carteira caiu

49

A fera não se lembrou
da testemunha ocular
perdendo aquela carteira
alguém podia achar
ela na mão da justiça
quem poderia o salvar?

50

Porém uma força oculta
permitiu que ele perdesse
e a mesma força impôs
que dela ele esquecesse
para dizer a seu tempo
o assassino foi esse

51

Calar o velho cachorro
que aquele espetáculo via
soltando uivos enormes
que muito longe se ouvia
rosnava e fitava os olhos
debalde a corda mordia

52

Valdivino ali puxando
um facão muito afiado
descarregou no cachorro
um golpe encolerizado
errou e cortou-lhe a corda
com que estava amarrado

53

Valdivino ficou triste
vendo o cachorro correr
lembrou-se do que Angelita
disse antes de morrer
porém disse: ele não fala
como poderá dizer?

54

Calar chegou na fazenda
uivando desesperado
dona Maria da Gloria
quando ouviu o cão uivando
aí cresceu-lhe o cuidado

55

E foi procurar os filhos
onde ouviu os estampidos
Calar foi na frente uivando
com enormes alaridos
dona Maria da Glória
ia aguçando os ouvidos

56

Como não foi o espanto
quando chegou no lugar
onde achou os filhos mortos
sem nada ali atinar?
Calar sabia de tudo
mas não podia contar

57

Voltou Maria da Glória
num triste e pequeno estado
já Sebastião em casa
a esperava sentado
não sabia da desgraça
que há pouco tinha se dado

58

Perguntou pela família
ela não pôde contar
disse apenas: morreu tudo!
e apontou para o lugar
estendeu-se para um lado
sem nada mais atinar

59

Sebastião de Oliveira
foi por onde a mulher veio
achou a poça de sangue
os filhos mortos no melo
olhou para o céu e disse:
ó meu Deus que quadro feio!

60

Foi perguntar a mulher
como aquilo foi se dado
ela apenas lhe contou
o que tinha se passado
deixando o pobre ancião
aflito e impressionado

61

Montou num burro e saiu
dali para a capital
quando chegou na cidade
foi ao quartel general
lá falou mais de uma hora
e nada disse afinal

62

Depois de muita insistência
o presidente entendeu
perguntou por Floriano
ele lhe disse: morreu
ele e a família toda...
e contou o que se, deu

63

A justiça foi atrás
ver o que tinha se dado
encontrou os 3 cadáveres
no chão em sangue banhados
Calar estava uivando
junto dos mortos deitado

64

Foram a casa de Oliveira
ver se Maria da Gloria
dava 1 roteiro que ao menos
se calculasse uma história
ela contou essa mesma
qu'eles guardam na memória

65

Dona Maria da Glória
dois dias depois morreu
Sebastião de Oliveira
com 3 dias enlouqueceu
dentro de duas semanas
tudo desapareceu

66

A justiça da Bahia
não deixou de procurar
espalhou por toda parte
secretos a indagar
não havia uma pessoa
que dissesse: eu vi matar

67

Dava dez contos de réis
na moeda que quisesse
a pessoa que chegasse
e seriamente dissesse
teria mais um terreno
a pessoa que soubesse

68

Porém o crime se deu
quando ali ninguém passava
Calar sabia de tudo
porque no crime ele estava
se falasse descobria
desejo não lhe faltava

69

Impressionava a todos
habitantes da cidade
como deu-se aquele crime
naquele localidade
Floriano de Oliveira
todas lhe tinham amizade

70

Atribuiu-se a um roubo
por algum aventureiro
mas o rapaz costumava
a não andar com dinheiro
questão de moça não era
ele era justiceiro

71

Os moradores de perto
eram todos conhecidos
compadre dele e do pai
e por eles protegidos
tanto que se dando o crime
todos ficaram sentidos

72

Eliziário era um desses
abortos que têm havido
desses que o pão que come
se considera estruído
fazer-lhe o mal é pecado
o fazer-lhe o bem é perdido

73

Esse era fazendeiro
porem dali não saía
nem era bem conhecido
no comércio da Bahia
só onde vendia lã
alguém lá o conhecia

74

E o dono do açougue
onde ele vendia gado
e o banco onde tinha
dinheiro depositado
tanto que deu-se esse crime
e dele não foi lembrado

75

Sentiu e chorou bastante
a morte do camarada
e não foi a missa dele
por não ser de madrugada
pois só tinha uma camisa
e esta estava rasgada

76

Também procurou saber
quem seria o assassino
não sei se pelo dinheiro
ou pelo próprio destino
mas nunca lhe veio à mente
ser seu filho Valdivino

77

Onde deu-se o crime havia
duas estradas em cruz
diziam que ali se achavam
umas flores muito azuis
formando uma lapa igual
a do menino Jesus

78

Os baianos costumavam
desde a antiguidade
fazer uma grande festa
naquela localidade
véspera e dia de ano
ali era novidade

79

Na capital da Bahia
não havia outro festim
havia missa campal
orquestra e botiquim
bailes naquelas latadas
bem cobertas de capim

80

Em oitocentos e nove
estava a festa a terminar
um velho que ali passava
passou naquele lugar
atrás desse caçador
vinha o cachorro Calar

81

Abrigou-se numa sombra
vinha muito esbaforido
foi cheirar os pés das cruzes
que o senhor tinha morrido
cheirou as das duas moças
e depois saltou um gemido

82

Estava ali o general
o bispo e o presidente
com o chefe de policia
homem muito experiente
todos ficaram daquilo
impressionadamente

83

O general perguntou
de quem era aquele cão
respondeu o velho Pedro:
esse cachorro, patrão
é do defunto Oliveira
quo Deus dê-lhe a salvação

84

- Este cachorro é o rei
dos cachorros caçadores
ainda adora o lugar
que mataram seus senhores
se fosse de madrugada
Seus uivos faziam horrores

85

Disse o chefe de polícia:
inda não se descobriu
a morte de um patriota
que tanto a pátria serviu
foi logo neste deserto
em hora que ninguém viu!

86

Disse ali o presidente:
se ainda se descobrir
o autor dessas 3 mortes
eu juro a Deus o punir
serei o carrasco dele
quando à força subir

87

—Sebastião de Oliveira
era um pobre acreditado
a família deu exemplo
o filho um rapaz honrado
era um rapaz distinto
por todo mundo estimado

88

Então disse o general:
isso inda é descoberto
o crime foi muito oculto
feito aqui neste deserto
mas quando chegar o dia
há de saber-se por certo

89

—Se eu vivo for nesse tempo
serei o algoz mais forte
serei um dos que conduz
para o teatro da morte
com a minha própria mão
amolo o ferro que o corte

90

O cachorro ouviu aquilo
ergueu-se muito contente
foi aos pés do general
festejou o presidente
como quem dizia: o crime
é punido certamente

91

Disse o bispo: esse cachorro
é testemunha ocular
ele viu quem fez as mortes
só falta é ele apontar
se ele visse o criminoso
podia o denunciar

92

Disse o velho: esse cachorro
fez uma coisa esquisita
tinha uma cobra enroscada
onde mataram Angelita
ele despedaçou-a a dentes
quase que se precipita

93

— Quando ele vem aqui
nos pés das cruzes se lança
solta um uivo muito triste
como quem pede vingança
como quem pede de balde
sem ter daquilo esperança

94

Nisto chega um cavalheiro
Valdivino de Amorim
andava fora, inda vinha
ver se alcançava o festim
vinha num burro possante
alvo da cor de jasmim

95

Assim que o cachorro viu
Valdivino se apear
rosnou e partiu a ele
querendo o estraçalhar
só não rasgou-lhe a garganta
devido o velho o pegar

96

Tremia o queixo e babava
fitando ali Valdivino
uivava como quem já
tivesse perdido o tino
só faltava era dizer:
eis aí o assassino

97

E foi para o pé da cruz
e ali pegou a uivar
fitando os olhos ao céu
como quem quer suplicar
como quem dizia: ó Deus
vem quem não posso falar

98

O bispo disse: Valdivino
você está descoberto
foste o autor sanguinário
das mortes deste deserto
aquele cachorro deu
um depoimento certo

99

O monstro viu o perigo
fez tudo para negar
o bispo disse meu filho
não há mentira em olhar
os olhos são verdadeiros
não podem nada ocultar

100

Os olhos também se queixam
um olhar diz o que sente
ameaça ou traição
punição severamente
declara mágoa ou a dor
porém o olhar não mente

101

— O olhar daquele cão
está demonstrando a dor
o sentimento profundo
da morte do seu senhor
ele só falta falar
e apontar o matador

102

Naquilo duas crianças
que estavam em brincadeira
uma delas se trepou
num galho da gameleira
tirando um ninho de rato
achou nele uma carteira

103

O leitor deve lembrar-se
dum verso que aqui já leu
veja na véspera do crime
o que Valdivino escreveu
que no tronco da gameleira
a carteira se perdeu

104

Ali trouxeram a carteira
entregaram ao general
o bispo disse: senhor
o que lhe disse afinal?
não lhe disse que os olhos
só dizem o que é legal?

105

Valdivino descobriu tudo
em sua interrogação
Calar ali demonstrou
ter grande satisfação
pulava um metro de altura
e rolava pelo chão

106

Corria escaramuçando
como quem estava em folia
festejou o general
com desmarcada alegria
como quem dizia: nesses
encontrei o que queria

107

O povo todo da festa
quis a Valdivino linchar
o bispo e o presidente
trataram de acomodar
garantindo que a justiça
havia de o castigar

108

Saiu preso Valdivino
Calar o acompanhou
o velho Pedro o chamava
mas ele não escutou
voltou quando Valdivino
preso nos ferros deixou

109

O general ao sair
ordenou ao cozinheiro
que dessa ao velho Calar
um bom lombo de carneiro
porque muito merecia
aquele bom companheiro

110

O criado deu o lombo
Calar nem para ele olhou
saiu o povo da festa
e o lombo lá ficou
o cachorro veio comer
à noite quando voltou

111

A mulher de Eliziário
sabendo o que aconteceu
deu-lhe um ataque tão forte
que no chão se estendeu
passou a noite sem fala
no outro dia morreu

112

Juvenal, um espanhol
amigo de Eliziário
chegando lá disse ao velho:
você é milionário
compre 3 ou 4 médicos
que provem ele está vário

113

— Porque ele estando vário
não poderá ser julgado
o processo fica inválido
não pode ser condenado
aí o senhor procura
o melhor advogado

114

Eliziário pensou
aquilo ser acertado
do contrário Valdivino
ia ser executado
e tinha toda certeza
ele morrer enforcado

115

Dirigiu-se a capital
procurou um advogado
esse arranjou 4 médicos
sendo o réu examinado
provaram que há 4 anos
ele era tresloucado

116

O bispo e o presidente
consultaram ao general
mandaram ver 4 médicos
no reino de Portugal
e fizeram na Bahia
uma junta especial

117

Vieram de Portugal
4 médicos escolhidos
que por dinheiro sem conta
não seriam iludidos
esses homens de caráter
jamais seriam vendidos

118

E examinaram o réu
e cada um do persi
depois disseram que nunca
houve tal loucura ali
nem se quer nervoso havia
todos Juraram aí

119

Fizeram novo processo
depois dele examinado
estando pronto o processo
Valdivino foi julgado
a sentença que pegou
foi para ser enforcado

120

Não havia mais recurso
estava tudo consumado
o réu dali a 3 dias
ia ser executado
não tinha mais que apelar
já tinha sido julgado

121

O velho quase sem jeito
sem nada mais conseguir
tentou o último meio
a fim do filho fugir
mas só dos degraus da forca
podia se escapular

122

Então soube que o carrasco
era um tal de Zefirino
um calibre mais ou menos
igual ao de Valdivino
tinha os 3 dons da desgraça
covarde, vil, assassino

123

Era um mulato laranja
de aspecto aborrecido
o couro da testa dele
sempre se via franzido
os cabelos bem vermelhos
rosto largo não comprido

124

Foi o velho Eliziário
a esse tal Zefirino
ver se esse podia dar
evasão a Valdivino
dizendo: ele pula da forca
e depois toma o destino

125

-Pegue dez conto de réis
que lhe dou adiantado
e se tiver a fortuna
dele não ser enforcado
dar-lhe-ei mais 20 contos
o dinheiro está guardado

126

Então disse Zefirino:
isso é difícil arranjar
porém quando ele subir
eu finjo me descuidar
ele que vai prevenido
trate logo de saltar

127

- Disse Zefirino ao velho:
o senhor deve aprontar
um cavalo bem ligeiro
para quando ele saltar
montar-se logo e correr
antes de povo chegar

128

—Eu hoje direi a ele
tudo que está planejado;
que cor será o cavalo
que deverá estar selado?
—Diga que é o poldro cobra
em que ele andava montado

129

Valdivino quando soube
dessa consulta que havia
ficou como uma criança
chorava de alegria
jurando no mesmo instante
que Calar lhe pagaria

130

E quando chegou o dia
estava o povo aglomerado
Valdivino de Amorim
ia ser executado
tudo ali estava esperando
ele morrer enforcado

131

Presente ao estado maior
que vinha presenciar
subiu Valdivino à forca
Zefirino foi laçar
porém ele se encolhendo
conseguiu dali saltar

132

E saiu como um flecha
entre o povo se meteu
se montando no cavalo
dali desapareceu
internando-se no mato
num instante se escondeu

133

O povo indignou-se
com a fuga do Valdivino
um deles que ali estava
estrangulou Zefirino
porque esse tinha dado
evasão ao assassino

134

Porém chegou o cachorro
quase na ocasião
soltou 2 ou 3 latidos
saiu de venta no chão
63 praças foram
também na perseguição

135

Porém Valdivino ia
em bom cavalo montado
tinha grande desvantagem
por não ter saído armado
e Calar no rastro dele
gania muito vexado

136

Foi preso Eliziário
como autor da evasão:
o povo não o matou
porém foi para a prisão
e o bispo que saiu
pedindo a população

137

Era meia-noite em ponto
Valdivino inda corria
o cavalo já causado
que nada mais resistia
e o cachorro Calar
de vez em quando latia

138

Valdivino conhecendo
que a ele nada valia
e o cachorro Calar
seu rastro não deixaria
pensou em suicidar-se
só assim descansaria

139

Dentro do mato apeou-se
e amarrou o cavalo
encostou-se numa pedra
sentiu alguém acordá-lo
nisso o cavalo espantou-se
ele não pôde pegá-lo

140

Seguiu por uma vereda
descalço e todo rompido
ouvindo de vez em quando
Calar soltar um ganido
foi sair bem no lugar
que os crimes tinham havido

141

Ele viu a gameleira
que sombreava a estrada
Floriano de Oliveira
Angelita e Esmeralda
Sebastião de Oliveira
e dona Maria prostrada

142

Viu vir uma carruagem
nela vinha um magistrado
que saudou os 5 vultos
depois de ter se apeado
exclamou: sangue inocente
breve há de ser vingado!

143

Tornou a tomar o carro
se montando foi embora
nesse momento Calar
vem com a língua de fora
festejou todos os vultos
e partiu na mesma hora

144

Um dos vultos chamou ele
o cachorro estacou
Valdivino não ouviu
o que o fantasma falou
só ouviu foi dizer: volte...
e o cachorro voltou

145

O criminoso pensou
que ali não escaparia
lembrou-se duma pessoa
que morava na Bahia
pois tinha onde ocultá-lo
que vem o cachorro via

146

Era um compadre e amigo
a quem ele protegeu
que com dinheiro do pai
esse tal enriqueceu
e ia sempre visitá-lo
quando a justiça o prendeu

147

Valdivino calculou:
o que eu devo fazer
é ir lá para o quintal
por ali me esconder
ou ele ou a mulher dele
um há de aparecer

148

E saiu o assassino
chegando lá se escondeu
não houve ali quem o visse
quando o dia amanheceu
o compadre veio fora
e ele lhe apareceu

149

Valdivino lhe pediu
que não o deixasse morrer
disse-lhe o velho Roberto:
eu tenho onde te esconder
porém ninguém mais daqui
disso não pode saber

150

Quatro dias decorriam
e o assassino escondido
debaixo dumas madeiras
estava ele metido
o pai dele na cadela
já ia ser concluído

151

Num dia de quarta-feira
o velho Calar chegou
a força inda estava armada
Calar ali a olhou
cravando a vista no céu
um uivo triste soltou

152

Veio ali o presidente
que trouxe um pão e lhe deu
Calar olhou para ele
cheirou-lhe os pés e gemeu
botando o pão entre as mãos
deitou-se e ali comeu

153

Chegou a força do mato
não trazendo o criminoso
o general com aquilo
ficou muito desgostoso
até o governador
ficou doente e nervoso

154

O povo em roda da força
só fazia lamentar
que o pai do assassino
devera se executar
todos pediam ao governo
que o mandasse enforcar

155

O cachorro levantou-se
como quem está chamando
foi à casa de Roberto
na porta ficou uivando
olhava para Roberto
partia a ele rosnando

156

O general com aquilo
ficou bastante nervoso
e disse ao governador:
estou muito receoso
que ali naquela casa
está oculto o criminoso

157

Então a força cercou
toda a casa de Roberto
o cachorro só faltava
era dizer: está perto
e o general disse a ele
o senhor está descoberto

158

Roberto ali descobriu
o assassino onde estava
debaixo dumas madeiras no
o monstro só se conservava
foi levado ao pé da forca
onde o povo o esperava

159

Contou tudo que se deu
antes de ser enforcado
os vultos que viu nas cruzes
a quem tinha assassinado
o segredo do cachorro
e o carro do magistrado

160

Às 5 horas da tarde
a justiça o enforcou
o pai dele estava preso
assim que o sino dobrou
ali soltando um gemido
na mesma bora expirou

161

Estando morto o assassino
o botaram sobre o chão
o cachorro olhou-o bem
chamando tudo atenção
soltou dois ou três latidos
o que espantou a multidão

162

Quando a polícia ordenou
pra ser o corpo inumado
sobre os pés do general
Calar caiu mui cansado
talvez querendo dizer:
general, muito obrigado

163

O general foi ver água
ao cachorro ofereceu
ali o velho Calar
dois goles d'água bebeu
trouxeram-lhe uma fritada
porém ele não comeu

164

Festejando o general
as pernas dele abraçou
dirigiu-se ao presidente
a mesma ação obrou
depois desapareceu
novo destino tomou

165

Foi direto ao lugar
que o horrendo crime se deu
no pé da cruz de Angelita
ele cavou e gemeu
o velho Pedro o chamou
mas ele não atendeu

166

Deitou-se entre as 3 cruzes
sua vida liquidou
nas condições dum guerreiro
que da batalha voltou
trazendo loiros de guerra
à sepultura baixou

167

O general quando soube
que Calar era sumido
e que faziam três dias
que não era aparecido
mandou gente procurá-lo
ficando muito sentido

168

Saíram 5 ou 6 praças
em procura de Calar
o general tinha dito
não voltem sem o achar
traga ele direitinho
não o faça maltratar

169

As praças foram ao lugar
onde os crimes tinham havido
onde a família Oliveira
tinham toda sucumbido
bem no pé duma das cruzes
tinha o velho cão morrido

170

Tinha posto termo à vida
o maior dos lutadores
o que em sua existência
viu o horror dos horrores
que sem falar descobriu
quem matou os seus senhores

171

O general quando soube
da forma que o tinha achado
mandou fazer uma cova
e nela foi enterrado
um dos amigos mais firmes
que no mundo foi criado

172

E na morte dos senhores
ele afirmou ter ação
provou que tinha amizade
ao velho Sebastião
a morte só foi vingada
por sua perseguição

173

Só não fez foi dizer nada
mas provou por sua vez
apontou só com a vista
o monstro que os crimes fez
seus olhos diziam ao público;
este matou todos três

174

Deitou-se encostado as cruzes
que tinha edificado
tinha morrido há 3 dias
e nem sequer estava inchado
como quem diria: agora
posso morrer, estou vingado

175

Mais de duzentas pessoas
assistiram enterrar ele
devido à grande firmeza
que tinha se visto nele
muitas flores naturais
deitaram na cova dele

176

Agora vejam, leitores
quem era o velho Calar
e como Sebastião
um dia pôde o achar
ele tinha cinco dias
o dono ia o matar

177

Então o velho Oliveira
achou ser ingratidão
matar aquele inocente
embora fosse ele um cão
porém disse: a caridade
não se faz só a cristão

178

E levou-o para casa
disse a mulher que criasse
dizendo: pode ser bom
algum dia inda caçasse
quando nada na fazenda
talvez os bichos espantasse

179

De fato, Calar criou-se
e era um cão caçador
maracajá e raposa
tinham dele tal pavor
que passavam muito longe
da fazenda do senhor

180

Era o vigia da noite
um minuto não dormia
numa coisa que guardavam
o velho cão não bolia
só quando os donos lhe davam
era que ele se servia

181

A família de Oliveira
às vezes a conversar
a velha dizia aos filhos:
este cachorro Calar
tem expressão de pessoa
que conhece o seu lugar

182

Em casa do dono dele
à noite nada chegava
um bacurau que voasse
ele se erguia e ladrava
do poleiro das galinhas
até coruja espantava

183

Como era muito bom
o dono sempre caçava
porém a vizinho algum
à noite acompanhava
e só ia para o mato
quando o senhor o chamava

184

Depois de terem morrido
os senhores de Calar
o pobre cão toda noite
ia para aquele lugar
olhava para as 3 cruzes
levava a noite a uivar

185

Latia e fitava o céu
que causava pena e dó
via sangue no capim
ele cobria com pó
não queria ir pra casa
passava o dia ali só

186

O velho Pedro dos Anjos
vizinho de Sebastião
achou que aquele animal
merecia compaixão
chamou-o para não vê-lo
morrer sem ter remissão

187

O velho Pedro caçava
toda noite com Calar
mas ele só ia à caça
depois que ia ao lugar
aos pés daquelas cruzes
não deixava de uivar

188

E assim morreu Calar
ficou também descansado
era um cão, porém deixou
o nome imortalizado
morreu depois de vingar
quem já tinha o livrado

189

Leitor, não levantei falso
Escrevi o que se deu
Acredite que este fato
Na Bahia aconteceu
Depois de lutar então
Rolou Calar sobre o chão
Onde seu senhor morreu

Em *O boi misterioso* Leandro Gomes de Barros amplia ainda mais a questão da presença da cosmologia de matriz africana e indígena. O boi misterioso do título é um boi que não consegue ser caçado, por nenhum tipo de vaqueiro, por melhor que seja o cavalo. O boi sempre corre mais rápido do que todos, nunca se cansa, e quando entra na floresta, simplesmente desaparece.

Aqui a questão é mais complexa, e por isso mesmo interessante. O boi é, a todo momento, vinculado ao diabo, para poder ter tais poderes mágicos. Este é um ponto crucial. Para os colonizadores cristãos, tudo o que advinha das religiões e culturas indígenas ou africanas, e que não podia ser explicado através da fé cristã, era colocado como pertencente “ao diabo”. Todos os encantamentos, milagres, feitiços, pertencentes à forças da natureza, e não ao cristianismo, eram imediatamente classificados como sendo pertencentes ao demônio. Esta era uma forma perfeita de literalmente matar a cultura destes povos: Demonizando-a. Vejamos algumas passagens do texto:

8

Foi em mil e oitocentos
e vinte e cinco, este caso
uma época em que o povo
só conhecia o atraso
quando a ciência existia
porém trancada num vaso

mais adiante

22

A vinte quatro de agosto
data essa receosa
que é quando o diabo podia
soltar-se e dar uma prosa
pois foi nesse dia o parto
da vaca misteriosa

e ainda

36

Contou aos outros vaqueiros
o que se tinha passado
dizendo que aquele boi
só sendo um bicho encantado
se havia mágica em boi
aquele era batizado

Não só o boi (os animais e a natureza) terem poderes mágicos e indomáveis eram demonizados pela catequização, como os descendentes indígenas e africanos praticantes de suas religiões e culturas, eram também demonizados e vistos com desconfiança. Nas perseguições do boi, um vaqueiro que era descendente de índios, chamado Benvenuto, é o primeiro a perceber a magia do boi, e por isso desistir da perseguição, fato que todos estranham. Mais tarde, o índio foge, fazendo pacto com o boi misterioso.

58

Disse o coronel: você
é um caboclo cismado
não deixa de acreditar
nisso de boi batizado
e mesmo aquele não é
o bezerro encantado

e mais adiante

157

Então o povo dizia
que o índio era feiticeiro
e uma fada pediu-lhe
que não fosse mais vaqueiro
a fada transformou ele
em um veado galheiro

e ainda

162

A velha disse: Deus mande
a cascavel me morder
se de lá de minha casa
não ouvi o boi dizer:
boa-noite, Benvenuto
eu só vim aqui te ver

163

—O boi disse outras palavras
que eu não pude ouvir
o caboclo e a mulher
disso ficaram a sorrir
o boi, o índio e a mulher
tudo junto eu vi sair

164

—Aí fui guardar o fuso
a cesta e o algodão
—Credo em cruz! dizia eu
aquilo é arte do cão
são coisas do fim do mundo
bem diz Frei Sebastião!

O fato interessante de se notar em *O boi misterioso* é, não apenas a visão que a cultura colonizadora impunha às culturas colonizadas, porém como a magia intrínseca destas culturas vai se apoderando do texto, de modo que estes acontecimentos que são categorizadas como pertencentes ao demônio, vão sendo introduzidos na cultura sertaneja, de certa forma, humanizando o próprio demônio dentro de suas narrativas, o tornando menos perigoso, mais próximo da realidade e do dia a dia. Ao final do cordel, tanto o índio como o boi desaparecem, se transformando em outros bichos da natureza.

217

Bem no centro da campina
havia uma velha estrada
feita por gado dali
porém estava apagada
depois com outra vereda
fazia uma encruzilhada

218

lam o vaqueiro e o boi
pela dita cruz passar
ali enguiçava a cruz
ou tinha então que voltar
devido os outros vaqueiros
não havia outro lugar

219

Mas o boi chegando perto
não quis enguiçar a cruz
tudo desapareceu
ficou um foco de luz
e depois dela saíram
uma águia e dois urubus

220

Tudo ali observou
o fato como se deu
viu-se que o chão se abriu
e o campo estremeceu
pela abertura da terra
viram, quando o boi desceu

221

Voltaram todos os homens
o coronel constringido
o boi e o tal vaqueiro
terem desaparecido
a terra abriu-se e fechou-se
pôs feudo surpreendido

222

Julgam que a águia era o boi
que quando na terra entrou
ali havia uma fada
em uma águia o virou
o vaqueiro e o cavalo
em 2 corvos os transformou

Veja o texto completo:

O boi misterioso

1

Leitor vou narrar um fato
De um boi da antiguidade
Como não se viu mais outro
Até a atualidade
Aparecendo hoje um desses
Será grande novidade

2

Durou vinte e quatro anos
nunca ninguém o pegou
vaqueiro que tinha fama
foi atrás dele, chocou
cavalo bom e bonito
foi lá, porém estacou

3

Diz a história: ele indo
em desmedida carreira
caso engalhasse um chifre
num galho de catingueira
conforme fosse a vergôntea
arrancava-se a touceira

4

Ele nunca achou riacho
que dum pulo não saltasse
e nunca formou carreira
que com 3 léguas cansasse
como nunca achou vaqueiro
que em sua cauda pegasse

5

Muitos cavalos de estima
atrás deles se acabaram
vaqueiro que em todos campos
até medalhas ganharam
muitos venderam os cavalos
e nunca mais campearam

6

É preciso descrever
como foi seu nascimento
que é para o leitor poder
ter melhor conhecimento
conto o que contou-me 1 velho
cousa alguma eu acrescento

7

Já completaram 30 anos
eu estava na flor da idade
uma noite conversando
com 1 velho da antiguidade
em conversa ele contou-me
o que viu na mocidade

8

Foi em mil e oitocentos
e vinte e cinco, este caso
uma época em que o povo
só conhecia o atraso
quando a ciência existia
porém trancada num vaso

9

No sertão de Quixelou
na fazenda Santa Rosa
no ano de vinte e cinco
houve uma seca horrorosa
ali havia uma vaca
chamada misteriosa

10

Isso de misteriosa
ficou o povo a chamar
porque um vaqueiro disse
indo uma noite emboscar
uma onça na carniça
viu isso que vou narrar

11

Era meia-noite em ponto
o campo estava esquisito
havia até diferença
nos astros do infinito
nem do nambu nessa hora
se ouvia o saudoso apito

12

Dizia o vaqueiro: eu estava
em cima dum arvoredor
quando chegou essa vaca .
que me causou até medo
depois chegaram dois vultos
e ali houve um segredo

13

O vaqueiro viu que os vultos
eram de duas mulheres
uma delas disse à vaca:
parta por onde quiseres
eu protegerei a ti
e os filhos que tiveres

14

Aí um vaqueiro viu
um touro ali chegar
então disseram os vultos:
é hora de regressar;
disse o touro: montem em mim
que o galo já vai cantar

15

Aí clareou a noite
o vaqueiro pôde ver
eram duas moças lindas
que mais não podia haver
o touro era duma espécie
que ele não soube dizer

16

Ele viu elas montarem-se
viu quando o touro saiu
a vaca se ajoelhou
e atrás deles seguiu
depois veio a onça e ele
atirou-lhe, ela caiu

17

Por isso teve a vaca
daí em diante esse nome
uns chamavam feiticeira
outros, vaca lubisome
diziam qu'ela era a alma
dum boi que morreu de fome

18

O coronel Sezinando
fazendeiro dono dela
não quis que pegasse ela
disse que o morador dele
não tirasse leite nela

19

No ano de vinte e quatro
pouca chuva apareceu
em todo sertão do norte
a lavoura se perdeu
até o próprio capim
faltou chuva e não cresceu

20

Então entrou vinte e cinco
o mesmo verão trincado
morreu muita vaca de fome
quase não escapa gado
escapou alguma rês
lá num ou outro cercado

21

A vaca misteriosa
não houve mais quem a visse
o dono não se importava
qu'ela também se sumisse
podia até pegar fogo
que na fumaça subisse

22

A vinte quatro de agosto
data essa receosa
que é quando o diabo podia
soltar-se e dar uma prosa
pois foi nesse dia o parto
da vaca misteriosa

23

Dela nasceu um bezerro
um pouco grande e nutrido
preto da cor de carvão
o pelo muito luzido
representando já ter
um mês ou dois de nascido

24

Um vaqueiro da fazenda
assistiu ele nascer
foi à noite à casa grande
ao coronel lhe dizer
o coronel disse: então
se nasceu, deixe crescer

25

Em março de 25
o inverno estava pegado
o coronel Sezinando
mandou juntar todo gado
que ele queria saber
quantas reses tinham escapado

26

Então a misteriosa
pôde vir justo com o gado
trazia o dito bezerro
grande e muito bem criado
o que era de vaqueiro
vinha tudo admirado

27

Um índio velho vaqueiro
da fazenda do Desterro
disse ao coronel: me falte
a terra no meu enterro
quando aquela vaca velha
for mãe daquele bezerro

28

Ali mesmo o coronel
tomando nota do gado
tirou as vacas paridas
das que tinham escapada
só não a misteriosa
devido ficar cismado

29

Com ano e meio ele tinha
mais de 6 palmos de altura
uns chifres grandes e finos
com um palmo de grossura
o casco dele fazia
barroca na terra dura

30

Sumiu-se o dito bezerro
e a vaca misteriosa
depois de 5 ou 6 anos
na fazenda Venturosa
viram ele com a marca
da fazenda Santa Rosa

31

O vaqueiro conheceu
o boi ser do seu patrão
viu que devia pegá-lo
qu'era sua obrigação
ajuntou ambas as rédeas
esporeou o alazão

32

Partiu em cima do boi
andou perto de pegá-lo
com dezoito ou vinte passos
talvez pudesse alcançá-lo
era sem limite o gosto
que tinha de derribá-lo

33

Mas o boi se fez no casco
e no campo se estendeu
gritou-lhe o vaqueiro: boi
tu não sabes quem sou eu
boi que lhe boto o cavalo
é carne que apodreceu

34

Com menos de meia légua
estava o vaqueiro perdido
não soube em que instante
o tal boi tinha sumido
estava o cavalo suado
e já muito esbaforido

35

Voltou então o vaqueiro
sem saber o que fizesse
pensando em chegar em casa
então que história dissesse
se pegando com os santos
que o coronel não soubesse

36

Contou aos outros vaqueiros
o que se tinha passado
dizendo que aquele boi
só sendo um bicho encantado
se havia mágica em boi
aquele era batizado

37

No outro dia saíram
seis vaqueiros destemidos
em seis cavalos soberbos
dos melhores conhecidos
pois só de cinco fazendas
puderam ser escolhidos

38

Foi Noberto, da Palmeira
Ismael, do Riachão
Calixto, do Pé da Serra
Félix, da Demarcação
Benvenuto, do Desterro
Zé Preto, do Boqueirão

39

Tinha já ido dizer
na fazenda Santa Rosa
que o vaqueiro Apolinário
da fazenda Venturosa
tinha encontrado com o boi
da vaca misteriosa

40

O coronel duvidou
quando contaram-lhe o fato
disse a pessoa: os vaqueiros
já seguiram para o mato;
o coronel foi atrás
saber se aquilo era exato

41

Disse então Apolinário
que andava campeando
viu um boi preto muito grande
e dele se aproximando
viu do lado esquerdo o ferro
do coronel Sezinando

42

—Pois bem, disse o coronel
esse garrote encantado
quando desapareceu
inda não estava ferrado
foi-se orelhudo de tudo
nem sequer está assinado

43

—Pois tem na orelha esquerda
três mesas e um canzil
tem na orelha direita
brinco lascado a funil
o ferro de Santa Rosa
está nele a marca buril

44

Foram aonde Apolinário
à tarde tinha encontrada
pouco adiante ele estava
numa malhada deitado
levantou-se lentamente
como quem estava enfadado

45

Aí tratou em partir
em desmedida carreira
o coronel Sezinando
disse ao vaqueiro Moreira:
aquele não há quem pegue
voltemos, pois é asneira

46

Disse o vaqueiro Noberto:
eu não o posso pegar
porém só me desengano
quando o cavalo cansar
nunca vi boi na igreja
para padre batizar

47

Noberto tinha um cavalo
chamado Rosa-do-Campo
Calixto do Pé da Serra
um chamá-lo pirilampo
o de Apolinário, nice
era da raça do campo

48

O do vaqueiro Ismael
chamava-se perciano
o do índio Benvenuto
chamava-se Soberano
Félix tinha um poldro preto
chamava-se riso-do-ano

49

O do vaqueiro Zé Preto
tinha o nome de caxito
entre todos os cavalos
era aquêlo o mais bonito
era filho dum cavalo
que trouxeram 'do Egipto

50

Era meio-dia em ponto
quando formaram carreira
o boi fazia na frente
uma nuvem de poeira
nos riachos ele pulava
de uma a outra barreira

51

Zé Preto do Boqueirão
foi quem mais se aproximou
quase que lhe pega a cauda
porém não o derrubou
ficou tão contrariado
que depois disso, chorou

52

Dizia que nunca viu
boi de tanta ligeireza
como no cavalo dele
nunca viu tanta destreza
e disse que um boi daquele
para o sertão é grandeza

53

Perguntou o coronel:
o boi será encantado?
— Não senhor; disse Zé Preta
isto de encanto é ditado
é boi como outro qualquer
só têm que foi bem criado

54

Eram seis horas da tarde
já estava tudo suado
não havia um dos cavalos
que não estivesse molhado
porém mais de 5 léguas
dum fôlego tinham tirado

55

O coronel Sezinando
disse: vamos descansar
vaqueiro dagora em diante
tem muito em que se ocupar
eu só descanso a meu gosto
quando esse boi se pegar

56

Disse o índio Benvenuto:
coronel, se desengane
esse boi não é pegado
nem que o diabo se dane
cavalo não chega a ele
inda que por mais se engano

57

— Tenho sessenta e dois anos
em cálculo não tenho erro
e disse que me faltasse
terra para o meu enterro
quando aquela vaca fosse
a mãe daquele bezerro

58

Disse o coronel: você
é um caboclo cismado
não deixa de acreditar
nisso de boi batizado
e mesmo aquele não é
o bezerro encantado

59

—Não é? Ora não é!
veremos se é ele ou não
vossa senhoria ajunte
os vaqueiros do sertão
do Rio Prata ao Pará
depois me diga então

60

Disse o coronel: caboclo
Zé Preto não pegou ele?
—Ora... pegou, coronel
mas não sabe o que há nele
dou a vida se tiver um
que traga um cabelo dele

61

—Eu digo de consciência
senhor coronel Sezinando
o boi é misterioso
para que está lhe enganando?
o boi é filho dum gênio
uma fada está criando

62

—A mãe d'água do Egito
foi quem lhe deu de mamar
a fada da Borborema
tomou-o para criar
na Serra do Araripe
foi ele se batizar

63

O coronel Sezinando
disse: eu não acredito
na fada da Borborema
e na mãe d'água do Egito
gênio e fada para mim
é um dito esquisito

64

Quarenta e cinco vaqueiros
saíram para pegá-lo
dizia o índio: só hoje
você podiam encontrá-lo
no dia de sexta-feira
duvido de quem achá-lo

65

E de fato, nesse dia
nem o rastro dele viram
voltaram para a fazenda
ao outro dia partiram
às nove horas do dia
no rastro dele seguiram

66

Na garganta duma serra
acharam ele deitado
na sombra duma aroeira
estava ali descuidado
pulou instantaneamente
na rapidez dum veado

67

O boi entrou na caatinga
que não procurava jeito
mororó, jurema branca
ele levava de oito
colava pedra nos cascos
leva angico no peito

68

Disse Fernando de Lima
um dos vaqueiros paulistas:
em todos estes cavalos
não há um mais que resista
dormiremos aqui; não convém
ninguém perdê-lo de vista

69

Dormiram todos ali
naquele campo tão vasto
apearam a cavalgada
deixaram ganhar o pasto
às seis horas da manhã
seguiram logo no rasto

70

O cavalo soberano
ao ver o rasto do boi
gemeu e pulou pra trás
e o índio gritou: oi!..
deixou os outros vaqueiros
correu para trás, se foi

71

Disse o índio Benvenuto:
eu não posso campear
o cavalo está doente
é preciso descansar
faz muitos dias que corre
e eu preciso voltar

72

Então disse o coronel:
existe aqui um mistério
antes de haver esse boi
você não era tão sério?
você faz do boi uma alma
e do campo cemitério!

73

Benvenuto respondeu:
dê licença, vou embora
querendo me dispensar
pode me dizer agora
vá quem quiser, eu não vou
não posso mais ter demora

74

Andaram duzentos metros
logo adiante foram vendo
um vaqueiro disse: olhem
o boi ali se lambendo!
também não teve 1 vaqueiro
que não partisse correndo

75

O capim tinha uma régua
sem ter nele um pé de mata
o boi corria tanto
que só veado ou um gato
então fazia uma sombra
pouco maior que a dum rato

76

Disse o Lopes do Exu:
juro à fé de cavaleiro
não sairei mais de casa
a chamado de fazendeiro
vendo o cavalo e a sela
e deixo de ser vaqueiro

77

Às cinco horas da tarde
se resolveram a voltar
então os cavalos todos
não podiam mais andar
os vaqueiros não podiam
tanta fome suportar

78

Voltaram para a fazenda
e tornaram a contratar
a 21 de novembro
cada um ali chegar
o coronel Sezinando
mandaria os avisar

79

O coronel Sezinando
homem muito caprichoso
tirou 3 contos de réis
disse: para o venturoso
que venha a esta fazenda
e pegue o misterioso

80

A 21 de novembro
venceu o prazo afinal
a fazenda Santa Rosa
estava como um arraial
ou uma povoação
numa noite de Natal

81

Já um criado chamava
o povo para o almoço
quando viram longe 1 vulto
divulgaram ser um moço
então vinha num cavalo
que parecia um colosso

82

Era um cavalo caxito
tinha uma estrela na testa
vaquejada que ele ia
ali tornava-se em festa
ganhou numa apartação
nome de rei da floresta

83

Chegou então o vaqueiro
saudou a todos dali
perguntou: qual dos senhores
é o coronel aqui?
apontaram o coronel
disseram: é aquele ali

84

O coronel perguntou-lhe:
de que parte, cavaleiro?
—Eu sou de Minas Gerais
disse o rapaz—Sou vaqueiro
vim porque soube que aqui
existe um boi mandingueiro

85

Disse o coronel: existe
esse boi misterioso
tem-se corrido atrás dele
ele sai vitorioso
já tem saído daqui
vaqueiro até desgostoso

86

—Queria vê esse boi
disse sorrindo o vaqueiro
tenho vinte e quatro anos
nunca vi boi feiticeiro;
disse o coronel: pegando
ganha avultado dinheiro

87

—Quem pegá-lo em pleno campo
(disse ai o coronel)
ganhará pago por mim
um relógio e um anel
tem mais 3 contos de réis
em joia, prata e papel

88

—Salvo se alguém pegar
quando ele estiver doente
ou lhe atirar de longo
isso é cousa diferente
há de pegar pelo pé
ele bom perfeitamente

89

Disse o moço: não aceito
objeto nem dinheiro
eu só desejo ganhar
a vitória dum vaqueiro
este seu menor criado
é filho dum fazendeiro

90

Descansaram o dia de sábado
domingo, segunda e terça
disse o coronel: à tarde
quem for vaqueiro apareça
cairemos quarta-feira
antes que o dia amanheça

91

Na quarta-feira seguiu
como tinha contratado
o povo que o coronel
à tarde tinha avisado
eram dez horas do dia
inda acharam o boi deitado

92

Disse o vaqueiro de Minas:
perdi de tudo a viagem
eu pegando um boi daquele
não digo por pabulagem
para o cavalo que venho
inda dez não é vantagem

93

—Pensei que fosse maior
segundo o que ouvi falar
parece até um garrote
que criou-se sem mamar
um bicho manso daquele
faz pena até derrubar!

94

Porém o cavalo aí
viu o boi se levantar
estremeceu e bufou
afastou-se e quis recuar
que deu lugar ao vaqueiro
daquilo desconfiar

95

Aí chegou-lhe as esporas
e o cavalo partiu
em menos de dez minutos
o boi também se sumiu
deu uns 3 ou 4 pulos
ali ninguém mais os viu

96

O boi entrou na caatinga
e o vaqueiro também
por dentro-do cipoal
que não passava ninguém
tanto que o coronel disse:
socorro ali ninguém tem!

97

Eram seis horas da tarde
estava o grupo reunido
sem saberem do vaqueiro
que atrás do boi tinha ido
via-se a batida apenas
por onde tinha seguido

98

Um dizia: ele morreu
outros, que tinha caído
outros dizia: o vaqueiro
arrisca-se a ter fugido
não pôde pegar o boi
voltou de lá escondido

99

Acenderam o facho e foram
por onde tinham entrado
acharam sempre o roteiro
por onde tinham passado
o coronel Sezinando
já ia desenganado

100

Passava de meia-noite
gritaram, ele respondeu
o coronel acalmou-se
e disse: ele não morreu;
porém o grito era longe
que quase não se entendeu

101

Três horas da madrugada
foi que puderam o achar
mas o cavalo caído
sem poder se levantar
e ele contrariado
sem poder quase falar

102

O coronel perguntou-lhe
o que tinha sucedido
respondeu que tal desgraça
nunca tinha acontecido
dizendo: antes caísse
e da queda ter morrido

103

—O cavalo em que eu vim
ninguém nunca o viu cansado
correu um dia seis léguas
inda não chegou suado
e da carreira de hoje
ficou inutilizado

104

—Não volto à Minas Gerais
porque chego com vergonha
os vaqueiros de lá esperam
uma notícia risonha
eu chegando lá com essa
dão-me uma vaia medonha

105

—Menos de 50 passos
inda me aproximei dele
ainda estirei a mão
mas não pude tocar nele
apenas eu posso dizer
não sei que boi é aquele

106

—Nunca vi bicho correr
com tanta velocidade
só lampejo de relâmpago
em noite de tempestade
nem peixe n'água se move
com tanta facilidade!

107

—Ele é um boi muito grande
tem o corpo demasiado
não sei como corre tanto
dentro do mato fechado
por isso é que muitos pensam
que é um boi encantado

108

O coronel aí disse:
acho bom tudo voltar
disse o vaqueiro de Minas:
não preciso descansar
vejam se dão-me um cavalo
que vou me desenganar

109

O coronel Sezinando
chamou Mamede Veloso
e lhe disse: Mamede vá
à fazenda do Mimoso
diga ao vaqueiro que mande
o cavalo perigoso

110

—Diga que mate uma vaca
mande queijo e rapadura
e vá esperar por nós
na fazenda da Bravura
diga que somos sessenta,
leve jantar com fartura

111

O vaqueiro cumpriu tudo
que seu amo lhe ordenou
deu o cavalo a Mamede
puxou a vaca e matou
às onze horas do dia
então Mamede chegou

112

Trouxe um cavalo cardão
com espécie de rudado
disse o vaqueiro de Minas
oh! bicho do meu agrado!
lhe disseram o nome dele;
-Foi muito bem empregado

113

O vaqueiro levantou-se
com o guarda-peito no ombro
se aproximou do cavalo
passou-lhe a mão pelo lombo
o cavalo deu-lhe um sopro
que quase causa-lhe assombro

114

Então o vaqueiro disse:
eu vou experimentar
se o cavalo perigoso
presta para campear;
disse então o coronel:
cuidado quando montar

115

—Veja qu'ê ele já matou
com queda 4 vaqueiros
os que causaram mais pena
foram dois piauízeiros;
então respondeu o Sérgio:
não eram bons cavaleiros

116

Quando o vaqueiro montou
o cavalo se encolheu
ele chegou-lhe as esporas
o sangue logo desceu
quase três metros de altura
ele da terra se ergueu

117

Mas o vaqueiro era destro
ali não desaprumou
chegou-lhe ainda as esporas
ele de novo pulou
esse pulo foi tão grande
que tudo se admirou

118

Fez uma curva no corpo
tirou pelos quartos a sela
o vaqueiro era um herói
saltou apumado nela
disse: hoje achei um testo
que deu na minha panela

119

Saltou, mas não afrouxando
ambas as rédeas do cavalo
sabia que se soltasse
ninguém podia pegá-lo
dizendo: o cavalo serve
vou logo experimentá-lo

120

Selou de novo o cavalo
e tornou a se montar
tanto que o coronel disse:
este sabe cavalgar;
o cavalo conheceu
ali não quis mais pular

121

Passava do meio-dia
quando os vaqueiros saíram
acharam o rastro do boi
todos os vaqueiros seguiram
adiante encontraram ele
no limpo que todos viram

122

Sérgio o vaqueiro de Minas
foi o primeiro que viu
perguntou: será aquele
que lá no mato saiu?
todos disseram: é aquele!...
então o Sérgio partiu

123

Deu de esporas no perigoso
e nada mais quis dizer
o boi olhou para o povo
também tratou de correr
o mato abriu e fechou
ninguém mais os pôde vê

124

Então quando o boi correu
procurou logo a montanha
todos disseram: hoje o boi
talvez não conte façanha
o cavalo perigoso
agora fica sem manha

125

Com meia légua se ouvia
galho de pau estalar
a atropelada do boi
pedras nos montes rolar
se ouvia perfeitamente
o perigoso bufar

126

Entraram o vaqueiro e o boi
no mato mais esquisito
de quando em vez o vaqueiro
por sinal soltava um grito
tanto que o coronel disse:
já vi campear bonito!

127

O boi subiu a montanha
sem escolher por onde ia
e o vaqueiro já perto
de vista não o perdia
o cavalo perigoso
com mais desejo corria

128

Descambaram a Serra Verde
o boi entrou num baixio
depois subiu à campina
entrou na ilha dum rio
em lugar que outro vaqueiro
em olhar sentia frio

129

Porém o vaqueiro disse;
aonde entrares eu entro
se tu entrares no mar
viro-me peixe, vou dentro
alguém que for procurar-me
acha-me morto no centro

130

O boi com facilidade
o trancadilho rompeu
quase no centro do vão
o vaqueiro conheceu
o cavalo perigoso
da carreira adoeceu

131

—Diabo! disse o vaqueiro
está doente o perigoso!
ah! boi do diabo!... enfim
te chamas misterioso
eu puxei a meu avô
que morreu por ser teimoso

132

Voltou para o campa limpo
o cavalo tão suado
com um talho no pescoço
um casco quase furado
duma forma que o vaqueiro
não pôde voltar montado

133

Às oito horas da noite
vieram os outros chegar
a estrada que o boi fez
deu para todos passar
cinquenta e nove cavalos
sem nem um se embaraçar

134

—Colega, quedê o boi?
perguntou o Sezinando
O Sérgio se levantou
e respondeu espumando:
coronel, eu já pensei
que só me suicidando!

135

-Suicidar-se!... porquê?
o Sérgio então respondeu:
o coronel não está vendo
o que já me sucedeu?
matei meu cavalo aqui
e inutilizei o seu

136

Disse o coronel: faz pena
Perigoso se acabar
porém é nosso, paguei-o
ninguém vem mais o cobrar
e dou vinte pelo seu
se dois ou três não pagar

137

Eram sessenta cavalos
uns de diversos sertões
e todos esses não iam
a todas repartições
em vaquejadas garbosas
mostraram lindas ações

138

Havia um cavalo ruço
chamado paraibano
carioca, riograndense
paturi e pernambucano
vitoriano e paulista
flor-do-prado e sergipano

139

Pombo-roxo e papagaio
flor-do-campo e catingueiro
socó-boi e canário-verde
pantola e piauízeiro
águia-branca e bentivi
flecha-peixe e candeeiro

140

E outros que aqui não posso
seus nomes mencionar
era também impossível
quem me contou se lembrar
é melhor negar o nome
do que depois se enganar

141

Não havia um desses todos
que não fosse conhecido
em diversas vaquejadas
já não tivesse corrido
até seus donos já tinham
medalhas adquirido

142

Voltaram para a Bravura
onde a gente era esperada
ainda estava esperando
o povo da vaquejada
porém não houve 1 vaqueiro
que se servisse de nada

143

Assim que deu meia-noite
foram para Santa Rosa
a mulher do coronel
os esperava ansiosa
sabia que a vaquejada
era muito perigosa

144

Quando foi no outro dia
antes de terem almoçado
disse Sérgio: coronel
eu estou dando cuidado
me arrume qualquer cavalo
ou vendido ou emprestado

145

O coronel mandou ver
um cavalo e lhe ofereceu
foi ver um conto de réis
em ouro e prata e lhe deu
ele pedindo licença
não quis, lhe agradeceu

146

— Eu vim atrás desse boi
não devido ao dinheiro
eu vim porque tenho gosto
nesta vida de vaqueiro;
mostrarei se eu não morrer
quanto vale um cavaleiro

147

O coronel disse a ele:
eu fico penalizado
não digo que se demore
porque seu pai tem cuidado
veja se volta em janeiro
que me acha preparado

148

Então o Sérgio saiu
não pôde mais demorar
o coronel Sezinando
não mais deixou de pensar
porque forma aquele boi
ninguém podia pegar

149

Chamou um escravo e disse:
monte num cavalo e vá
à fazenda do Desterro
diga ao vaqueiro de lá
que mando dizer a ele
que sem falta venha cá

150

O escravo cumpriu todo
o dever de portador
achou a casa fechada
perguntou a um morador
se sabia do vaqueiro
esse disse: não senhor

151

Então o morador disse:
na noite de sexta-feira
o índio foi ao curral
deixou aberta a porteira
saiu montado a cavalo
e levou a companheira

152

Voltou o escravo e disse
tudo que tinha sabido
que na sexta-feira à noite
o índio tinha saído
e carregou a mulher
como quem sai escondido

153

—Ainda mais essa agora!
o coronel exclamou
aquele bruto saiu
e nem me comunicou
que diabo teve ele
que até o gado soltou?

154

No outro dia foi lá
achou a porta fechada
então a porta da frente
tinha ficado ceifada
até a mala de roupa
inda estava destrancada

155

O fazendeiro com isso
ficou muito constrangido
pensava logo em um crime
que pudesse ter havido
o índio não tinha causa
porque saísse escondido

156

Então mandou gente atrás
pelo mundo a procurar
não achou uma pessoa
que dissesse: eu vi passar;
em todo sertão que havia
ele mandou indagar

157

Então o povo dizia
que o índio era feiticeiro
e uma fada pediu-lhe
que não fosse mais vaqueiro
a fada transformou ele
em um veado galheiro

158

Os faladores diziam
qu'êle foi assassinado
e talvez o coronel
tivesse mesmo mandado
matar ele e a mulher
para ficar com o gado

159

Outros diziam ao contrário
até julgavam que não
os 2 cavalos do índio
aonde botaram então
mesmo assim o coronel
não fazia aquela ação

160

Bem encostadinho ao índio
uma velha fiandeira
morava numa casinha
e fiava a noite inteira
disse que quase se assombra
ali numa sexta-feira

161

Disse: meia-noite em ponto
eu ainda estava fiando
em casa de Benvenuto
eu ouvi gente falando
espiei por um buraco
vi chegar um boi urrando

162

A velha disse: Deus mande
a cascavel me morder
se de lá de minha casa
não ouvi o boi dizer:
boa-noite, Benvenuto
eu só vim aqui te ver

163

—O boi disse outras palavras
que eu não pude ouvir
o caboclo e a mulher
disso ficaram a sorrir
o boi, o índio e a mulher
tudo junto eu vi sair

164

—Aí fui guardar o fuso
a cesta e o algodão
—Credo em cruz! dizia eu
aquilo é arte do cão
são coisas do fim do mundo
bem diz Frei Sebastião!

165

O coronel a princípio
Inda não acreditou
porém depois refletiu
uma ação que o índio obrou
quando rastejava o boi
o índio não foi, voltou

166

Então desse dia em diante
ninguém ali mais o viu
não houve mais quem soubesse
aonde ele se sumiu
foi igualmente a fumaça
que pelos ares subiu

167

Como o índio e a mulher
tudo desapareceu
tanto que diziam muitos
que o diabo os escondeu
durante dezesseis anos
novas dele ninguém deu

168

Sérgio, vaqueiro de Minas
todos os meses escrevia
perguntando ao coronel
se o boi inda existia
dizendo: quando quiser
escreva marcando o dia

169

Faziam dezesseis anos
que o boi estava sumido
até por muitas pessoas
ele já era esquecido
quase todos já pensavam
que ele tivesse morrido

170

O coronel Sezinando
tinha como devoção
festejar todos os anos
a imagem de S. João
todo ano era uma festa
não havia exceção

171

Uma noite de S. João
na fazenda Santa Rosa
só a noite de Natal
estaria tão formosa
porque em todo sertão
é aquela a mais garbosa

172

Três classes ali dançavam
em redobrada alegria
no salão da casa grande
os lordes da freguesia
em latadas de capim
a classe pobre que havia

173

O leitor deve lembrar-se
do estilo do sertão
o que não fizer fogueira
nas noites de S. João
fica odiado do povo
tem fama de mau cristão

174

O coronel Sezinando
derrubou uma aroeira
e vinte e oito pessoas
carregaram essa madeira
para o pátio da fazenda
e fizeram uma fogueira

175

Estava a noite vinte e três
do mês do Santo Batista
como outra no sertão
nunca tinha sido vista
só faltava ali a música
discursos e fogos de vista

176

Então o povo dali
uns dançando outros bebendo
um prazer demasiado
em tudo estava se vendo
mais de 50 pessoas
assando milho e comendo

177

Meia-noite mais ou menos
pôde o povo calcular
o galo pai do terreiro
estava perto de cantar
quando viram um touro preto
no pátio se apresentar

178

Meteu os cascos na terra
cobriu tudo de poeira
e deu um urro tão grande
que reboou na ribeira
deixou em cima da casa
toda brasa da fogueira

179

Dos cachorros da fazenda
nem um sequer acudiu
o gado urrava de medo
parte do povo fugiu
o coronel Sezinando
foi o único que saiu

180

Ainda viu o vulto dele
que pelo pátio ia andando
chamou os cachorros todos
esses fugiram uivando
o povo todo em silêncio
já muitos se retirando

181

Então acabou-se a festa
o povo se debandou
os moradores de perto
lá um ou outro ficou
aquele salão garboso
em escuro se tornou

182

No outro dia às dez horas
o coronel Sezinando
estava com a esposa
no alpendre conversando
quando o índio Benvenuto
chegou e foi se apeando

183

O coronel exclamou:
índio velho desgraçado
você saiu escondido
me dando tanto cuidado
por sua causa até hoje
eu vivo contrariado!

184

Então perguntou o índio
pegaram o misterioso
que atrás dele morreu
o cavalo perigoso?
respondeu o coronel:
sumiu-se aquele tihoso

185

Então disse o coronel;
você hoje há de dizer
aquele boi o que é
que só você pode saber
se fizer este favor
tenho que lhe agradecer

186

—De nada sei, coronel
o índio lhe respondeu
—Sabe, disse o coronel
e contou o que se deu
disse: quando você sumiu-se
ele desapareceu

187

—Eu andava viajando
disse o índio Benvenuto
respondeu-lhe o coronel:
ora, você é muito bruto
que motivo foi que houve
que você saiu oculto?

188

—No motivo há um segredo
que não posso revelar
é o boi misterioso
voltou ao mesmo lugar
anda aí publicamente
quem quiser pode pegar

189

—Eu atrás dele não vou
Só lhe trago no engano
pois não quero desgostar
meu cavalo soberano
por eu ir lá uma vez
tive castigo de um ano

190

Zé Preto do Boqueirão
naquela hora chegou
perguntou ao coronel:
o que foi que se passou?
respondeu o coronel:
o diabo se soltou!

191

Disse Zé Preto: eu também
venho aqui tão receoso
o coronel me conhece
não sou homem mentiroso
inda agora quando eu vim
vi o boi misterioso

192

—Na fazenda do Balão
passei, vi ele deitado
foi o boi que veio aqui
eu fiquei desconfiado
porque vi um chifre dele
e parece estar queimado

193

Sérgio, o vaqueiro de Minas
nesse momento chegou
disse: senhor coronel
às suas ordens estou
pois recebi o recado
que o coronel me mandou

194

Disse o Sérgio: eu recebi
do coronel um recado
que ao dia vinte e sete
estava o povo contratado
pois o boi misterioso
já tinha sido encontrado

195

Então disse o coronel:
que o recado não mandou
ali contou a miúdo
a cena que se passou
e disse: Zé Preto agora
me disse que o encontrou

196

Nisso chegou um vaqueiro
um caboclo curiboca
o nariz grosso e roliço
em forma duma taboca
em cada lado do rosto
tinha uma grande papoca

197

—Bom-dia, senhor coronel
disse o tal recém-chegado
—Tenho o mesmo, cavalheiro
respondeu desconfiado
dizendo dentro de si:
de onde é este danado?

198

O coronel perguntou:
de onde é, cavalheiro?
—Do sertão de Mato Grosso;
respondeu o tal vaqueiro
—A que negócio é que vem?
perguntou o fazendeiro

199

—Venho à vossa senhoria
a mando do meu patrão
ver um boi misterioso
que existe aqui no sertão
o coronel quer que pegue
me dê autorização

200

—Meu patrão é bom vaqueiro
(lhe disse o desconhecido)
soube que nessa fazenda
um boi tinha se sumido
mandou-me ver se esse boi
já havia aparecido

201

—E se o coronel quisesse
qu'eu fosse ao mato pegá-lo
eu garanto ao coronel
vendo, hei de derrubá-lo
o patrão por segurança
mandou-me neste cavalo

202

—Este cavalo não sai
daqui desmoralizado
neste só monta o patrão
ou eu quando sou mandado
é um poldro, está mudando
porém é condecorado

203

O cavalo era mais preto
tio que uma noite escura
até os outros cavalos
temiam a sua figura
o corpo muito franzino
com 8 palmos de altura

204

Tinha os olhos cor de brasa
os cascos como formão
marcado com 7 rodas
das juntas do pé à mão
e tinha do lado esquerdo
sete sinos Salomão

205

—Pois bem, disse o coronel
amanhã temos que ir
mande avisar aos vaqueiras
creio que tudo há de vir
às seis horas da manhã
nós havemos de sair

206

Cinquenta e nove vaqueiros
às oito horas chegaram
todos tiraram as selas
e seus cavalos pearam
cearam, armaram as redes
no alpendre se deitaram

207

Mas o caboclo não quis
pear o cavalo dele
não quis ceiar e passou
a noite encostado a ele
dizendo que não peava
não confiava-se nele

208

De manhã todos seguiram
o caboclo foi na frente
o coronel notou logo
nele um tipo diferente
e disse: se houver diabo
aquele é um certamente

209

Foram aonde Zé Preto
na véspera tinha o deixado
naquele mesmo lugar
inda estava ele deitado
levantou-se espreguiçando
e não ficou assustado

210

Depois de se levantar
cavou o chão e urrou
o urro foi tão esquisito
que tudo ali se assustou
o cavalo do caboclo
cheirou o chão e rinchou

211

Tratou o boi de correr
e subiu logo um oiteiro
lugar que era impossível
subir nele um cavaleiro
de cinquenta e nove homens
só foi lá o tal vaqueiro

212

Então o caboclo disse:
pode correr, camarada
veremos quem tem mais força
se é meu patrão ou a fada
eu não chego a meu patrão
contando história furada

213

—Você bem vê o cavalo
que eu venho montado nele
e conhece o meu patrão
sabe que o cavalo é dele;
o boi aí se virou
e olhou bem para ele

214

Aí desceu do outeiro
em desmedida carreira
deixando por onde ia
uma nuvem de poeira
o curiboca gritou-lhe:
não corra que é asneira!

215

Então seguiram no campo
onde tudo se avistava
o cavalo do caboclo
fogo da venta deitava
dava sopro nas campinas
que tudo ali assombrava

216

O coronel disse a todos:
devemos seguir atrás
está decidido que ali
anda a mão de sataná
convém agora é ir vermos
que resultado isso traz

217

Bem no centro da campina
havia uma velha estrada
feita por gado dali
porém estava apagada
depois com outra vereda
fazia uma encruzilhada

218

lam o vaqueiro e o boi
pela dita cruz passar
ali enguiçava a cruz
ou tinha então que voltar
devido os outros vaqueiros
não havia outro lugar

219

Mas o boi chegando perto
não quis enguiçar a cruz
tudo desapareceu
ficou um foco de luz
e depois dela saíram
uma águia e dois urubus

220

Tudo ali observou
o fato como se deu
viu-se que o chão se abriu
e o campo estremeceu
pela abertura da terra
viram, quando o boi desceu

221

Voltaram todos os homens
o coronel constrangido
o boi e o tal vaqueiro
terem desaparecido
a terra abriu-se e fechou-se
pôs feudo surpreendido

222

Julgam que a águia era o boi
que quando na terra entrou
ali havia uma fada
em uma águia o virou
o vaqueiro e o cavalo
em 2 corvos os transformou

223

O coronel Sezinando
ficou tão contrariado
que vendeu toda fazenda
e nunca mais criou gado
houve vaqueiros daqueles
que um mês ficou assombrada

224

La inda hoje se vê
Em noites de trovoadas
A vaca misteriosa
Naquelas duas estradas
Das mulheres falando
Rangendo dentes, chorando
Onde as cenas foram dadas

O galo misterioso marido da galinha de dente

Se a questão animista entre homens e animais ainda apresentava certa tensão nos cordéis do *Boi misterioso*, e do *Cachorro dos mortos*, em *O galo misterioso marido da galinha de dente* esta tensão se desfaz, tomando logo o ponto de vista da cultura ancestral, e da cosmologia a favor da alma da natureza. Neste cordel, o galo e a galinha tomam voz própria, reivindicam seu lugar entre os homens, e a lei dos homens, assim como um escravo africano ou indígena reivindicaria.

É importante notar que, neste cordel, as amarras da estrutura narrativa romanceada são soltas, e o discurso ganha outros tons. Neste, muito mais curto, o texto ganha tons de ironia e humor, e a narrativa se aproxima de um discurso de opinião, muito mais do que uma história com enredo romanceado. Sem muita explicação, o cordel já inicia contando sobre o galo com dentes (humanizado), que reivindica a soltura da galinha, sua esposa, da posse de um espanhol. Neste ponto, o realismo mágico se torna mais palpável, dado o fato do galo com dente misterioso ser aceito sem muitas explicações, para depois ser debatido.

4

Dizem ser um galo novo
Inda não tem esporão
Tem dentes como a galinha
Também só come pirão
Aprecia muito sopa
Toma café come pão

5

Mostrou a justiça pública
Os documentos que tinha
Provou de que raça era
Da descendência que vinha
Deu denúncia do fulano
Que possuía a galinha

6

A autoridade enérgica
Quis primeiro ouvir os dois
Veio o dono da galinha
O galo chegou depois
Ali provou que a galinha
Foi sua sogra que pôs

7

Doutor: disse o espanhol
Essa galinha eu comprei
O galo respondeu: vote!
Com ela foi que eu casei
E não fico sem mulher
Porque não enviuei

A comparação com a situação dos escravos é imediata. Considerados animais sem alma, podendo ser vendidos e trocados, precisam se adequar às leis dos brancos colonizadores, ter os papéis em dia, para quem sabe ter algum tipo de direito preservado. Essa possibilidade de animais terem alma e poderem viver de igual para igual com os homens começa a ser debatida no texto. Em tese, pela cultura do colonizador, está claro que essa possibilidade seria uma inversão de valores:

11

Me parece que este mundo
Já está virando as avessa
Muito breve a tarde finda
Por onde o dia começa
Porque de tudo havia
Mudou-se peça por peça

12

O´trora quando falavam
Num fato dificilmente
Diziam quando houver isso
A galinha cria dente
Hoje com essa galinha
O caso está diferente

13

Agora ninguém duvida
Haver um defunto rico
Assar-se água em espeto
Fazer açúcar de angico
A mulher guardar segredo
Menino nascer com bico

Entretanto, se consultarmos conhecimentos mais antigos, a realidade é que a ancestralidade afirma que a ordem normal das coisas era mesmo outra, e não a pregada pelo colonizador europeu:

18

Anda com muitos requebros
Solta graças a galinha
Entra as vezes no hotel
Toma um cálix da branquinha
Conta cousas do passado
História da carochinha

19

No outro tempo os besouros
Serviam de testemunha
O céu para não cair
O papa botava cunha
Sapo nascia barbado
Aruá criava unha

20

Dizem os velhos desse tempo
O sapo foi castigado
Entrou um na nova-seita
Foi transmitido o pecado
Disse Deus de agora em diante
Sapo só nasce pelado

Mas a realidade é que, este novo tipo de galo com dente, meio animal meio homem, que inverte os valores europeus, mágico, nada mais é do que o resultado da miscigenação de todas as culturas aqui encontradas. Produto do pai de terreiro, e do roubo de um frade:

22

Um diz; isso é fim de mundo
Outro diz; é um castigo
Outros dizem; que estas cousas
São formas do inimigo
O leitor preste atenção
A tudo que eu penso e digo

23

Uma velha nova-seita
Dormia num galinheiro
Aonde a velha dormia
Havia um pai de terreiro
Essa velha pôs um ovo
Vendeu a um politiqueiro

24

Então o politiqueiro
Deitou ele certamente
Essa velha com o galo
Tirou raça diferente
Eis aí como saiu
Essa galinha com dente

25

O galo é quase isso mesmo
Veio pelo mesmo caminho
Foi um frade que roubou
Uma franga do vizinho
Essa franga pôs um ovo
Do ovo veio o pintinho

No final das contas, a igreja prega um grande preconceito e demoniza esta mistura e miscigenação, que nega a fé cristã pura. Entretanto, para o povo, o melhor é que todos se misturem e se entendam, é aí que mora a magia ancestral:

28

A nossa santa doutrina
Todo o preconceito tem
E a igreja não quer
Que nos ofenda alguém
Porém se o galo não foge
Era vendido também

29

O leitor veja esse galo
Criado por esses dois
O espanhol e o frade
Que são carne com arroz
Ele puxou mais ao frade
Do que a franga que o pôs

30

Não sei se depois desse galo
O que pode vir de novo
Qualquer cousa que chegar
É sucesso para o povo
Já ontem estavam dizendo
Que do céu caiu um ovo

Veja o texto completo:

O galo misterioso marido da galinha de dente

1

Todo dia no Recife
Chega um caso diferente
Um curando com o dedo
Outro com água somente
Agora temos de novo
uma galinha com dente.

2

Tem bico dente e gengivas
Não sei se terá muela
Atahyde fez um livro
E não escreveu novela
Eu também descrevo agora
O gallo marido d'ella.

3

Às folhas todas falaram
Não é falso de nós dois
Não quero que linguarudos
Façam censura depois
Veio o galo, e nesses dias
Vem a galinha que o pôs

4

Dizem ser um galo novo
Inda não tem esporão
Tem dentes como a galinha
Também só come pirão
Aprecia muito sopa
Toma café come pão

5

Mostrou a justiça pública
Os documentos que tinha
Provou de que raça era
Da descendência que vinha
Deu denúncia do fulano
Que possuía a galinha

6

A autoridade enérgica
Quis primeiro ouvir os dois
Veio o dono da galinha
O galo chegou depois
Ali provou que a galinha
Foi sua sogra que pôs

7

Doutor: disse o espanhol
Essa galinha eu comprei
O galo respondeu: vote!
Com ela foi que eu casei
E não fico sem mulher
Porque não enviuvei

8

Diz um gringo essa galinha
É casada e não solteira
Onde vai dizem donzela
Porém é por brincadeira
O repórter de uma folha
Já diz por outra maneira

9

Diz que estava no Helvetica
A hora que o povo vai
Saiu um galo, e um pinto
E chamou a ele papai
E a galinha de dente
Disse sorrindo: já vai?

10

Eu por isso desconfio
Que ela não seja casada
Por que ditados assim
São de moça namorada
Porém como tudo é moda
Pode ser e não ter nada

11

Me parece que este mundo
Já está virando as avessa
Muito breve a tarde finda
Por onde o dia começa
Porque de tudo havia
Mudou-se peça por peça

12

O´trora quando falavam
Num fato dificilmente
Diziam quando houver isso
A galinha cria dente
Hoje com essa galinha
O caso está diferente

13

Agora ninguém duvida
Haver um defunto rico
Assar-se água em espeto
Fazer açúcar de angico
A mulher guardar segredo
Menino nascer com bico

14

Só nos falta ver agora
Dar carrapato em farinha
Cobra um bicho de pé
Uma fouce com bainha
Mais difícil do que isso
Era ver dente em galinha

15

Bem dizia meu avô
A vida inda fica cara
Padre inda faz ornamento
Com couro de capivara
Carne se vender por cuia
Água se comprar por vara

16

Muito breve há de se ver
Pisar vento em pilão
Botar freio em caranguejo
Fazer de pólvora carvão
Carregar água em balaio
Burro subir em balão

17

Pode crer caro leitor
Essa galinha com dente
Pintou o simão aqui
Deu o que fazer a gente
O galo marido dela
Nos assombrou seriamente

18

Anda com muitos requebros
Solta graças a galinha
Entra as vezes no hotel
Toma um cálix da branquinha
Conta cousas do passado
História da carochinha

19

No outro tempo os besouros
Serviam de testemunha
O céu para não cair
O papa botava cunha
Sapo nascia barbado
Aruá criava unha

20

Dizem os velhos desse tempo
O sapo foi castigado
Entrou um na nova-seita
Foi transmitido o pecado
Disse Deus de agora em diante
Sapo só nasce pelado

21

Tudo admira a galinha
Pela sua posição
Porque tendo bico e dente
Faz chamar tudo atenção
E o galo anda calçado
E não deixa o cinturão

22

Um diz; isso é fim de mundo
Outro diz; é um castigo
Outros dizem; que estas cousas
São formas do inimigo
O leitor preste atenção
A tudo que eu penso e digo

23

Uma velha nova-seita
Dormia n'um galinheiro
Aonde a velha dormia
Havia um pai de terreiro
Essa velha pôs um ovo
Vendeu a um politiqueiro

24

Então o politiqueiro
Deitou ele certamente
Essa velha com o galo
Tirou raça diferente
Eis aí como saiu
Essa galinha com dente

25

O galo é quase isso mesmo
Veio pelo mesmo caminho
Foi um frade que roubou
Uma franga do vizinho
Essa franga pôs um ovo
Do ovo veio o pintinho

26

O frade era muito esperto
Pra não chamar estradeiro
Mandou ele procurar
Noiva por algum terreiro
Essa galinha de dente
Foi a que ele achou primeiro

27

Disse um dia o frade ao galo
Esta galinha é alheia
Se há de ceiar-se roubado
Antes dormir-se sem ceia
Você vá procurar outra
Mulher que não seja feia

28

A nossa santa doutrina
Todo o preconceito tem
E a igreja não quer
Que nos ofenda alguém
Porém se o galo não foge
Era vendido também

29

O leitor veja esse galo
Criado por esses dois
O espanhol e o frade
Que são carne com arroz
Ele puxou mais ao frade
Do que a franga que o pôs

30

Não sei se depois desse galo
O que pode vir de novo
Qualquer cousa que chegar
É sucesso para o povo
Já ontem estavam dizendo
Que do céu caiu um ovo

A sogra enganando o diabo

Em *A sogra enganando o diabo* a primeira estrofe é marcante quanto à linguagem de oralidade que começa a tomar conta da literatura de cordel, e principalmente do ciclo mágico fantástico, que é a oralidade. Claro que a oralidade permeia toda a produção de cordel em todos os ciclos, dada a sua origem de declamação, entretanto, este tipo de introdução de texto, que grifa o caráter de história oral, que foi ouvida e repassada adiante, é frequente nos causos mais mágicos.

1
Dizem, não sei se é ditado,
Que ao diabo ninguém logra;
Porém vou contar o caso
Que se deu com minha sogra.
As testemunhas são eu,
Meu sogro, que já morreu,
E a velha, que é falecida.
Esse caso foi passado
Na rua do Pé Quebrado
Da vila Corpo Sem Vida.

Outro ponto inerente ao realismo animista seria, novamente contra a cosmologia e fé cristãos europeus, a possibilidade do homem poder debater com entidades espirituais, conversar, e quem sabe até, enganá-los e tirar proveito delas. Modificar o mundo encantado e mágico é uma possibilidade, para quem sabe os caminhos.

Já falamos anteriormente que todas as manifestações espirituais e de encantamentos eram demonizadas pela cultura colonizadora, um cordel que coloca esta tensão em versos é *A sogra enganando o diabo*. Aqui poderíamos encarar o diabo como o representante das culturas mágicas de matriz africana e indígenas, e a sogra, por utilizar a cruz contra o diabo, a representante da cultura cristã europeia. Ela portanto consegue vencer estas culturas. Entretanto, outra leitura que pode ser feita, é se atentar aos métodos utilizados por ela para vencer o diabo: ela engana, trapaceia, rouba, ludibria. Ou seja, se vale das mesmas armas que “ele” usaria, e de longe é uma representante da nobreza e pureza de valores.

3
Minha sogra era uma velha
Bem carola e rezadeira,
Tinha seu quengo lixado,
Era audaz e feiticeira;
Para ela tudo era tolo,
Porque ela dava bolo
No tipo mais estradeiro.
Era assim o seu serviço:
Ela virava o feitiço
Por cima do feiticeiro!

A sogra assume aqui, portanto, o papel do herói nordestino engenhoso, capaz de virar o feitiço contra o feiticeiro. Essa cosmologia só é possível nos encantamentos das culturas de matriz africana e indígena, onde rezas, poções, trabalhos, feitiços podem trabalhar contra ou a favor de quem conhece os caminhos da magia e da espiritualidade. Para toda demanda, existe uma contra-demanda.

Neste cordel, concretamente, a voz do autor passa a dar ainda mais autoridade e crivo à uma cultura ancestral mágica, sendo ela capaz agora de lutar contra o demônio, e não sendo ela própria demonizada. É um ponto de virada. A literatura de cordel que antes apenas repetia o discurso colonizador, apresentando apenas traços das culturas ancestrais miscigenadas, passa a tomar também, organicamente, como bom o lado destas culturas.

Veja o texto completo:

A sogra enganando o diabo

1

Dizem, não sei se é ditado,
Que ao diabo ninguém logra;
Porém vou contar o caso
Que se deu com minha sogra.
As testemunhas são eu,
Meu sogro, que já morreu,
E a velha, que é falecida.
Esse caso foi passado
Na rua do Pé Quebrado
Da vila Corpo Sem Vida.

2

Chamava-se Quebra-Quengo
A mãe de minha mulher,
Que se chamava Aluada
Da Silva Quebra-Colher,
Filha do Zé Cabeludo.
Irmã de Vítor Cascudo
E de Marcelino Brabo,
Pai de Corisco Estupor;
Mas ouça agora o senhor
Que fez a velha ao diabo.

3

Minha sogra era uma velha
Bem carola e rezadeira,
Tinha seu quengo lixado,
Era audaz e feiticeira;
Para ela tudo era tolo,
Porque ela dava bolo
No tipo mais estradeiro.
Era assim o seu serviço:
Ela virava o feitiço
Por cima do feiticeiro!

4

Disse o demo: — Quebra-Quengo,
Qual é a tua virtude?
Dizem que és azucrinada
E que a ti ninguém ilude?
Disse a velha: — Inda mais esta!
Você parece que é besta!
Que tem você c'ó que faço?
Disse ele: — Tudo desmancho,
Nem Santo Antônio com gancho
Te livra hoje do meu laço!

5

Ela indagou: — Quem és tu?
Respondeu: — Sou o demônio,
Nem me espanto com milagre,
Nem com reza a Santo Antônio!
Pretendo entrar no teu couro!
E nisto ouviu-se um estouro!
Gritou a velha: — Jesus!
Ligeira se ajoelhou
E, depois, se persignou
E rezou o Credo em cruz!

6

Nisto, o diabo fugiu.
E, quando a velha se ergueu,
Ele chegou de mansinho,
Dizendo logo: — Sou eu!
Agora sou teu amigo
Quero andar junto contigo,
Mostrar-te que sou fiel.
Minha carta, queres ver?
A velha pediu pra ler
E apossou-se do papel.

7

— Dê-me isto! grita o diabo,
Em tom de quem sofre agravo.
Diz a velha: — Não dou mais!
Tu, agora, és o meu escravo!
Disse o diabo: — Danada!
Meteu-me numa quengada!
Sou agora escravo dela!
E disse com humildade:
— Dê-me a minha liberdade,
Que esticarei a canela!

8

Disse a velha: — Pé de pato,
Farás o que te mandar?
Respondeu: — Pois sim, senhora,
Pode me determinar,
Porque estou no seu cabresto
Carregarei água em cesto,
Transformarei terra em massa,
Que para isso tenho estudo;
Afinal, eu farei tudo
Que a senhora disser — faça!

9

Disse a velha: — Vá na igreja,
Traga a imagem de Jesus.
Respondeu: — Posso trazê-la,
Mas ela vem sem a cruz,
Porque desta tenho medo!
Disse a velha: — Volte cedo!
Ele seguiu a viagem
E ao sacristão iludiu:
Uma estampa lhe pediu
Que só tivesse uma imagem.

10

A velha, então, conheceu
Do cão o quengo moderno,
E, receando que um dia
A levasse para o inferno,
Para algum canto o mandou
E em sua ausência traçou
Com giz uma cruz na porta.
Voltou o cão sem demora,
Viu a cruz, ficou de fora,
Gritando com a cara torta.

11

Gritou o cão no terreiro:
— Aqui não posso passar!
Venha me dar minha carta,
Quero pro inferno voltar!
Disse a velha que não dava,
Mas ele continuava
A rinchar como uma besta.
— Pois fecha os olhos! ela diz
Ele fechou e, com giz,
Fez-lhe outra cruz bem na testa!

12

Aí entregou-lhe a carta
E o demo pôs-se na estrada,
Dizendo com seus botões:
— Não quero mais caçoadada
Com velha que seja sogra,
Porque ela sempre nos logra!
Foi, assim, a murmurar.
Quando no inferno chegou,
O maioral lhe gritou:
— Aqui não podes entrar!

13

— Então, já não me conhece?
Perguntou ao maioral.
— Conheço, porém, aqui
Não entras com tal sinal:
Estás com uma cruz na testa!
Disse ele: — Que história é esta?
Que é que estás aí dizendo?
Mirou-se dum espelho à luz:
Quando distinguiu a cruz,
Saiu danado, correndo!

14

E, na carreira em que ia,
Precipitou-se no abismo,
Perdeu o ser diabólico,
Virou-se no caiporismo,
Pela terra se espalhou,
Em todo lugar se achou,
Ao caipora encaiporando,
Embaraçando seus passos
E com traiçoeiros laços
As sogras auxiliando...

15

Deste fato as testemunhas
Já disse todas quais são.
Agora, quer o senhor
Saber se é exato ou não?
Invoque no espiritismo
Ou pergunte ao caiporismo,
Este que sempre nos logra,
Se sua origem não veio
Do diabo imundo e feio
E do quengo duma sogra!

Discussão dum pracião com um matuto

Em *Discussão dum pracião com um matuto*, tem-se um embate do sertão contra a cidade, da natureza animista e ancestral, contra a ciência higiênica e culta urbana. O matuto assume o papel do herói nordestino, em uma peleja contra o pracião, que por ser culto, se acha acima do homem do mato. Entretanto, com engenho próprio e conhecimento de vida, o matuto consegue virar o debate público, e ganhar a opinião e os aplausos de todos que presenciaram a peleja.

De fato, para o homem da cidade, o homem do mato nem é gente, por não possuir a cultura e a ciência do homem branco colonizador da cidade, a sua cultura advinda da natureza e ancestralidade não é válida, segundo a normatização urbana.

22

Eu não gosto de matuto
e vou dizer-lhe a verdade,
matuto não pode entrar
em toda sociedade
pois matuto além de bruto,
tem pouca dignidade

23

Matuto não tem estilo
matuto não sabe andar,
matuto não sabe ler
muito menos conversar
matuto pra ser cavalo,
só falta aprender rinchar.

24

Matuto quando se traja
fica um cururú fardado,
pois começa a manquejar
como cachorro enfadado
não há matuto vestido
que não pareça aleijado.

Entretanto, o matuto se mantém firme aos seus valores ancestrais, debatendo sobre a alma do mato, versus a desventura crua das cidades assépticas.

38

O mato é um jardim
salpicado de bunina,
aonde os anjos derramam
águas em gota cristalina
e a rua é a fogueira,
onde a alma se fulmina

39

No mato é onde se gera
o que se chama fartura.
onde as almas satisfeitas
soltam canto de ternura
na rua é onde se chora,
o pranto da desventura

Finalizando, o matuto é contundente, a magia, o encantamento, estão no mato, na cultura e conhecimento ancestrais.

42

No mato, é onde se compra
o selo da inocência
onde mora a ilusão
ao lado da paciência
na rua é onde se enterra
a fé e a consciência

43

No mato, é onde a musa
inspira o trovador
na rua é onde o fantasma
do diabo tentador
aconselha o suicídio
e abraça o pecador

Veja o texto completo:

Discussão dum pracião com um matuto

1

NESSES versos contarei
uma discussão pesada,
dum matuto muito moço
mas de conversa aprumada
com um pracião bruto,
que não sabia de nada.

2

O matuto era filho
do Rio Grande do Norte,
de estatura regular
alvo, moço muito forte
de forma que quem o visse,
invejava a sua sorte

3

O pracião era filho
da cidade de Areia,
estado da Paraíba
tinha ele a cara feia
além disso era orgulhoso,
como capitão de aldeia.

4

O seu nome era Moysés
e como andava decente,
criticava de matuto
com cara de um insolente
pois dizia que matuto
não tinha parte com gente

5

Estava na cidade de Areia
em festa, e num pavilhão
uma moça muito linda
oferecia em leilão
objetos de valores
aquela reunião

6

Cada qual que arrematava
o que tinha mais desejo
e mais tarde a dita moça
pôs-se oferecer um queijo
enfeitado de papel
dado por um sertanejo

7

Nisso chegou um matuto
e vendo o queijo enfeitado
botou dez mil reis por ele
porém foi logo-vaiado
por Moysés que botou vinte
se mostrando interessado

8

O matuto botou trinta
e Moysés lhe disse assim:
olá matuto brejeiro
aquilo não é capim
e se não sabias disso
deixa o queijinho pra mim.

9

Disse o matuto: capim
é comida boa e forte
para quem nasceu no brejo
não pra mim que tive sorte
de nascer e me criar
no Rio Grande do Norte

10

Dizendo isto botou
cinquenta mil reis no queijo
e o Moisés botou sessenta
o matuto sem gracejo
com calma botou setenta,
Mostrando grande desejo

11

Moisés com raiva lhe disse:
—matuto não seja bruto,
Olha, que queijo de festa
não é comer p'ra matuto
vai comer na tua terra,
tem gerimun pouco enxuto

12

Olha que no Rio Grande
só se come gerimú,
portanto ninguém enfeita
um queijo para um seu tú
e outra que ninguém quer,
nesta festa um papa-angú.

13

Todo mundo ali sorriu
Com as graças de Moisés,
o qual bastante orgulhoso
prometeu dar cem mil réis
pelo queijo e já dizendo,
que podia comprar dez.

14

O matuto respondeu-lhe:
um de nós perde o desejo
então duzentos mil réis
ofereceu pelo queijo
a moça lhe perguntou,
se ele estava com gracejo.

15

O matuto respondeu-lhe:
— senhora não tenha medo.
pode oferecer o queijo
até amanhã bem cedo
deixe o queijinho dar preço
qu'eu não estou com brinquedo

16

Moysés com isto espantou-se
e começou a dizer:
—o matuto nunca viu
queijo, deseja comer
portanto leve ele o queijo,
se é este o seu prazer,

17

Afinal foi o matuto
que triunfou na questão
e depois de meia hora
já terminava o leilão
o matuto com Moysés,
travou uma discussão.

18

Pois o matuto chegou-se
o Moysés dizendo assim,
— agora seu praciano
queira receber de mim
este queijo de presente
em paga do seu pasquim.

19

Olhe, isto é muito bom
para o senhor misturar,
com macaxeira ensopada
amanhã quando almoçar
porque macaxeira pura,
não há quem possa tragar.

20

Sou filho do Rio grande
a terra de girimú
Mas não como macaxeira
com molho de alho cru
coma o senhor que bem mostra
que conhece desse angu

21

Logo Moysés respondeu-lhe:
me trate com mais respeito
que não quero liberdade
com matuto do sem jeito
pois não tenho precisão.
de rebaixar meu conceito.

22

Eu não gosto de matuto
e vou dizer-lhe a verdade,
matuto não pode entrar
em toda sociedade
pois matuto além de bruto,
tem pouca dignidade

23

Matuto não tem estilo
matuto não sabe andar,
matuto não sabe ler
muito menos conversar
matuto pra ser cavalo,
só falta aprender rinchar.

24

Matuto quando se traja
fica um cururú fardado,
pois começa a manquejar
como cachorro enfadado
não há matuto vestido
que não pareça aleijado.

25

A gravata do matuto
é uma tira de pano
já o laço é um nó cego
o chapéu é um abano
o lenço é um coeiro,
nodoado de tutano.

26

Os sapatos do matuto
são feitos de couro crú,
a calça é uma mochila
o paletó é um urú
a camisa é um cuião,
pintada como um tejú.

27

Não há moça da cidade
que queira bem a matuto,
porque quem vive no matuto,
é feio, nojento e bruto
pelo qual bem merecia,
pagar um grande tributo

28

Antes um negro da rua
do que um branco do matuto,
pois na rua o negro gosa
na mesa do melhor prato
aonde o matuto branco,
só come o que for barato.

29

Muita gente ali sorriu
com que Moysés dizia.
e Moysés devido a isto
inda mais se engrandecia
e julgava que o matuto,
a ele não respondia.

30

Mas o matuto lhe disse:
o senhor fala exaltado
portanto devo dizer,
o que disse está errado
também vou me defender
porque me vejo acusado

31

Moysés gritou para rua
dizendo: meu povo venha
ouvir a sua babacuara
creado dentro da brenha
venha meu povo escutar
Sua voz rude e rouquenha

32

Com os gritos de Moysés
muita gente ali chegou
e o matuto bem calmo
de nada se incomodou
e fitando pra Moysés
falando assim começou:

33

Você me diz que matuto
é um ente sem mister
porem isto é um engano
seu e de outro qualquer
e quem diz o que deseja
ouve bem o que não quer.

34

A pessoa que procura
escarnecer dum matuto
se for mulher é cretina
se for homem é mais que bruto
e se não for um doente
é orgulhoso e astuto

35

O homem que tem critério
não ignora ninguém,
mas o homem miserável
entende que fez o bem
quando escarnece do bruto
sendo ele bruto também.

36

Não é a rua que traz
ao homem a inteligência,
pois no mato tem nascido
homens de grande eloquência
onde a rua tem criado,
infames sem consciência

37

No mato é onde vegeta
o lírio alvo e sublime,
na rua é onde viceja
a inveja o ódio o crime
o orgulho e o egoísmo,
que a inteligência deprime.

38

O mato é um jardim
salpicado de bunina,
aonde os anjos derramam
águas em gota cristalina
e a rua é a fogueira,
onde a alma se fulmina

39

No mato é onde se gera
o que se chama fartura.
onde as almas satisfeitas
soltam canto de ternura
na rua é onde se chora,
o pranto da desventura

40

No mato é onde os insetos
gozam plena liberdade
alegando com seus gritos
a divina majestade
na rua é onde os micróbios
corroem a humanidade.

41

No mato, é onde habita
o amor e a caridade,
aonde as donzelas colhem
as flores da castidade
a rua é onde se vende
a retalho a virgindade

42

No mato, é onde se compra
o selo da inocência
onde mora a ilusão
ao lado da paciência
na rua é onde se enterra
a fé e a consciência

43

No mato, é onde a musa
inspira o trovador
na rua é onde o fantasma
do diabo tentador
aconselha o suicídio
e abraça o pecador

44

No mato, é onde se goza
as delícias do luar
na rua é onde se enxerga
as misérias do azar
onde se deita a alma
nas lamas do lupanar

45

Moysés buscou defender-se
dizendo ao matuto assim,
a rua é uma beleza!
e um trono! é um jardim...
e o mato é um cemitério,
ou um deserto sem fim.

46

Quem mora no mato é bicho
portanto meu camarada,
não queira gabar o mato
que mato não vale nada
no mato só há pobreza.
e gente mal educada.

47

Por isso não há matuto
que tenha felicidade,
de namorar uma moça
nascida em qualquer cidade
pois pracionos não pode,
ter a matuto amizade.

48

Porque as moças da praça
são criados na fartura
gozando da distrações
e seria uma loucura
se olhassem para um matuto,
que só com fava pura

49

O matuto respondeu-lhe:
-você só me diz asneira,
olhe matuto não casa
com moça namoradeira
outra: que moça de rua,
não há matuto que queira.

50

Você me fala em fartura
porém só conhece o nome
de farturas, pois na rua
é onde se passa fome
porque precisa pensar-se
e medir-se o que se come

51

Saiba que o matuto tem
milho, farinha e feijão
arroz, inhame, batatas
côco, gerimum melão
aonde muitos na rua
em casa não tem um pão

52

O matuto tem também
água e lenha sem comprar
vacas para tomar leite
cavalos para montar
aonde muitos na rua
não tem nem ninguém lhe dá

53

O matuto tem também
com que fazer caridade
aonde muitos na rua
devido a necessidade
quando dão um copo d'água
é sempre contra vontade

54

É verdade que o matuto
não pode ter muito estilo
pois o mato é uma escola
o roçado é seu asilo
por isso goza saúde
e vive sempre tranquilo

55

Na rua o povo conhece
o estilo de comer
porém quem não tem comida
não pode isto aprender
pois estilo com pobreza
é mesmo que não saber

56

Antes comer sem estilo
e a comida sobrar
do que comer com estilo
e a comida faltar
estilo não enche bucho
quando a comida não dar

57

Disse Moysés ao matuto
—de matuto eu não preciso
pois nunca vi um matuto
que não parecesse liso
portanto uma classe assim
só pode dar prejuízo

58

Tudo que matuto compra
é sempre pouco e ruim
e pra comprar inda faz
una zuada sem fim
e eu tendo o que vender
matuto não compra a mim

59

Se eu por acaso ainda fosse
o chefe de tal cidade
matuto aqui não entrava
pois não há necessidade
de matuto aqui na praça
onde há civilidade

60

O matuto respondeu-lhe:
—Meu amigo eu sou matuto
porque no mato nasci
porém você é mais bruto
do que eu e além disto,
é sofista e muito astuto.

61

Você julga qu'isto aqui
é uma praça sem fim
mas isto é mato também
pois a praça não é assim
já vi que você se acusa,
em vez de acusar a mim.

62

Você me chama matuto
mas não conhece o que é rua,
portanto devo acusar
a ignorância sua
pois vejo você tão torto,
igual um arco de púa.

63

Você fala, de matuto
é porque não tem juízo.
olhe que matuto em praça
nunca causou prejuízo
e onde não for matuto,
todo mundo fica liso.

64

Pois matuto é quem produz
o milho, à fava e o feijão,
O café, o queijo, a fruta
o arroz, o algodão
o fumo, a batata, e todos,
gêneros de alimentação.

65

O matuto é quem trabalha
para padres e doutores,
empregados e soldados
governos e professores
afinal p'ra todo mundo,
até mesmo roubadores.

66

O matuto é quem consome
tudo que se expõe à venda
a miudeza a ferragem
a carne, o sal, a fazenda
portanto onde há comércio,
não há matuto que ofenda.

67

Porque é sempre o matuto
a mola fundamental
do movimento das ruas
já por isto é natural
que ninguém queira fazer
a qualquer matuto um mal.

68

Portanto você não fale
do matuto... e pense bem,
porque você sem matuto
não comeria também
porque para trabalhar
você coragem não tem

69

Moysés inda quis falar
mas o povo não deixou,
dando viva ao matuto
e um doutor convidou
o matuto pra cerveja,
o povo o acompanhou.

70

Logo o matuto pediu
pro doutor permissão,
para ir trocar de roupa
pois naquela ocasião
Se achava ele vestido,
na roupa de azulão.

71

Lhe disse o doutor então sim
e já quando ele voltou,
foi vestido em brim de linho
O povo se admirou
pois num rapaz elegante,
ligeiro se transformou.

72

Todo mundo que queria
saber já quem era aquele,
porém ele por vaidade
não dizia o nome dele
e mais tarde toda moça,
queria namorar ele

73

Então as moças diziam,:
—aquele não e matuto!.,
pois conversa muito bem...
mas como ele é astuto?!
tem gosto que o povo julguem
que seja um rapaz bruto.

74

Mas tarde as moças com jeito
deles puderam colher,
que seu nome era José
mas ficaram sem saber
qual era seu sobrenome,
pois ele não quis dizer.

75

Quando o dia amanheceu
vestido de caxemira
tomou ele um automóvel
e Seguiu pra Guarabira
assim cuntou-me o chauffeur
inimigo da mentira

76

Em Guarabira comprou
um bilhete de transporte
bendigo de Guarabira
ao Rio Grande do Norte
e logo tomou o trem
bem satisfeito da sorte

77

Moysés jurou que nunca mais
zombaria de matuto
pois na cidade de Areia
ficou tido como um bruto
pelo qual bem merecia
viver coberto de luto

Discussão do vinho com a aguardente

Em *Discussão do vinho com a aguardente* temos um interessante embate animista (aguardente e vinho passam a ter voz, opinião e vida), no qual a aguardente representa o herói nordestino de engenho e magia, e o vinho a cosmologia colonizadora europeia. O vinho é nobre, representa o sangue de Cristo na missa, além de ter seu próprio deus europeu romano, o deus Baco. Já a cachaça é do povo, e está ligada à vícios. Seria isso mesmo, ou a aguardente teria alguns bons argumentos para vencer essa peleja?

Veja o texto completo:

Discussão do vinho com a aguardente

1

Bom dia dona cachaça
Disse o vinho a aguardente
Então você como vai
Vou indo sofrivelmente
Esquentando quem está frio
Refrescando quem está quente

2

Está direito, disse o vinho
muita gente dá-lhe apreço,
Disse a aguardente: só dão-me
Aquilo que eu mereço,
Estou no meu ponto de honra
Não peço nem me ofereço.

3

Disse o vinho: o povo pobre
A bebe com sacrifício,
Uns para se engrandecerem
Outros bebem pelo vício
Não conhecem que a aguardente
É o maior precipício

4

Disse a aguardente: eu conheço
Pessoas de posição
Na cama dele é mais fácil
Não encontrar-se colchão
Mas tem cum toda a certeza
Um copo e um garrafão.

5

Disse o vinho: vá a igreja
Corra canto por cantinho
E examine as garrafas
Que só há de encontrar vinho
Nem mesmo para remédio
Achará um bocadinho

6

A aguardente disse: o padre
Depois da missa acabada,
Chega em casa vai à mesa
Encontra uma panelada
Pergunta a ama fulana
Comprasses a imaculada ?

7

Então respondeu o vinho
Um padre nunca fez isto
Não duvido que lhe diga
Traga-me o sangue de Cristo
A aguardente respondeu-lhe
Então é onça, está visto

8

Não senhora, disse o vinho
Você está mal informada
Disse a cana: sua história
Parece estar envergada
Veja se arruma outra cousa
Desta vez não disse nada

9

O vinho disse: Noé
Foi um grande patriarca
Se embriagou, mas com vinho
Depois de sair da barca
Disse a cana nesse tempo
Não existia truaca

10

Disse o vinho: é do Deus Baco
Essa invenção excelente
Veja que há deus do vinho
Mas não há deus da aguardente
A cachaça respondeu
Isso é cousa diferente.

11

Disse a cana: pegue o vinho
Venda a canada a tostão
Suba o preço da aguardente
Dez mil réis um garrafão
Depois havemos de ver
Quem terá mais extração

12

O vinho disse: a pessoa
Que bebe muita aguardente
tudo que faz é errado
É um ser inconsciente
Disse a cachaça: assim faço
Do culpado um inocente

13

Disse o vinho a aguardente:
Eu tenho a propriedade
Na igreja represento
O sangue da divindade
Na mesa sou refeição
Para a Real Majestade

14

A aguardente respondeu
Conheço seu predicado
Mas deixe a mesa do rei
Retire-se do sagrado
o esperar pela queda
Se partir para o meu lado

15

Eu não entro na igreja
Mas vou ao salão do nobre
Vou ao palácio do rei
Volto à choupana do pobre
Às vezes por minha causa
Um grande crime se encobre

16

Então perguntou-lhe o vinho
Você já viu um doente
Ou já conheceu um médico
Que mandasse algum cliente
Que por isto ou por aquilo
Ele tomasse aguardente?

17

A aguardente respondeu
Eu tenho convicção
Que para muitas moléstias
Como febre e congestão
Uma só gota de vinho
Atrapalha a digestão

18

Disse o vinho: não senhora
O vinho é um alimento
Não é só tão saboroso
Como serve de sustento
Eu digo isso com base
E provo com documento

19

Aguardente respondeu
Sempre fui mais conhecida
Evito constipação
Nos banhos sou preferida,
E se for tempo de frio
Inda estou mais garantida

20

O vinho disse: a igreja
Não pode me dispensar
Padre não celebra missa
Se por acaso eu faltar
Já vê que sou muita coisa
Até perante o altar

21

A aguardente respondeu
Eu vejo constantemente
Para os conventos dos frades
De vez em quando um presente
Um caçuá de cajus
E um barril de aguardente.

22

Disse o vinho isso eles botam
No tronco de qualquer planta
Para matar o Inseto
Que da terra se levanta
Disse ela o frade bota
É no tronco da garganta

23

Ora em casa de ferreiro
Ver-se o martelo e a safra
Na de pedreiro a colher
Na do pescador a tarrafa
Em casa de cachaceiro
Um copo e uma garrafa

24

Diste o vinho: entre os mais líquidos
Eu sou sempre o de primeira
Eu sou muito apreciado
Da aristocracia inteira
E tu só és conhecida
Da classe pé de poeira.

25

Disse a aguardente: colega
A cousa não é assim
Você teve seu princípio
Eu fui feita para um fim,
Os fabricantes de vinho
Precisam muito de mim.

26

Disse o vinho: Isso é exacto
Conheço perfeitamente
Bota-se álcool no vinho
Para ficar resistente
Porém quando fez-se o vinho,
Não existia aguardente

27

Então a aguardente disse
É com que mamãe se dana
É com quem conheço as coisas
Porém finge que se engana
Vinho é suco de uva
Mas leva o suor da cana.

28

Disse o vinho o Salvador
quando no mundo pregava
Foi convidado a umas bodas
Aonde o vinho faltava
Ele d'água fez vinho
Porque viu que precisava

29

Disse a aguardente retire
Esses negócios do céu
Por que nas coisas do mundo
Você me tira o chapéu
Ou corta por onde eu risco
Ou vai soletrar charéo.

A ausência dos bichos

1

Nunca se viu uma falta
como a que o Bicho tem feito,
as praças vivem desertas
O povo mal satisfeito,
só se ouve exclamação
tudo a dizer: Não há jeito!

2

As crianças vivem tristes,
os homens se lastimando,
as mulheres rogam pragas
pelas ruas blasfemando,
pragas, suspiros, blasfêmias
se ouve de quando em quando.

3

Um diz: Diabo te leve,
outro diz: Mal fim tu tenhas,
Cascavel seja teu fim
perdido em medonhas brenhas
morras pelo estrangeiro
nunca à tua pátria venhas.

4

Em dias desta semana
estava uma velha a dizer:
Vamos ao Rio de Janeiro
suceda o que suceder,
mete-se o pau no banqueiro
o Bicho tem que correr.

5

Disse a velha: Eu sinto pouco
ter três vezes enviuvado,
não senti morrer meu pai
me deixando em mau estado,
porém o jogo do Bicho
vôtes! Assim está danado!

6

Numa das principais ruas
da capital desse Estado
meio-dia fui passando
vi um velho ajoelhado,
as mãos postas para o céu
de muita gente cercado.

7

Vinha uma velha chorando
outra mulher soluçava
e tinha uma negra magra
que em vez de falar bujava,
fazia a gente correr
Os coices que a negra dava.

8

Dizia uma velha rouca:
—Glorioso São José,
eu espero em vossa força,
faço a promessa com fé,
daqui a dois ou três dias
eu jogo no Jacaré.

9

Disse um cachaceiro velho :
—Me atrasei danadamente,
quando jogava-se o Bicho
eu estava sempre contente,
contava um sonho ou palpite
me davam muita aguardente.

10

Muito me impressionou
e chamou tudo atenção,
foi um velho ajoelhado
como quem faz oração,
chamando o nome dos bichos
numa grande exclamação:

11

Avestruz, ave celeste,
tem piedade de nós!
De que forma fica o mundo
sem o auxílio de vós?
Desde que os bichos faltaram
o povo todo anda atroz,

12

Águia! Águia! Socorrei-nos!
ó Burro, tem compaixão!
Minha linda Borboleta
não vês a nossa aflição?
Rogai por nós ao governo
pedindo à sua atenção.

13

E vós, meu rico Cachorro,
com vossa nobre presença
acuai esses banqueiros
até arranjam licença,
desterrai do nosso Estado
essa maldita sentença.

14

Cabra, Carneiro, Camelo,
Cobra, Coelho e Cavalo,
convidai o Elefante,
se juntem todos ao Galo
vê se acabam com a maldita
Loteria de São Paulo.

15

Gato, mostrai vossas unhas,
Jacaré, cadê teu dente
Ó poderoso Leão
não dizem que és tão valente?
Ó, Macaco, faz careta
que agrade o presidente...

16

Porco tem muita preguiça,
Pavão é um pássaro lorde,
Peru, é bicho de festa
para greve não acode,
O Touro tem muita torça
porém querendo não pode.

17

O Tigre mata a traição,
o Urso causa terror
Veado, por sua parte,
diz: Eu sou bom corredor,
a vaca diz: Tenho tetas,
mas não é para Jogador.

18

Como demônio se vive
sem jogar mais um bichinho
É o mesmo que se morrer
aonde não há vizinho,
ficou tudo como o porco
que lhe cortaram o focinho.

19

É exato que esse jogo
tem feito mil sacrifícios,
mas quem for procurar nele
acha dois mil benefícios,
tanto que eu digo que o jogo
é um dos melhores vícios...

20

Aqui havia um rapaz
que a sogra dele morreu,
ele comprou o ataúde
foi pra que o cobre deu,
por artes não sei de quem
uma velha apareceu.

21

Então perguntou a velha:
— Quem foi que morreu aqui
que eu vejo uma pessoa
vir com um ataúde ali?
Depois viu a velha morta
fastou um pouco e fez— Xi!

22

Foi por isso que essa noite
eu sonhei com um Macaco...
O rapaz quando ouvi isso
ficou soltando cavaco,
enjeitou o ataúde
meteu a velha num saco.

23

O dinheiro do caixão
ele jogou nesse dia,
deu o bicho, ele ganhou,
saiu certa a romaria
e se não fosse o Macaco
lá o dinheiro se ia.

24

Tanto que o rapaz disse:
Ah, se eu pudesse obter
cinco sogras por semana
eu tinha de que viver,
nas condições de uma delas
todos os dias morrer.

25

O Bicho também tem feito
alguém ficar constrangido,
filhos brigarem com os pais,
mulher roubar do marido,
porém antes de haver Bicho
tudo isso tinha havido.

26

Eu vi na semana santa,
(era em uma procissão)
uma velha todo o ano
tinha uma devoção
de carregar o andôr
com os pés descalços, no chão.

27

Iam ela e duas filhas
e outra velha irmã dela,
aí disse uma das filhas:
—O Burro está na tabela...
Não tenho com que jogar,
disse suspirando ela.

28

A outra disse: Mamãe!
arribe com o andor
que depois a gente vende
seja lá por quanto for,
mamãe bem sabe que o Burro
é o nosso protetor.

29

Disse a velha: Minha filha
eu acho esse acto feio...
—Mas o santo da dinheiro
dez mil réis são dos arreios,
Deus não dá nada cozido
ele dá por esses meios,

30

E já se foram com o andor,
não venderam, empenharam
por oito mil réis no Burro
o maior preço que acharam,
nesse dia deu carneiro
então de tarde rodaram,

31

Quando e padre cuidou nelas
tinha o andor ido embora,
disseram: Uma velha ali
vendeu um andor agora,
o padre foi atrás delas
botou a caçada fora.

32

Eu conheci uma velha
que tinha uma filha solteira,
a velha bebia muito
a filha era jogadeira,
afim de jogar no Bicho
a moça fez uma asneira.

33

A velha bebera muito
um dia se embriagou,
tinha uns brincos nas orelhas
a filha a faca amolou,
cortou as orelhas da velha
tirou os brincos e os jogou.

34

Mas isso mesmo são coisas
que não fazem admirar,
as orelhas de uma mãe
estão em primeiro lugar,
se fosse da mãe dos outros
assim dava o que falar.

O homem que vendeu o santo para jogar no bicho

1

Quem fez o jogo do bicho
tinha um quengo refinado,
era estradeiro polido
e ladrão condecorado:
roubava a vista do dono,
era subtil como o sono,
carinhoso como um cão
com fingimento de bobo
fazia qualquer um roubo
o dono dando-lhe a mão

2

Conhecemos muitas classes
que eram de jogo intrigadas,
porém no jogo dos bichos
se tornaram viciadas;
como bem fossem mulher
que não queria sequer
ouvir falar nesse nome
mas hoje qualquer mulher
joga o que em casa tiver
embora morra de fome

3

Eu possuía uma venda
estava bem afreguesado
calculei que se jogasse
tinha melhor apurado
como de fato joguei
mas depois me víciei
aí não pude deixar
meti a venda no jogo
foi como a pólvora no fogo
custou pouco se acabar

4

só sendo mesmo caipora
tangida mesmo a capricho
o apurado da venda
tudo eu jogava no bicho
quando a venda se acabou
a mulher se descuidou
vendi até uma grelha
foi um barulho do droga
fui ao pão com minha sogra
mas não resisti a velha

5

Um dia eu não tinha mais
dinheiro para jogar
vendi um relógio grande
e um ferro de engomar
vendi mais um caldeirão
vendi até o facão
de trabalhar na cozinha
a mulher saiu um dia
eu vendi uma bacia
com quem tiravam farinha

6

Pude tirar da mulher
um vestido de fazenda
um broche e um par de meia
e um casaco de renda
tirei um cinto de couro
um par de brincos de ouro
pano de dois aventais
um grampo e uma marrafa
vendi até garrafa
em que se comprava gás

7

Lá em casa tinha um santo
que era por todos adorado,
quer ver o que fiz com ele?
troquei-o por um veado
e era um São Frutuoso
santo muito milagroso
e que sonho eu tinha tido!
me confiei, fui jogar
a tarde foi o lugar
mas limpo que tinha havido

8

A mulher tinha costume
A´noute adorar o santo;
quando abriu o santuário
achou limpo e liso o canto
ficou logo perturbada
me perguntando vexada
Quedê meu São Frutuoso?
Para ela não falar
eu disse: foi visitar
outro santo milagroso

9

A mulher gritou: danado
você jogou no bicho
se você não der meu santo
eu o sepulto no lixo;
então a velha mãe dela
rosnava como cadela
berrava que só dois bodes,
já querendo me morder
e jurando de fazer
um ponche dos meus bigodes

10

Tive um susto de cair
do grito que a mulher deu;
a velha mãe dela disse:
para o matar, basta eu,
ladrão vá já ver o santo
nem o diabo esconde;
você o negociou,
ou vendeu, ou empenhou,
mas há de dizer aonde

11

Eu pude inventar um meio
para a velha me soltar
disse-lhe: solte-me que o santo
está ali vou buscar
eu não vendi a imagem
pois não tenho essa coragem
assim era um desgraçado,
disse sério: seu santinho
está em casa d'um vizinho
que me tomou emprestado

12

Disse a velha: vá buscá-lo
não quero meu santo fora
porque santo que se empresta
fica fujão e caipora
eu fiquei desesperado
vi que estava derrotado
disse: adeus minha encomenda!
a mulher foi à janela
fui a almofada dela
tirei 3 varas de renda.

13

Fui onde estava o bicheiro
ver que jeito ele me dava
se eu não levasse o santo
minha mulher me enforcava
Fui, o bicheiro me disse:
amigo se você visse
da forma que estou quebrado
o meu vexame foi tanto
que comprei-lhe aquele santo
e lá está empenhado

14

Voltei e disse a mulher
minha velha está danado
São Frutuoso fugiu
e anda desnordeado
disse ela espere lá:
gritou: mamãe venha cá,
traga um pão, chegue com pressa
meu santinho levou fim
e mulher faz é assim
vai por conta uma remessa

15

Então a velha chegou
e descarregou o braço!
disse a filha eu dou nas ventas
e você no espinhaço
depois dele bem moído
este safado, atrevido
mostra aonde está o santo,
ele tem que apontar
somos duas para dar
canta qual bate n'um cante

16

Meti o braço na velha
derrubei ela e a filha
fiz as gengivas da velha
dançarem saiote e quadrilha
também a mulher danou-se
juntou a saia e armou-se
gritou danado infeliz
a velha no chão babava
e parecia que tocava
corneta pelo nariz

17

Foi pão! seu camaradinha,
que depois de se acabar
bigode dentes de velha
se achava em qualquer lugar
a mulher ficou em tiras,
minha sogra com a ira
inda lhe deu um ataque
caída no chão morrendo
mas assim mesmo dizendo
arranquei-te o cavanhaque

18

A velha tinha um São Braz
pendurado no pescoço
na luta pude tirá-lo
e coloquei-o no bolso;
a mulher tinha um bentinho
junto com outro santinho
tudo na luta eu tirei;
apurei quatro mil reis,
joguei 4 jacarés,
porém de tarde rodei.

19

Devido ao bicho me vejo
quebrado danadamente;
a mulher sem os cabelos
a sogra sem um dente
minha camisa rasgada,
a calça toda furada,
o paletó foi-se embora,
os sapatos no basculho,
devido a esse barulho
quando saí foi em tira.

20

Também desse dia em diante
jurei por Deus verdadeiro
não pegar mais um talão
nem dar mais água a um bicheiro
foi quem me fez a caipora
fez-me botar tudo fora
foi uma miséria rara
é mesmo por um capricho
quando me oferece um bicho
bato-lhe à porta na cara

Bento, o milagroso de Beberibe

1

Pernambuco é um Estado
aonde tudo se apoia
e quase todos os anos
vem de novo uma pinoia
este ano em Beberibe
milagre já está de bóia

2

O que já morreu está morto
e quem escapou não morre,
devemos aproveitar
enquanto o alambique corre,
ainda que a morte venha
tem o Bento que socorre.

3

Um dia desses, eu vindo
da Fábrica Camaragibe,
de volta vi muita gente
no cais de Capibaribe,
tudo dizia a um tempo:
-Tem um santo em Beberibe

4

Dirigi-me a um rapaz
e perguntei-lhe o que era;
disse o rapaz: é um homem
que o povo no cais espera,
cura gente com milagre
e é curador de vera

5

eu indaguei como era
a cura que ele fazia,
então o moço disse
que com certeza sabia
era com almas de índios
e água de pote, fria

6

Tanto que o rapaz disse:
-Vai se fechar o hospital;
a farmácia, adeus viola,
a medicina vai mal.
remédio perdeu a moda,
se acaba tudo afinal.

7

Disse a pessoa – ele lá
faz a cousa de maneira,
que a “Saúde da Mulher”
e o “Elixir de Nogueira”
tem o valor das bananas
de tarde, no fim da feira.

8

Com almas de dez caboclos
e um frasco de água fria
cura erisipela e asma
reumatismo e anemia
dor de cabeça, enxaqueca
bexiga, dispepsia.

9

Renova a pessoa velha,
põe na idade que quer,
faz cair cabelos brancos
da pessoa que os tiver
faz serem pretos ou louros,
da cor que o dono quiser

10

Os repórteres de um jornal
foram lá, tomaram nota.
disse-lhe um dos curados
que ali não tinha lorota
o homem aqui tira língua
endireita e depois bota.

11

Chegou um aleijado
que causava até assombro,
as pernas já estavam secas
tinha nas costelas um rombo,
foi lá em duas muletas
voltou com elas no ombro

12

Aqui havia uma moça
pobrezinha, mas, honrada,
não a queriam por pobre,
já estava desenganada
com 3 gotas d'água benta
foi pedida, até casada

13

Dizem que no Amazonas
ele ganhou até apostas
e uma viúva lá
foi uma das grandes mostras
botou água no defunto
trouxe ele vivo nas costas

14

Ela foi ao cemitério
viu a cova do defunto
tirou da água do Bento
e passou na cova um unto,
não trouxe dois outros vivos
porque achei que era muito

15

Eu fui um dos que fui lá
quando ele apareceu,
meu bigode era pequeno
mas num instante cresceu
tanto que minha mulher
disse que não era eu

16

Quando os meninos me viram
foi sem limite o sussurro,
um me ameaçava pau,
outro soltava-me um murro,
gritando tudo a um tempo:
um pai assim só p'ra burro.

17

A mulher me perguntou
e quem é vossa mercê?
eu disse sou seu marido.
Ela disse – quem você?
Disse – o caçula de todos:
Esse é lá papai o que!

18

Disse o menino papai
É um velho rabugento
tem cento e vinte janeiros
já tem o couro cinzento
o sr. ainda é rapaz
robusto e bem corpulento

19

O sr. diz que é papai?
porém, assim não se safa
o paletó de papai
parecia uma tarrafa
a cabeça cor de neve
o queixo como garrafa

20

O sr. aqui não entra
da calçada logo arribe
senão eu meto-lhe o pau
pois a lei não me proíbe
eu disse sou teu pai mesmo
vim hoje de Beberibe

21

Na bolsa no corpo em tudo
eu já sentia desfalque
foi tocar na água do Bento
senti inteiro meu fraque
apareceu-me bigode
e nasceu-me cavanhaque

22

Aí o menino disse
hoje eu levo mamãe lá
ela vive muito rouca
eu lhe disse: deixe está
você é muito criança
ainda não sabe o que há

23

Sogra muda e mulher rouca
são de bem necessidade
esses dois incômodos nelas
são de grande utilidade
quando nada essas assim
descansam a humanidade.

24

O menino perguntou-me
papai como isso se deu?
de que forma é esse homem?
como foi que apareceu?
caiu do céu por descuido?
seria trovão que deu?

25

Então eu disse: não sei
se ele foi ou não nascido
só sei que faz milagre
e é muito concorrido
muito breve o hospital
será até demolido

26

Mas que remédio dá ele?
o menino perguntou
-Eu disse: água do pote
foi o que ele aplicou
bebi e com 10 minutos
o cavanhaque apontou

27

Muitos dizem que ele é santo
veio do céu enviado
assim dizem dez ou doze
a quem ele tem curado
é cada espiritão
que está ali encostado

28

Tomara que ele não vá
para as bandas de Santo Amaro
as sogras no cemitério
só andam tomando faro
e minha sogra está lá
se sair me custa caro

29

Segundo o que eu tenho ouvido
dizer o que ele está fazendo
cego já tem ido lá
bebe a água d'ele e volta vendo
tem ido gente sem pernas
e volta de lá correndo

30

A casa onde ele habita
vive cheia como um ovo
às vezes cura 3 mil
chega outro tanto de novo
com 2 ou 3 potes d'água
cura ele todo povo

31

Aqui tem uma mulher
que 3 línguas possuía
admira a todo mundo
como é que ela comia
e 3 línguas numa boca
eu nem sei como cabia

32

Tomou água milagrosa
não tem cicatriz alguma
tratamento de 10 horas
ela ficou boa d'uma
caíram logo 2 línguas
quase fica sem nenhuma

33

Agora note o leitor
a que ponto ia chegar
mulher só tendo uma língua
já não se pode aturar
existindo uma com 3
quem podia suportar

Antônio das Chagas Baptista

Anatomia do homem

1

Leitor, fiz ponto nas fábulas
Agora é verdade pura,
Entraí comigo no corpo
D'uma humana criatura
E vamos descrever d'ele,
Desta vez toda a estrutura.

2

Das partes sólidas do corpo,
Falo em primeiro lugar:
Por baixo da pele estende-se
O tecido celular
Cobrindo a carne que forma
O tecido muscular.

3

Unido ao muscular,
Está o tecido fibroso
centro o tecido ósseo,
Ora rijo, ora esponjoso,
Este é ligado nas juntas
pelo tecido nervoso.

4

A carne é o motor
Que dá ao corpo função
Forma a musculatura
Compõe a organização
Também chamada organismo,
(...) vida tem ação.

5

Há no corpo cinco órgãos
A que chamamos sentidos,
E são: os olhos e a língua,
O nariz e os ouvidos;
Estes estão na cabeça,
Dos mais órgãos divididos

6

O quinto é o tacto
Da pele em toda
Sua sede principal
Está nos músculos da mão
O cego apalpa e conhece
Qualquer cousa que lhe dão.

7

No interior de cabeça
Está a massa cerebral
(A que chamamos miolos)
Onde a medula espinhal
Dá nascimento aos nervos
Pelo canal vertebral.

8

Da boca saem dois canos
Da cor do sangue que os tingem;
O esophago e traquéia;
Naquelle, está a pharynge,
E neste, o órgão da voz
Denominado larynge.

9

Na cavidade thoraxica
Tem os pulmões e o coração;
São estes os principais
Órgãos da respiração
E do movimento do sangue,
Chamado circulação.

10

Na cavidade abdominal
Tem os órgãos da nutrição
Estômago, tripas, duodeno,
E Os órgãos da secreção
Fígado, rins, pâncreas,
Nestes, três líquidos estão.

11

Reduzem-se -as partes líquidas
Do corpo em água e humor,
A lymphá, as lágrimas, a bília,
A synovia, o muco, o suor,
A saliva, a urina o sangue,
Que tem encarnada a cor.

12

O arcabouço dos ossos
É do corpo a armação
Em três partes se divide,
Destes cujos nomes são:
Cabeça, tronco e membros;
Todas ligadas estão.

13

A cabeça, em crânio e face
Se divide, o crânio é oval,
Tem oito ossos e são
Os temporais, o occipital,
O sphenóide, ou etmóide,
Os parietais e o frontal

14

A face tem quatorze ossos,
Oito destes são ímpares,
Incluindo os do nariz,
Os outro seis formam pares
dois pumulos, dois palatinos,
E os dois ossos maxilares.

15

Na boca há trinta e dois dentes,
São ossos mui pequeninos
Dezesseis em cada queixo,
Só tem vinte os meninos
Que só têm quatro molares
E não têm os caninos.

16

Está na segunda parte
A columna vertebral,
Que contém trinta e três Ossos;
Estes formam um canal
Que está cheio de tutano
Ou medula espinhal.

17

As costelas são vinte e quatro
Tem quatorze verdadeiras,
E as outras dez são falsas
São mais longas as primeiras,
Fecham no esterno o thorax,
Formando duas fileiras.

18

Os membros superiores
Na terceira parte estão:
Úmero, cúbito e rádio,
Eis do braço formação,
Carmo, metacarmo e dedos,
Estes compreendem a mão.

19

A mão contém cinco dedos;
O primeiro é o polegar,
O segundo é o indicador,
O médio e o anelar,
O quinto é dedo mínimo
Que é dos outros auxiliar.

20

Cada dedo tem três ossos,
Sendo esta regra incerta,
Cujos nomes são : falange,
Falanginha, e falangeta;
O polegar só tem falange
E falanginha, em linha recta.

21

Os membros inferiores,
Estão em forma de compasso,
Começam dos ilíacos
E vão terminar no tarso :
O fêmur, a tibia, e rótula,
Perônio, dedos, metatarso.

22

De duzentos e oito ossos
É o esqueleto composto,
O que entendo sobre o corpo,
Amiúde tenho exposto;
Na opinião do leitor
Espero encontrar encosto

Chromo

1

N'uma pequena casinha
De gravatá construída,
Mora uma pobre velhinha
Do mundo já esquecida.

2

Desamparada e sozinha
Vive quasi succumbida;
Tão frágil! tão pobrezinha!
Pelos anos abatida;

3

Eu vou sempre visitar-lá,
Ella então sempre me fala
Do tempo que está passando,

4

De seu paupérrimo estado;
E quando lembra o passado,
Termina a frase chorando...

Exemplo da vaca que deu sangue em lugar de leite

1

Com inspiração Divina
e a ideia Sacrosanta
vou escrever um exemplo
que o leitor lendo se espanta
de uma vaca que deu
sangue na semana Santa

2

Deu-se isto na Fazenda
de João Ferreira da Cruz
Sexta-feira da Paixão
dia que morreu Jesus,
contou-me Luiz Faustino
homem de verdade e luz

3

Chama-se Né o vaqueiro
contou-me como aconteceu
disse Joãozinho tire o leite
quando o dia amanheceu
Neo lhe disse eu já soltei
no cercado, o gado meu

4

Joãosinho ô fazendeiro
de Poço Branco é prefeito
querido por todo mundo
mas o dia é de preceito
mesmo o que vem por castigo
na terra ninguém dá jeito

5

Tem gente que diz, todo dia
é dia Santificado
Deus não fez um dia santo
e outro amaldiçoado
mas na semana Santa
Jesus foi crucificado

6

Rasgou-se o véu do templo
quando Jesus inspirou
caiu saraiva e fogo
tremeu a terra e parou
então por semana Santa
daí por diante ficou

7

Começou tirando leite
limpo, como todo dia
já desleitando uma parte
numa notou que caia
leite transformado em sangue
que da mão dele descia

8

Meu Padrinho Cícero dizia
setenta muda de escala
haverá tremor de terra
o mundo todo se abala
muito pasto e pouco rastro
muita sala e pouca fala

9

Hoje o povo só da crença
a dança, futebol e pitú
um moço virou cobra
um herege um cururu
um crente atirou no padre
virou-se num urubu

10

Disse Deus as gerações
todos serão consumado
não há pedra sobre pedra
para não ser derribada
são esta santas palavras
da Escritura Sagrada

11

Fogo, fome, peste, guerra
crime, roubo e corrupção
treme terra, cai estrelas
seca as águas, afunda o chão
e desprezaram Deus por jogo,
por rádio e televisão

12

Eu vi uma mulher grávida
usando uma costa nua
moça andar corpete
só de biquíni pela rua
aumentando a corrupção
o castigo continua

13

Em Carpina, Pernambuco
está dando leite um touro
mas não da nata, nem queijo
nem da qualha, nem souro
isto é um diagnóstico
de guerra, fome e choro

14

Na semana Santa ouvi
um mangando da Via Sacra
e tem um Boi em Pernambuco
dando Leite como vaca
Deus quando castiga
não é de pau nem de faca

15

No ano setenta e quatro
se sabe o que aconteceu
lavouras, animais e casas
e em grande cheia desceu
eu acho ser um castigo
que a natureza deu

16

O vaqueiro roque a Deus
de todo seu coração
vá a missa, se confesse
Deus lhe dará o perdão
e não queira mais tirar leite
sexta-feira da Paixão

17

Antigamente até rico
jejuava com esmola
quarta, quinta e sexta feira
andava com uma sacola
agora é banho de preia
na cana e na radiola

18

O sangue daquela vaca
representa um pergaminho
o sangue de Jesus Cristo
da coroa de espinhos
com soldados de Herodes
caindo pelo caminho

19

As marteladas e os açoites
a espada do linguinho
cravos, bofetadas e cruz
chagas e coroa de espinhos
leite em sangue representa
Jesus virando água em vinho

20

Assim o mistério Santo
eu já dei explicação
também representa Cristo
a Sagrada Comunhão
a Missa representa
de Cristo, a morte e paixão

21

Fala no apocalipse
relativos e escorpiões
cavalos de olhos de fogo
são carros ou caminhões
fumaceiras e petróleo
pernelongos os aviões

22

Hoje muitas crianças
não toma aos pais a benção
menino aprende a roubar
em filme e televisão
deixa Igreja, a escola
se mete na corrupção

23

Muitas coisas assombrosas
incêndios estrondos e tremores
o mar na França secou
guerra, doenças e clamores
ainda não é o fim
são os princípios das dores

24

Fala no apocalipse
num carimbo que se entende
chegou o tempo, sem ele
todo comércio suspende
nem viaja nem se emprega
nem se compra, nem se vende

25

Saíram os falsos profetas
protestantes, adventistas
macumbeiros, pai de santo
curandeiro' sabatista
espíritas, ateu, jeová
maçon e materialista

26

Os países se comunicam
com América e Japão
a moderna metalurgia
de rádio e televisão
faz foguete vai o céu
faz sua destruição

27

O homem é imagem de Deus
lhe deu ideal fecundo
mas setenta e cinco fez
eu ficar meditando
vaca dá sangue por leite
é sinal do fim do mundo

28

O Jornal Globo é quem traz
notícia de amargura
que caiu sangue do céu
é castigo da natura
subiram de avião
só viram uma nuvem escura

29

Logo causou grande pânico
em toda população
fora a estratosfera
olhando a amplidão
disseram é um castigo
do autor da criação

30

Televisão e Jornal
traz o esclarecimento
do sinal do fim da era
simboliza um de vento
em Goiás cai chuva
de sangue do firmamento

31

Leitores vou terminar
a todos peço perdão
vão à missa e se confesse
vendo um com fome dê pão
compre uma historiazinha
que escrevi da vaquinha
texta-feira da Paixão

Firmino Teixeira do Amaral

Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Mutum

1

Apreciem meus leitores
uma forte discussão
que tive com Zé Pretinho
um cantador do sertão
o qual no tanger do verso
vencia qualquer questão

2

Um dia determinei
a sair do Quixadá
uma das belas cidades
do Estado do Ceará
fui até o Piauí
ver os cantores de lá

3

Hospedei-me em Pimenteira
depois em Alagoinha
cantei no Campo Maior
no Angico e na Baixinha
de lá tive um convite
para cantar na Varzinha

4

Quando cheguei na Varzinha
foi de manhã bem cedinho
então o dono da casa
me perguntou sem carinho:
Cego, você não tem medo
da fama do Zé Pretinho?

5

Eu lhe disse: não senhor
mas da verdade eu não zombo
mande chamar esse preto
qu'eu quero dar-lhe um tombo
ele vindo, um de nós dois,
hoje há de arder o lombo

6

O dono da casa disse:
Zé Preto pelo comum
dá em dez ou doze cegos
quanto mais sendo só um;
mandou um macumanzeiro
chamar José do Tucum

7

Chamou um dos filhos e disse:
meu filho, você vá já
dizer a José Pretinho
que desculpe eu não ir lá
e ele como sem falta
à noite venha por cá

8

Em casa do tal Pretinho
foi chegando o portador
foi dizendo: lá em casa
tem um cego cantador
o meu pai manda dizer
que vá tirar-lhe o calor

9

Zé Pretinho respondeu:
bom amigo é quem avisa
menino, dissei ao cego
que vá tirando a camisa
mande benzer logo o lombo
que eu vou dar-lhe uma pisa

10

Tudo zombava de mim
eu ainda não sabia
que o tal José Pretinho
vinha para a cantoria
às cinco horas da tarde
chegou a cavalaria

11

O preto vinha na frente
todo vestido de branco
seu cavalo encapotado
com um passo muito franco
riscaram de uma só vez
todos no primeiro arranco

12

Saudaram o dono da casa
todos com muita alegria
o velho bem satisfeito
folgava alegre e sorria
vou dizer o nome do povo
que veio pra cantoria

13

Vieram o Capitão Duda
Tonheiro e Pedro Galvão
Augusto Antônio Feitosa
Francisco Manoel Simão
senhor José Carpinteiro
Francisco e Pedro Aragão

14

O José da Cabeceira
e seu Manoel Casado
Chico Lopes, Pedro Rosa
e Manoel Bronzeado
Antônio Lopes de Aquino
e um tal de “Pé Furado”

15

José Antônio de Andrade
Samuel e Jeremias
senhor Manoel Tomás
Manduca João de Ananias
e veio o vigário velho
cura de três freguesias

16

Foi dona Meridiana
do Grêmio das Professoras
essa levou duas filhas
bonitas e encantadoras
essas eram na Igreja
as mais exímias cantoras

17

Foi também Pedro Martins
Alfredo e José Raimundo
senhor Francisco Palmeira
e João Sampaio Segundo
e um grupo de rapazes
do batalhão vagabundo

18

Levaram o negro pra sala
e depois para a cozinha
lhe ofereceram um jantar
de doce, queijo e galinha
para mim veio um café
com uma magra bolachinha

19

Depois trouxeram o negro
e colocaram no salão
assentado num sofá
com a viola na mão
junto a uma escarradeira
para não cuspir no chão

20

Ele tirou a viola
dum saco novo de chita
e cuja viola estava
toda enfeitada de fita
ouvi as moças dizendo:
grande viola bonita!

21

Então para me sentar
botaram um pobre caixão
já velho, desmantelado
desses que vêm com sabão
eu sentei, ele envergou
e me deu um beliscão

22

Eu tirei a rabequinha
dum pobre saco de meia
já meio desconfiado
por estar em terra alheia
ouvi as moças dizendo:
meu Deus, que rabeca feia!

23

Um disse a Zé Pretinho:
a roupa do cego é suja
bote três guardas na porta
para que ele não fuja
cego feio assim de óculos
só parece uma coruja

24

Dissera o capitão Duda
como homem mui sensato:
vamos fazer uma bolsa
botem o dinheiro no prato
que é mesmo que botar
manteiga em venta de gato

25

Disse mais: eu quero ver
Pretinho espalhar os pés
e para os dois cantadores
tirei setenta mil réis
mas vou inteirar oitenta
da minha parte dou dez

26

Me disse o capitão Duda:
Cego, você não estranha
este dinheiro do prato
eu vou lhe dizer quem ganha
pertence ao vencedor
nada leva quem apanha

27

Nisso as moças disseram:
já tem oitenta mil réis
porque o capitão Duda
da parte dele deu dez
se encostaram a Zé Pretinho
e botaram mais três anéis

28

Então disse Zé Pretinho:
de perder não tenho medo
este cego logo apanha
falo sem pedir segredo
tendo isto como certo
botou os anéis no dedo

29

Afinemos os instrumentos
entremos em discussão
o meu guia disse a mim
o negro parece o cão
tenha cuidado com ele
quando entrar em questão

30

Eu lhe disse seu José
sei que o senhor tem ciência
parece que és dotado
da Divina Providência
vamos saudar o povo
com a justa excelência

31

P – Sai daí, cego amarelo
cor de couro de toucinho
um cego da tua forma
chama-se abusa vizinho
aonde eu botar os pés
cego não bota o focinho

32

C – Já vi que seu Zé Pretinho
é um homem sem ação
como se maltrata outro
sem haver alteração
eu pensava que o senhor
possuísse educação

33

P – Esse cego bruto hoje
apanha que fica roxo
cara de pão de cruzado
testa de carneiro mocho
cego, tu és um bichinho
que quando come vira o coxo

34

C – Seu José, o seu cantar
merece ricos fulgores
merece ganhar na sala
rosas e trovas de amores
mais tarde as moças lhe dão
bonitas palmas de flores

35

P – Cego, eu creio que tu és
da terra do sapo sunga
cego não adora Deus
o Deus de cego é calunga
aonde os homens conversam
o cego chega e resmunga

36

C – Zé Preto não me aborreça
com o teu cantar ruim
o homem que canta bem
não trabalha em verso assim
tirando as faltas que tem
botando em cima de mim

37

P – Cala-te, cego ruim
cego aqui não faz figura
cego quando abre a boca
é uma mentira pura
o cego quanto mais mente
inda mais sustenta e jura

38

C – Este negro foi cativo
por isso é tão positivo
quer ser na sala de branco
exagerado e ativo
negro de canela fino
todo ele foi cativo

39

P – Dou-te uma surra
de cipó e urtiga
te furo a barriga
mais tarde tu urra
hoje o cego esturra
pedindo socorro:
sai dizendo: eu morro
meu Deus, que fadiga!
por uma intriga
eu de medo corro

40

C – Se eu der um tapa
num nego de fama
ele come lama
dizendo que é papa
eu rompo-lhe o mapa
lhe rasgo de espora
o negro hoje negro chora
com febre e com íngua
eu deixo-lhe a língua
com um palmo de fora

41

P – No sertão eu peguei
um cego malcriado
danei-lhe o machado
caiu, eu sangrei
o coro eu tirei
em regra de escala
espichei numa sala
puxei para um beco
depois dele seco
fiz mais duma mala

42

C – Negro, és monturo
molambo rasgado
cachimbo apagado
recanto de muro
negro sem futuro
perna de tição
boca de purrão
beijo de gamela
venta de moela
moleque ladrão

43

P – Vejo a cousa ruim
o cego está danado
cante moderado
que não quero assim;
olhe para mim
que sou verdadeiro
sou bom companheiro
canto sem maldade;
eu quero a metade
cego, do dinheiro

44

C – Nem que o negro seque
a engolideira
peça a noite inteira
qu'eu não lhe abrequê
mas este moleque
hoje dá pinote
boca de bispote
venta de boeiro
tu queres dinheiro
eu dou-te chicote

45

P – Cante mais moderno
Perfeito e bonito
como tenho escrito
cá no meu caderno
sou seu subalterno
embora estranho
creio que apanho
e não dou um caldo
lhe peço, Aderaldo
reparta o ganho

46

C – Negro é raiz
que apodreceu
casco de judeu
moleque infeliz
vai pra teus país
senão eu te surro
dou-te até de murro
te tiro o regalo
cara de cavalo
cabeça de burro

47

P – Fale de outro jeito
com melhor agrado
seja delicado
cante mais perfeito
olhe, eu não aceito
tanto desespero
cante mais maneiro
com verso capaz
 façamos e paz
e reparta o dinheiro

48

C – Negro careteiro
eu rasgo-te a giba
cara de guariba
pajé feiticeiro
queres dinheiro
barriga de angu
barba de quando
camisa de saia
te deixo na praia
escovando urubu

49

P – Eu vou mudar a toada
pra uma que mete medo
nunca encontrei contador
que desmanchasse esse enredo
é 1 dedo, é 1 dado, é um dia
é um dia, é um dado, é 1 dedo

50

C – Zé Preto, este teu enredo
te serve de zombaria
tu hoje cegas de raiva
o diabo será teu guia;
é um dia, é um dado, é 1 dedo
é 1 dedo, é 1 dado, é um dia

51

P – Cego, respondeste bem
como tivesse estudado
eu também da minha parte
canto verso aprumado;
é 1 dado, é 1 dedo, é 1 dia
é 1 dia, é 1 dedo, é 1 dado

52

C – Vamos lá, José Pretinho
que eu já perdi o medo
sou bravo como um leão
sou forte como penedo
é 1 dedo, é 1 dia, é 1 dado
é 1 dado, é 1 dia, é 1 dedo

53

P – Cego, agora puxa uma
das tuas belas toadas
pra ver se estas moças
dão algumas gargalhadas
quase todo povo ri
só as moças estão caladas

54

C – Amigo José Pretinho
eu não sei o que será
de você no fim da luta
porque vencido já está;
quem a paca cara compra
a paca cara pagará

55

P – Cego, estou apertado
que só um pinto no ovo
estás cantando aprumado
e satisfazendo ao povo
este seu tema de paca
por favor diga de novo

56

C – Disse uma e digo dez
no cantar não tenho pompa
presentemente não acho
quem o meu mapa rompa;
paca cara pagará
quem a paca cara compra

57

P – Cego, teu peito é de aço
foi bem ferreiro que fez
pensei que o cego não tinha
no verso tal rapidez
cego, se não for massada
repita a paca outra vez

58

C – Arre com tanta pergunta
deste negro capivara
não há quem cuspa pra cima
que não lhe caia na cara
quem a paca cara compra
pagará a paca cara

59

P – Agora, cego, me ouça
cantarei a paca, já
tema assim é um borrego
no bico dum “carcará”
quem a cara cara compra
caca caca cacará

60

Houve um trovão de risadas
pelo verso do Pretinho
o capitão Duda disse:
arreda pra lá, negrinho
vai descansar teu júizo
que o cego canta sozinho

61

Ficou vaiado o Pretinho
aí eu lhe disse: me ouça
José, quem canta comigo
pega devagar na louça
agora o amigo entregue
o anel de cada moça

62

Desculpe, José Pretinho
se não cantei a seu gosto
negro não tem pé, tem gancho
não tem cara, tem é rosto
negro na sala de branco
só serve pra dar desgosto

63

Quando eu fiz estes versos
com a minha rabequinha
procurei o negro na sala
já estava na cozinha
de volta queria entrar
na porta da camarinha

– FIM –

Saiba mais sobre a Muvuca Editora

Baixe nossos outros e-books



**Congada:
Ternos, toadas, reis e rainhas**

Pequeno ensaio sobre as congadas de Minas Gerais, seu contexto histórico, tradições, ternos, toadas, características sagradas e profanas deste cortejo cheio de encantamento místico, louvando reis e rainhas negros.



**Literatura de Cordel
e Realismo Mágico**

Pequeno ensaio sobre a brincadeira sagrada do cavalo-marinho, folguedo típico da zona da mata do Pernambuco, surgido no contexto dos engenhos de açúcar. Um reisado com mais de 76 personagens, cheios de significados profundos: Salve Mestre Ambrósio, Mateu, Bastião e Catirina!

@muvuca_editora

www.muvucaeditora.com